

# Ardente

brenda  
jackson

 HARLEQUIN<sup>®</sup>

 flor  
da pele

EDIÇÃO 008

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Kim sentiu a mão dele levantando seu vestido. O som do farfalhar de seda contra seda fez a mente dela pegar fogo, e quando aquelas mesmas mãos entraram em contato com o ponto mais alto das coxas dela nem mesmo a calcinha foi uma barreira contra os dedos afoitos que buscaram e encontraram uma abertura fácil.**

E logo os dedos estavam entre os cachos, além das dobras, se agitando na umidade e lhe massageando o clitóris. Ela gemeu com a invasão, bem como de prazer, e instintivamente estendeu a mão para o zíper dele e o abriu. Enfiando a mão rapidamente sob o elástico da cueca, Kim envolveu a rigidez inflada do sexo de Duan. Ele afastou a boca da dela e soltou um gemido gutural, e o som primitivo foi algo que ela compreendeu e com o qual se identificou.

## **Querida leitora,**

Esperei ansiosamente para conseguir escrever a história de Duan Jeffries e estou muito feliz por apresentá-lo. Minhas leitoras já conheceram o clã dos Jeffries, quando Reggie Westmoreland se apaixonou por Olivia Jeffries em meu livro *Alto, moreno... arrasador!* Desde então, não consegui mais tirar da cabeça os dois irmãos mais velhos de Olivia: Duan e Terrence.

Amo escrever sobre homens serenos, gentis e sedutores. E, claro, eles também precisam ser lindos. Com Duan, joguei um componente extra: ele é um ótimo faz-tudo. Consegue cuidar de sua garota com uma das mãos enquanto derruba bandidos com a outra. Eu o enxerguei como um par perfeito para Kim Cannon, uma futura médica de espírito livre que pensava saber exatamente o que queria da vida, até Duan aparecer.

Espero que você goste de ler a história de Duan e Kim.

Adoro receber opiniões das minhas leitoras. Você pode enviar um e-mail para [writerbjackson@aol.com](mailto:writerbjackson@aol.com).

**Tudo de bom!  
Brenda Jackson**

*Brenda Jackson*

# **ARDENTE**

Tradução  
*Fernanda Lizardo*



2014

## Capítulo 1

*M*EU IRMÃO tirou a sorte grande.

Esse pensamento passou pela mente de Duan Jeffries enquanto ele estava nos bastidores e assistia a Terrence “Terror” Jeffries guiar sua mulher, Sherri Griffin Jeffries, pelo enorme salão de baile enquanto ambos agradeciam aos inúmeros convidados que haviam comparecido ao casamento.

Desde que conhecera Sherri, Duan percebera que ela era a única mulher que poderia fazer seu irmão caçula feliz. Só de estar na presença deles já dava para sentir o amor que irradiava entre ambos. E mesmo sendo um canalha cínico no que dizia respeito à noção sobre amor verdadeiro, de certa forma aqueles dois lhe transmitiam algum tipo de fé.

O mesmo valia para sua irmã, Olivia, e para o homem com quem ela havia se casado no ano anterior, o senador Reggie Westmoreland. Definitivamente mais uma boa combinação amorosa. Então, tudo bem, dois casos não eram ruins. Ele passeou seu olhar pelo salão, até o pai e a mulher ao lado dele, e riu por dentro. Tá bom, ele tinha que admitir: três casos. Seu pai finalmente havia se casado com sua dedicada assistente administrativa há alguns meses. Duan não conhecia nenhum homem que merecesse o amor de uma mulher bondosa mais do que Orin Jeffries, principalmente depois de todo o inferno no qual a mãe de seus três filhos o enfiara.

Sem querer pensar na mulher que lhe tinha dado à luz, a mesma que havia abandonado o marido e três filhos quando Duan tinha 12 anos,

Terrence 10 e Libby 3, ele olhou para o relógio, sentindo-se cansado e nervoso. Tinha chegado a Chicago no dia anterior e vindo diretamente do aeroporto para a igreja, bem a tempo de comparecer ao jantar de ensaio da cerimônia.

Como detetive particular, nos últimos três meses ele vinha trabalhando praticamente o tempo todo, tentando reunir provas suficientes para entregar a um amigo advogado, o qual estava convencido de que um de seus clientes havia sido acusado de assassinato injustamente. Era um caso duro de roer, e mais difícil ainda tinha sido informar ao homem que a esposa havia armado para ele. Com as provas necessárias para livrar o sujeito de todas as acusações, Duan decolara de Atlanta em um voo direto para Chicago.

Ele olhou para o relógio. Tinha pouco mais de uma hora antes de o casal seguir para o aeroporto internacional de O'Hare e então para uma lua de mel de duas semanas em Paris. Depois que eles partissem, Duan iria para seu quarto de hotel, tiraria seu smoking, vestiria algo mais confortável e...

*Faria o que mesmo?*

Ele não tinha planos imediatos. Andaram dizendo que alguns dos irmãos e primos de Reggie estariam organizando um jogo de cartas mais tarde naquela noite, em um dos quartos. Ele não estava surpreso. Conhecia a maioria dos membros da família Westmoreland desde seus anos de colegial em Atlanta e havia reacendido a amizade com todos desde que Reggie se casara com Libby. A única coisa que sabia era que eles gostavam de jogar, e o jogo escolhido era o pôquer.

Duan resolveu ignorar o jogo depois de se lembrar do que acontecera na última vez que jogara com eles. Quando a partida terminou, estava 300 pratas mais pobre.

*Se não o pôquer, então o que mais havia para se fazer?*

Ele desviou o olhar para a mulher do outro lado da sala, que conversava com os pais da noiva. De repente sentiu um calor primitivo correndo pelo seu corpo. Kimani Cannon. Ele definitivamente adoraria *fazer alguma coisa* com ela.

Ela era a melhor amiga da noiva, e ele tinha ficado atraído por ela desde que esta lhe fora apresentada há alguns meses na festa de noivado de

Terrence e Sherri na Flórida. Ele captou imediatamente a forte química sexual fluindo ali, e o olhar que Kimani lhe lançara era uma promessa de que em algum momento eles iriam se encontrar sob os lençóis de alguém. Mas antes que pudessem fazê-lo acontecer, Duan recebeu uma pista importante sobre um caso no qual estava trabalhando e teve que ir embora.

Definitivamente era bom olhar para ela, com seus olhos escuros e sensuais, um nariz empinado bonitinho e lábios fartos e bem delineados. Ele apreciara particularmente a massa espiralada marrom-escura de cachos que coroava o rosto liso da cor do cacau.

Ela era absolutamente sexy do topo da cabeça, passando pelas curvas bem torneadas e belas pernas, até as solas dos pés. E por falar em pés, ele tinha uma fraqueza quando se tratava de mulheres de salto alto, principalmente se estas tivessem as pernas certas para eles, o que Kim de fato possuía. E o vestido tomara que caia de madrinha, de cetim azul-bebê, que batia abaixo dos joelhos, ficava muito bem nela, mas ele preferiria muito mais vê-la nua. Ele queria saber o quanto seus sonhos se aproximavam da realidade.

Duan tomou um gole de sua bebida e continuou a observá-la. Cobiçá-la, na verdade, era mais a cara dele. E o fato de todo tipo de fantasia perversa estar valsando na cabeça dele não colaborava em nada. Ele conseguia se imaginar fazendo algo quente, ousado e proibido para menores com ela, como se prender entre as pernas daquela mulher e ficar lá até não haver mais nada para se oferecer ou receber.

Os dedos de Duan apertaram a haste da taça de vinho, estava incerto sobre qual parte dela gostava de olhar mais, e rapidamente concluiu que gostava de tudo. Mesmo estando do outro lado do cômodo, ela agitava o sangue de Duan, acendia seus sentidos e o fazia pensar em sexo quente em lençóis sedosos.

Ele respirou fundo e estendeu a mão para afrouxar o nó da gravata, que pareceu apertado de repente. Diabos, até mesmo a cueca estava apertando. E o ribombar em seu âmago, escorrendo em direção à virilha, só podia significar uma coisa. Depois de uma abstinência de seis meses, ele precisava transar. E se perguntava se a mulher do outro lado do salão de algum modo seria favorável a isso.

Mal esse pensamento se formou na mente de Duan, e Kim olhou em direção a ele. Os olhares se encontraram e a química que fluía entre os dois ficou mais densa, mais agitada, crescente. O calor tremulou no ar e então ela quebrou o contato visual. Colocando a taça de vinho na bandeja de um garçom que passava, Kim saiu do salão. Duan ficou observando, hipnotizado pelo balanço dos quadris e pelas pernas lindas de salto alto.

De repente, ele sentiu seus pés se movendo para segui-la.

KIM RESPIROU fundo enquanto passava pelo corredor que levava ao quarto que as madrinhas tinham utilizado para se vestir. Ouviu passos atrás de si e não precisou se virar para saber a identidade da pessoa que a seguia.

*Duan Jeffries.*

Havia alguma coisa nele que a fazia pensar imediatamente em sexo, sexo e mais sexo. Naquele breve instante em que fizeram contato visual no salão de baile, ela detectara a fome crua dentro dele, um desejo tanto possessivo quanto magnético que a atraía para ele, preenchendo-a com um desejo de tê-lo para si de imediato.

Devido aos cortes no orçamento do hospital onde trabalhava como enfermeira do pronto-socorro, Kim não vinha tendo muita vida social recentemente. Ver Duan a fez perceber o quanto ansiava por algum contato pele com pele. Lambê-lo da cabeça aos pés seria um bom começo, mas ela percebeu que não teria tempo suficiente para isso. Uma rapidinha teria que dar conta do recado.

Quatro meses antes, assim que o conheceu, Kim percebeu que em algum momento iriam ficar juntos. As vibrações tinham sido fortes e ela ficou decepcionada quando ele foi embora da Flórida de forma inesperada. E o único motivo que a havia impedido de pular nos braços dele após o jantar de ensaio do casamento na noite anterior foi a última noite de farra com Sherri e as primas dela, no quarto de hotel de Sherri.

Um calafrio de expectativa percorreu seu corpo quando Kim parou diante do quarto. Sem olhar para trás, ela girou a maçaneta, abriu a porta e entrou.

Só então, quando ouviu o som da porta se fechando e o clique da tranca travando atrás de si, é que se virou para ver o que provavelmente eram os

olhos negros mais lindos que qualquer homem poderia possuir. E depois havia os ângulos perfeitos, planos impecáveis e contornos sensuais que compunham um rosto impressionante e pecaminosamente bonito.

Duan deu um passo adiante e Kim inspirou rapidamente quando sentiu a ereção lhe cutucar o ventre. Depois disso, não teve certeza de quem fez o primeiro movimento. Isso não era importante. Tudo o que importava era a boca dele, que baixou até ela, tomando a de Kim com uma fome que ela retribuiu de imediato.

Quando ela encontrou a língua dele com a sua, Duan aprofundou o beijo e prosseguiu. Algo frenético se partiu dentro dela, dentro deles, e um desejo tão cru quanto poderia ser tomou conta.

Kim sentiu a mão dele levantando seu vestido. O som do farfalhar de seda contra seda fez a mente dela pegar fogo, e quando aquelas mesmas mãos entraram em contato com o ponto mais alto das coxas dela nem mesmo a calcinha foi uma barreira contra os dedos afoitos que buscaram e encontraram uma abertura fácil.

E logo os dedos estavam entre os cachos, além das dobras, se agitando na umidade e lhe massageando o clitóris. Ela gemeu com a invasão, bem como de prazer, e instintivamente estendeu a mão para o zíper dele e o abriu. Enfiando a mão rapidamente sob o elástico da cueca, Kim envolveu a rigidez inflada do sexo de Duan. Ele afastou a boca da dela e soltou um gemido gutural, e o som primitivo foi algo que ela compreendeu e com o qual se identificou.

– Camisinha – disse ele, ofegante, e Kim lhe deu espaço para que ele pudesse caçar a carteira nos bolsos da calça. Ele pegou o pacotinho quadrado.

Ela desviou o olhar do preservativo para a ereção, que se projetava orgulhosamente de um montinho escuro de cachos. A ponta do membro era grande e lisa, e as veias nas laterais eram grossas.

Sentindo cada parte de seu corpo queimar, Kim viu quando Duan vestiu a proteção com tanta facilidade e precisão que ela supôs que ele já tivesse feito aquilo várias vezes. Quando a tarefa foi concluída, ele olhou para cima, e aquela olhadela quase queimou a pele de Kim, e a fez lamentar só ter tempo

para uma rapidinha. Saborear cada centímetro dele vagorosamente era algo que ela adoraria fazer. Mas, por enquanto, teria de se contentar com o que podia ter. Ficando na pontinha dos pés, Kim pressionou os lábios úmidos contra os de Duan.

A boca máscula capturou a dela imediatamente, beijando-a com sofreguidão, e ela sentiu Duan puxando seu vestido para cima. Kim tinha a sensação de que aquela seria uma rapidinha diferente de todas que já havia experimentado.

Ele a ergueu, abarcando seus quadris, e ela o envolveu com as pernas instintivamente. Como um radar, o sexo inflado de Duan encontrou seu alvo e ele se impulsionou para a frente, deslizando por entre as dobras úmidas. O tamanho dele a estirou, preenchendo-a ao máximo. E parecia que a ereção ficava cada vez maior conforme ele mergulhava cada vez mais fundo... pressionando as costas de Kim contra a parede.

Ele fez uma pausa, como se quisesse experimentar a sensação de estar encaixado dentro dela, e em protesto os músculos internos de Kim o envolveram fortemente, em seguida relaxaram, repetindo o processo algumas vezes. Ele afastou a boca da dela, jogou a cabeça para trás e soltou um gemido imenso.

Para a satisfação de Kim, Duan começou a se movimentar, pulsando dentro e fora dela em um ritmo que combinava com a batida do coração de Kim. Ela esperava e torcia para o quarto do outro lado estar vazio. Odiaria se alguém quisesse investigar a origem de todo aquele barulho.

Ela sentia cada investida até nos dedos dos pés, que estavam cravados na cintura dele naquele exato instante. A ereção pulsava dentro dela, com a intensidade de um vulcão prestes a entrar em erupção.

Ele se inclinou e lhe aprisionou a boca novamente, beijando-a com avidez. Será que existia alguma coisa que aquele homem não fosse capaz de fazer perfeitamente? Kim gemeu e investiu seu corpo contra o dele, encontrando-o a cada estocada, a cada impulso.

Ela se afastou do beijo, necessitando vê-lo, olhar para o rosto dele, para saber se estava sentindo as mesmas coisas que ela. Uma satisfação feminina pura jorrava dentro dela diante do olhar intenso dele, que lhe dizia que sim,

ele sentia o mesmo. E se aquilo não fosse o suficiente para convencê-la, as investidas eram. Eram poderosas, cada uma era uma estocada precisa, centrando-se no ponto G com precisão clara e um domínio que a fazia ofegar. E ainda assim Duan investiu mais fundo, pulsando com mais força.

E então ela sentiu os primeiros sinais da tensão explosiva crescendo dentro de si e dentro dele também. As coxas musculosas começaram a tremer com uma intensidade que Kim foi capaz de sentir por cima da calça do smoking. E então ele soltou um gemido grave, seguido por um alívio que provocou uma erupção nela, daí Duan pousou a boca sobre a dela para lhe sufocar o grito.

As línguas se enredaram mais uma vez e ela foi devorada pela boca gulosa. Cedendo à paixão reprimida e à luxúria refreada, ela o abraçou enquanto ele continuava a oscilar dentro dela, como se possuí-la de tal maneira fosse seu dever. Seu total direito.

E, naquele momento, era.

DUAN ENFIAVA a camisa na calça enquanto olhava para Kimani. Ela estava alisando seu vestido sobre aquelas curvas exuberantes. A mulher era uma coisa, e mesmo agora, enquanto os tremores do orgasmo de Duan ainda estavam correndo pelo seu organismo, seu corpo estava ansiando por mais. O que é que havia em Kim que o transformava em um bruto ávido quando o assunto era o corpo dela?

Ele respirou profundamente. O cheiro de sexo misturado ao perfume que ela usava provavelmente estava enchendo as narinas dela do mesmo jeito que estava fazendo com as dele. Ele gostava do aroma. Quando Kim estendeu a mão e correu os dedos pelos cachos para ajeitar o cabelo, ele a achou simplesmente linda.

Duan balançou a cabeça. Ele havia acabado de transar com a madrinha do casamento de seu irmão. Diabos, eles estavam bem ao final do corredor da festa.

– Precisamos sair rapidamente se quisermos estar lá quando Terrence e Sherri estiverem indo embora – disse ela, calçando os sapatos que havia descartado. Aqueles saltos altos dos quais ele tanto gostava.

Duan sabia que era um pensamento estúpido, mas o único lugar no qual conseguia se imaginar no momento era ali, com ela.

– E o que vai acontecer se não estivermos lá? – perguntou ele.

Ela olhou para ele com aquele olhar que dizia *dã*.

– Todo mundo vai se perguntar onde estamos. Esqueceu que você é o padrinho e eu sou a madrinha?

Ele desejava poder esquecer se aquilo significasse mais uma rodada de sexo com ela. Aquela não era uma boa hora para lhe contar que as pessoas provavelmente já haviam notado a ausência deles. Podia até não ter ninguém de olho em todos os passos dela, mas Duan tinha certeza de que Libby já teria notado seu desaparecimento a esta altura. Quando o assunto era ele e Terrence, a irmã deles não deixava passar nadinha. E o fato de ela ter se casado não alterara essa característica.

– Você está bonito de smoking, a propósito.

Ele encontrou o olhar dela e não conseguiu evitar sorrir. Duan achava que Kim tinha um par de olhos lindos.

– E você está linda de vestido. Mas posso ser honesto com você sobre uma coisa?

– Sim.

– Eu realmente queria ver você nua.

Ele esperou, aguardando totalmente que ela dissesse que aquilo tinha sido um daqueles acordos fechados e que não haveria próxima vez, e que ele poderia considerar aquela uma oportunidade perdida. Em vez disso, ela caminhou até ele, estendeu a mão para lhe ajeitar a gravata, depois ficou na ponta dos pés e inclinou-se para sussurrar:

– Isso pode ser providenciado. Estou no quarto 822.

Então Kim se afastou, e depois de jogar um sorriso atrevido por cima do ombro destrancou a porta e saiu.

KIM OUVIU seu nome sendo chamado no instante em que entrou novamente no salão de baile. Olhou e viu Sherri indo em direção a ela. Estava tão feliz pela melhor amiga, e realmente acreditava que ela e Terrence seriam felizes juntos.

– Onde você estava? – perguntou Sherri. – Fiquei procurando por você.  
Kim jogou a cabeça para trás e riu.

– Você quer dizer que seu marido finalmente perdeu você de vista?  
Inacreditável.

Ela e Sherri compartilharam um sorriso, e então Sherri disse:

– Sim, mas só por um minuto. – Sua expressão ficou séria. – Prometa-me que vai comemorar sua boa notícia.

Kim pensou sobre a carta que tinha recebido há alguns dias, informando que ela havia sido aceita na faculdade de medicina.

– Prometo que vou comemorar.

Kim sempre quis ser médica, mas seus pais se separaram em seu último ano do ensino médio, fato que causou um grande aperto financeiro. Para piorar, junto àquilo veio a desculpa esfarrapada de que seu pai esvaziara a poupança que a mãe dela havia criado para cobrir os custos da faculdade. Como resultado, Kim teve de recorrer a empréstimos estudantis e, por fim, teve de se contentar com uma graduação em enfermagem.

Ela achava a profissão de enfermeira gratificante e se dedicava, mas agora era hora de seguir a vida e perseguir seu sonho de se tornar médica.

Seu olhar se desviou de Sherri quando ela avistou Duan do outro lado do salão. Tal como tinha dito antes, ele ficava bonito smoking. Alguns homens não ficavam grande coisa de smoking, mas Duan ficava sexy de arrepiar. Definitivamente um colírio dos mais potentes para os olhos. Como se sentindo que ela o observava, ele olhou para Kim, que meneou a cabeça e sorriu.

Sherri notou a troca de olhares e levantou uma sobrancelha.

– Agora... isso não é estranho?

Kim quebrou o contato visual com Duan e se voltou para Sherri.

– O que foi?

– Terrence estava à procura de Duan ao mesmo tempo que eu estava procurando por você. Imagine só isso.

Kim deu de ombros, tentando manter uma expressão séria.

– Sim, imagine só isso.

– Sabe o que acho? – Sherri estava sorrindo.

- Não faço a menor ideia.
- A amiga lhe lançou um olhar de avaliação.
- Acho que você já começou a comemorar.

DUAN DEU passagem enquanto observava os recém-casados saírem em meio a uma chuva de arroz e felicitações. Ele bebeu um gole demorado de champanhe e manteve seu olhar em Kim, ao mesmo tempo que fingia interesse nas conversas acontecendo ao redor.

Ele já havia recusado um convite de Lucas McCoy e Stephen Morales, amigos íntimos de Terrence da época da faculdade, para se juntar a eles e a suas respectivas esposas em uma noite de passeio na cidade. E, conforme previsto, os Westmoreland estavam organizando um jogo de pôquer em uma das suítes.

- Tem certeza de que você não quer se juntar a nós mais tarde, Duan? - perguntou Stone Westmoreland. Duan e Stone tinham feito parte da mesma liga de softball e haviam jogado futebol americano juntos no ensino médio.

- Tenho certeza - disse ele, lembrando o momento exato em que Kim começou a caminhar em direção a uma porta de saída. - Tive uma semana difícil e preciso ir para a cama mais cedo.

A maior parte do que ele disse era verdade. Ninguém precisava saber que a cama onde estaria se metendo não era a dele.

Ele conversou um pouco com Stone e os outros Westmoreland por mais alguns minutos, então se despediu de todos, dizendo que retornaria para casa em segurança. Assim como ele, a maioria deles só faria o check-out do hotel no dia seguinte. Colocando a taça de champanhe vazia sobre uma mesa, Duan apertou o passo quando se dirigiu aos elevadores.

KIM OLHOU ao redor de seu quarto de hotel e viu em um balde de gelo a garrafa de champanhe que Sherri tinha pedido mais cedo. Ela não havia contado a ninguém, exceto a Sherri, sobre sua admissão na escola de medicina da Universidade da Califórnia, em São Francisco.

Kim tinha alguns meses para aceitar a oferta. Ela havia se candidatado a três outras universidades e iria esperar notícias delas antes de tomar uma decisão.

Ela sorriu quando tirou os sapatos. Estava muito consciente de que Duan a estivera observando enquanto deixava a festa, o que significava que ele provavelmente já estava subindo. A rapidinha antes tinha aliviado um pouco da tensão sexual entre eles, mas não toda. Ela havia feito o convite para completar o que tinham começado, então não via nenhum problema se ele retornasse.

Ela gostava dele, e depois do que tinha acontecido mais cedo, gostava ainda mais. Mesmo com uma quantidade limitada de tempo, Duan não se mostrara um amante egoísta. Kim não podia dizer o mesmo sobre o último cara com quem tinha saído, um cirurgião do hospital. Ele deixara muito a desejar.

Kim caminhou até a janela para apreciar a vista do lago Michigan. Vários barquinhos de pesca navegavam pelo lago, bem como uma série de outros barcos de diversos tamanhos. Era tão lindo que ela poderia ficar ali por um tempo só assistindo. Sua mãe tinha planejado comparecer ao casamento com ela, porém telefonara dois dias antes alegando um contratempo e dizendo que não poderia ir. Ela teria gostado de estar ali.

Ao pensar em sua mãe, Kim sacudiu a cabeça. Tinha sido obrigada a mentir para a mãe e para sua tia Gertrude. Ela amava muito as duas mulheres e elas eram bem-intencionadas, mas recentemente tia Gert havia mandado o nome de Kim para os produtores do reality show *Como encontrar um homem bom*. Aquilo foi um pouco demais. E quando o texto de Tia Gert venceu e Kim foi selecionada como concorrente, ela apresentou a única razão plausível para recusar o que sua mãe e sua tia consideravam uma oportunidade de ouro. Kim as convencera de que tinha encontrado um homem bom por conta própria.

Ela se virou ao som da batida à porta. De certa forma, tinha encontrado um homem bom, sim, pelo menos para este fim de semana. Um senso de expectativa a agarrou e ela respirou fundo, mais do que pronta para desfrutar de mais uma rodada de sexo quente, intenso e alucinante.

E desta vez não haveria quaisquer restrições de tempo.

KIM ABRIU a porta e logo o calor começou a se agitar em todas as partes de seu corpo. Ela deu um passo para trás quando Duan entrou na sala.

– Gostaria de uma bebida, Duan?

O sorriso suave que se formou nos lábios dele fizeram os mamilos de Kim enrijecerem.

– Não, obrigado – disse ele, aproximando-se.

– Nesse caso... – Ela estendeu a mão e colocou os braços ao redor do pescoço dele, indo direto para a boca. Em resposta, as emoções turbulentas a consumiram e a fizeram aprofundar o beijo no mesmo instante que Duan.

Ela o sentiu se movimentando, incitando-a a andar para trás, e quando as pernas dela atingiram a cama Kim se afastou para interromper o beijo. Ela olhou para Duan e enxergou as linhas tensas na mandíbula dele, bem como o brilho úmido de seus lábios. E então sentiu a mão dele chegando às suas costas para lhe abrir o zíper. Ele baixou o vestido, juntamente com o sutiã. O homem sabia o que estava buscando. Ele tinha dito que queria vê-la nua e não estava perdendo tempo para conseguir o que desejava.

E então ele passou a usar as duas mãos para sentir os seios nus. No momento em que as almofadas de seus polegares entraram em contato com os mamilos em flor, Kim sentiu o fundo da calcinha umedecer.

O olhar de Duan captou o de Kim apenas momentos antes de ele se abaixar e capturar um mamilo entre os lábios, saboreando-a como se fosse a melhor coisa que ele já havia provado. Ele sugava de forma agressiva. Lambia profusamente. Com força. Avidamente. Momentos depois, ele seguiu para o outro seio.

Quando Kim achava que não conseguiria aguentar mais, ela sentiu seu corpo ser baixado na cama, sentiu o colchão e a manta grossa sob as costas. Duan encaixou a perna no meio das pernas dela, e ela gemeu ao sentir o tecido da calça dele esfregando contra a parte interna de sua coxa. Quando ela estava totalmente convencida de que a boca de Duan estava prestes a levá-la ao limite, ele libertou seu mamilo, levantou a cabeça e encontrou o olhar dela.

- Você tem seios bonitos – disse ele em uma voz grave e rouca.
- Fico feliz por saber que você gosta deles – respondeu ela, roçando os dedos na mandíbula de Duan.

Certa vez alguém disse que era possível medir a força de um homem pelo seu maxilar. Se fosse esse o caso, então Duan Jeffries era o equivalente a Sansão. Ele certamente tinha muito apelo sexual.

- Precisamos tirar o restante de suas roupas – falou ele, descendo as mãos pelo corpo dela lentamente e, em seguida, subindo devagar, permitindo que as pontas dos dedos acariciassem a pele com suavidade, enviando uma felicidade quente por onde quer que passassem.

A pulsação de Kim aumentou e ela puxou o ar para seus pulmões com dificuldade quando o toque dele lhe atormentou a pele. Kim relaxou sobre cama e Duan se ajeitou para lhe dar espaço enquanto ela tirava as meias, jogando-as de lado. Agora ela estava completamente nua, exceto pela calcinha. E quando se inclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos, e ergueu os quadris com um ousado convite inequívoco nos olhos, Duan estendeu a mão e puxou a calcinha coxas e pernas abaixo.

Duan inspirou fundo quando deixou o olhar vagar sobre o corpo nu de Kim. Alguma coisa dentro dele havia estimulado seu desejo de vê-la daquela forma, e ele não estava decepcionado.

Antes de Duan perceber o que ela estava fazendo, Kim saiu da cama para ajoelhar-se na frente dele e foi baixando o zíper. Então, puxou a calça e a cueca, e Duan as tirou. Tirando as peças de roupa do caminho, ela se apoiou nos calcanhares e inclinou a cabeça para olhar para ele, aí sorriu.

- Eu queria fazer isso antes, mas o tempo não permitiu.

Ele inalou com força quando a língua de Kim começou a lambê-lo de cima para baixo e de frente para trás. Aí ela abriu a boca e o deslizou para dentro avidamente, passando a língua ao redor da ponta e, em seguida, abocanhando a extensão de toda a sua masculinidade.

Duan prendeu a respiração e se perguntou se seria capaz de respirar novamente. As sensações eram tão poderosas que ele poderia ter morrido ali mesmo. Já havia concedido aquela liberdade a alguém, mas nunca com tal deliberação ousada. E ao mesmo tempo havia uma doçura nos lábios dela.

Ele jogou a cabeça para trás, gemendo enquanto ela passava a boca e língua pelo membro. A visão de Kim de joelhos, com ele totalmente dentro da boca, subindo e baixando a cabeça enquanto as mãos tocavam os testículos suavemente, levou a ereção pulsante a um estado quase explosivo. Quando o prazer insuportável se intensificou, ele estendeu a mão e agarrou um punhado do cabelo de Kim para manter sua boca ali. Cada célula do seu corpo parecia eletrificada.

As terminações nervosas de Duan foram levadas até o limite e as sensações que disparavam pelo corpo fizeram seu âmagos estremecer.

Quando se sentiu quase no limite, ele agarrou o queixo de Kim e retirou o membro da boca delicada. Ignorando o gemido de decepção dela, ele a ergueu nos braços e rapidamente a recolocou na cama. Duan se deitou com ela, e antes que a mulher pudesse endireitar seu corpo ele já estava lá, empurrando-a para trás. As mãos lhe agarraram os quadris e a cabeça dele foi para o meio das pernas. Agora era a hora de ele usar a língua para agradá-la.

Os dedos dele entreabriram as dobras dela, e no momento em que a língua deslizou para dentro de Kim e ele foi apresentado ao sabor, uma onda de novas sensações o percorreu, fazendo-o agarrar os quadris dela com mais força para trazê-la para mais perto da boca. A língua de Duan se movimentava freneticamente no interior de Kim e ele soube o momento exato em que encontrou o que estava procurando.

- Duan!

Ele recuou a língua e deixou a ponta brincar no clitóris. Então os lábios a encontraram e a devoraram avidamente. Duan precisou segurá-la com as mãos quando Kim começou a se movimentar freneticamente sob sua boca enquanto ele saboreava seu sabor peculiar de mel.

Ela estremeceu apenas alguns segundos antes de gritar. Foi somente após o último espasmo atravessar o corpo de Kim que Duan afrouxou o controle e se afastou para pegar um preservativo na carteira.

Duan o vestiu e voltou para a cama, só para encontrar Kim ainda estendida na mesma posição, tão convidativa quanto qualquer mulher poderia estar.

Aquela posição o estimulou a ficar de quatro sobre o colchão, como um leão capturando sua presa, e quando Duan montou nela, prendendo-a eficazmente debaixo de si, ele encontrou seu olhar. Daí se inclinou e lhe capturou a boca no mesmo instante em que deslizou para dentro de Kim, sem parar, até enterrar fundo.

E então Duan começou a fazer amor com Kim, decidindo que não haveria nada de rapidinha desta vez.

## Capítulo 2

DUAN ABRIU os olhos e os semicerrou contra a luz do sol que fluía pela janela do quarto de hotel. Foi nesse momento que ele sentiu o corpo nu feminino macio descansando contra o seu, de costas para ele, encaixado na posição de conchinha.

Um arrepio de prazer o percorreu quando ele se lembrou de tudo o que tinha acontecido, de tudo o que havia feito ao longo das últimas 14 horas. E ele não estava nem um pouco arrependido. Na verdade, estava excitado de um jeito inédito. Kim havia suprido uma necessidade feroz dentro dele. Fazer amor com ela tinha sido tudo que ele desejara, e muito mais.

Ela o conhecera em todos os níveis e, juntos, eles compartilharam clímax após maravilhoso clímax. Mas por alguma razão aquilo que eles dividiram também era muito mais do que sexo. Kim conseguira atingir um Duan Jeffries que poucas pessoas enxergavam. Aquele que desejava não ser tão disciplinado. Aquele que não necessariamente queria ser um cara legal o tempo *todo*.

Durante sua adolescência, ele não tivera escolha. Era o mais velho dentre os filhos, sendo esperado que fosse um bom exemplo para Terrence e Olivia. Sua mãe já havia causado constrangimentos suficientes ao pai, e Orin Jeffries não precisava que o filho mais velho seguisse os passos da esposa. Então Duan fez tudo direitinho. Apresentou as melhores notas na escola e resolveu dedicar-se ao cumprimento das leis após a faculdade, a fim de manter os

bandidos fora das ruas. De certa forma, seu emprego como investigador particular ainda estava fazendo isso. Ele gostava de seu trabalho. Amava a preservação da paz e certificar-se de que aqueles que infringiam as leis eram colocados atrás das grades.

Mas ainda assim...

Tinha sido divertido dar uma escapada no meio da festa de casamento do irmão para uma rapidinha. E se isso já não tivesse sido vergonhoso o suficiente, antes de Terrence e Sherri seguirem até o aeroporto para a lua de mel, ele tomara a iniciativa de ir até o quarto de Kim, impulsionado pelo desejo de vê-la nua e de fazer mais sexo. Uma vergonha para alguns, mas um prazer total para ele.

Duan estava simplesmente encantado e só conseguia se perguntar o que havia em Kim que o fazia reagir com uma espontaneidade desconcertante, bem como fascinante. O que havia nela que o fazia se tornar um sujeito aberto a assumir riscos?

Seus pensamentos foram interrompidos quando ela se remexeu durante o sono, aconchegando seu traseiro delicioso ainda mais perto dele. Seu membro já estava acordado, e aquele ganancioso safado já estava se estirando. Ele obviamente gostava de sentir o traseiro nu de Kim pressionado contra si.

Duan reprimiu o desejo. Por alguma razão, só queria ficar ali e abraçá-la, compartilhar a essência do calor dela.

Quando ele a abraçou, ela se aconchegou mais pertinho. Duan gostou da sensação de tê-la ali, e com esse pensamento firmemente plantado em mente, fechou os olhos e se juntou a ela no sono.

– A QUE horas você pretende sair hoje, Kim?

Kim olhou por sobre seu prato do café da manhã. Eles haviam acordado há pouco tempo, e depois de tomar um banho solicitaram serviço de quarto. Agora, vestindo os roupões de cortesia oferecidos pelo hotel, estavam comendo na cama.

– Pedi para fazer o check-out mais tarde – respondeu ela. – Isso significa que não vou sair antes das 14h. E você?

– Também pedi o check-out mais tarde. Meu avião só sai às 17h e vou ter bastante tempo para chegar ao aeroporto internacional de O’Hare.

– Meu voo será às 18h. Quer dividir um táxi para o aeroporto? – perguntou ela, bebendo um gole de café.

O sorriso caloroso de Duan enviou uma sensação de calor pelo corpo de Kim, de um jeito que nem mesmo o café tinha feito.

– Sim, vai dar certo desse jeito.

Ela voltou a comer. Estaria retornando para a Flórida, e Duan para sua casa em Atlanta. Embora ambos morassem na parte sudeste do país, um casinho a distância estava fora de cogitação. Kim havia tentado isso uma vez, apenas para descobrir que o sujeito estava vivendo uma vida dupla, com namoradas tanto na costa leste quanto na oeste.

– Gostei muito de ontem e da noite passada, Kim.

Ela olhou para ele e sorriu. Duan definitivamente a fazia sorrir, dentre outras coisas. Ela pensou no que ele tinha acabado de dizer e se perguntou quantos homens de fato agradeciam à mulher depois de uma noite de sexo.

Ela riu.

– Você é um homem que provavelmente aprecia uma mulher bem-disposta. E eu definitivamente estava com disposição. – Ela empurrou o prato para o lado e se apoiou contra um travesseiro. – Você nem precisou ficar mandando cantadas bem boladas. Poupei você do trabalho, mas valeu a pena.

Ela o avaliou por sobre a borda da xícara de café, Duan relaxado na cama com seu roupão. Assim como Kim, ele estava nu por baixo. Provavelmente era o homem mais sexualmente atraente que ela já conhecera. Durante o banho eles fizeram uma série de coisas escandalosas, e Kim sentia sua pulsação acelerando só de pensar no assunto.

– Então... Conte-me algo sobre Duan Jeffries que eu não saiba – pediu ela. Um sorriso tocou os lábios dele.

– Isso é um pré-requisito para dividir um táxi com você?

– Eu poderia fazer com que fosse. – Ela sorriu. – Você nunca sabe em quem pode confiar hoje em dia.

Ele riu.

– E você pode dizer isso depois das últimas 14 horas que passamos juntos?

– Claro, por que não? Então me conte.

Ele bebericou mais um gole de café.

– Diga-me o que você acha que já sabe.

Ela franziu o rosto, como se estivesse se esforçando para pensar, e Duan não conseguiu evitar rir.

– Ei, eu não sou tão complicado assim.

– Eu não disse que você era, então não precisa ficar irritadinho – respondeu ela.

Kim bateu algumas vezes no próprio queixo.

– Eu sei que você tem 36 anos... era policial e então foi promovido a investigador. Agora é dono de uma empresa com outros quatro sócios. Você nunca foi casado e, até onde sei, não tem filhos. E namora nas raras ocasiões em que não está viajando pelo país fazendo trabalhos investigativos.

– Vejo que minha irmã andou fofocando.

Kim deu de ombros.

– O que faz você pensar que foi Olivia quem me contou essas coisas?

– Porque Terrence é mais esperto. Fidelidade de irmão. Ele não vai contar meus segredos e eu não vou contar os dele.

Kim se inclinou para a frente, a sobancelha arqueada.

– Terrence tem segredos?

A diversão passou pelos olhos de Duan.

– Nada com o qual Sherri precise se preocupar, se é por isso que você está perguntando. Eles estão todos no passado. O velho Terror agora é um homem mudado.

– Então conte-me seus segredos, Duan. O bom, o mau e o feio.

Ele sorriu.

– Hum, o bom é que eu dedico um tempo de voluntariado ao clube dos garotos sempre que posso. – Ele fez uma pausa. – O ruim é que tenho baixa tolerância com aqueles que burlam a lei e que, por causa de alguma brecha maldita no sistema penal, se safam de seus crimes.

Kim ouviu a raiva na voz dele.

– Existe algum caso em especial que o irritou?

Não havia nenhuma diversão nos olhos dele agora.

– Houve vários, mas o que sempre me vem à mente é um caso no qual trabalhei, envolvendo uma mulher que foi sequestrada, estuprada e deixada para morrer. Tivemos todas as provas de que precisávamos. Deveria ter sido facilmente solucionado.

– E não foi?

– Não. Um de nossos chefes obteve provas sem um mandado de busca.

Kim recuou, com medo de perguntar.

– Eles retiraram as acusações?

– Não, mas ele foi condenado por uma acusação menos grave.

Kim compreendia a frustração de Duan. Como enfermeira, ela não possuía nenhuma tolerância com a burocracia. Tinha visto muitas pessoas carentes de tratamento tendo seu atendimento negado por causa de problemas administrativos. Essa era uma das razões pelas quais ela pedira transferência para o pronto-socorro. Menos burocracia.

– Mais café?

A pergunta dele a tirou de seus pensamentos e ela sorriu.

– Não, obrigada, estou satisfeita. – Ela olhou para ele por um instante. – Você me contou o bom e o ruim, então qual é o feio?

Duan ficou olhando para a própria xícara quase vazia. Eis um tópico que ele não queria abordar nem com ela nem com qualquer outra pessoa. A feiura em sua vida era sua incapacidade de perdoar a pessoa que o dera à luz. Deus sabia, ele havia tentado. E tinha ido bem longe, chegando a procurar por ela, já adulto, em seus 30 anos, para que ela soubesse que a havia perdoado pelos seus atos, para finalmente dar uma conclusão àquela história.

Em vez disso, ele encontrou uma mulher que não merecia seu perdão. Ou o de Terrence, ou o de Libby. E definitivamente também não merecia o perdão do homem que a amara.

– Essa é uma conversa para outro dia – disse Duan, saindo da cama e estendendo a mão para a cafeteira. Ele tornou a encher sua xícara e olhou

para Kim. – E você? Conte-me seu segredo bom, seu segredo mau e seu segredo feio.

Ela sorriu.

– Isso é fácil de responder e prefiro ir do último para o primeiro.

Ele inclinou a xícara para ela.

– Vá em frente.

– O feio é o meu pai, o bêbado espancador de mulheres. Eu sempre quis ser médica, e ele sabia disso, principalmente porque era eu quem tinha de curar minha mãe dos hematomas que ela ganhava dele. Durante anos ela fez muitas horas extras para economizar dinheiro e realizar meu sonho, só para depois meu pai sacar tudo da conta bancária, bem quando chegou o momento de eu ir para a faculdade.

Ela fez uma breve pausa.

– O segredo ruim é que provavelmente nunca vou me casar, porque a maioria dos homens me vê como uma mulher com temperamento forte. Eu intimido os médicos no hospital, e quando se trata de homens fora do hospital, eles dizem que sou muito franca. As pessoas, os homens em sua maioria, não me compreendem.

Duan imaginava que devia gostar de mulheres de temperamento forte, pois definitivamente gostava dela. Ele até mesmo diria que gostava de mulheres francas. E certamente sentia que a compreendia. Kim era uma mulher que não se importava de ir atrás do que desejava. Na noite anterior e nesta manhã, ela o desejara. Ele não tinha queixas.

– E qual é o segredo bom? – perguntou ele.

O rosto dela se iluminou quando ela olhou para a garrafa fechada de champanhe.

– Isso – disse ela, apontando para o balde de gelo. – Tenho algo a comemorar hoje. Esse é o segredo bom.

– O que você está comemorando?

Ele poderia jurar ter visto o peito dela inflar de orgulho quando Kim disse:

– Meu ingresso na faculdade de medicina. Levei muito tempo, mas finalmente irei cursá-la.

– Parabéns. Qual faculdade? – perguntou ele, verdadeiramente interessado.

– Universidade da Califórnia, em São Francisco. – A empolgação tingia a voz dela. – Candidatei-me a mais três outras faculdades, então não tenho como dizer onde poderia terminar se fosse aceita por elas também. Mas isso não importa. Meu sonho finalmente está se tornando realidade e esperei muito tempo por isso. – Ela ficou pensativa por um instante. – Vou sentir falta de ser enfermeira. Eu gostava tremendamente do trabalho, mas sinto que tenho muito mais a oferecer como médica.

Um enorme sorriso iluminou o rosto de Duan e ele colocou a xícara de lado, retornando para a cama. Estendendo o braço, segurou as mãos de Kim.

– Estou feliz por você e isso pede uma comemoração – disse ele, dando-lhe um beijo nos dedos. Ele soltou a mão dela e se dirigiu ao balde de champanhe. – Não costumo beber tão cedo, mas é uma ocasião muito especial. – Alguns instantes depois, ele tirou a rolha e serviu um pouco do espumante em duas taças.

Kim percebeu que ele estava genuinamente feliz por ela, e não era só fingimento. Ela se recordou então de uma conversa que tivera com Olivia certa vez. A irmã de Duan lhe contara que ele sempre sonhara em ser dono da própria empresa, mas que após a faculdade acabara ingressando na polícia de Atlanta. No entanto, nunca perdera seu sonho de vista, e há alguns anos montara o próprio negócio.

Enquanto Kim o observava atravessar a sala com o champanhe, ela imaginava que ele soubesse tudo sobre perseguir seus sonhos.

– Obrigada – disse ela, pegando a taça oferecida por ele.

Duan sorriu para ela e ergueu seu copo.

– Proponho um brinde à futura dra. Kimani Cannon.

Kim não conseguiu evitar sorrir com orgulho e emoção quando ele tocou a taça dela com a dele, e bebericou um gole, apreciando o sabor borbulhante que corria em sua garganta.

Duan relaxou na cama, ao lado de Kim, e pegou a taça da mão dela, colocando-a no criado-mudo.

– Agora vamos para a comemoração de verdade – disse ele, ainda segurando a própria taça com uma das mãos enquanto abria o cinto do roupão dela com a outra. Ela umedeceu os lábios enquanto o observava abrir o robe, revelando sua nudez.

E, em seguida, com as pontinhas dos dedos, ele traçou lentamente uma trilha a partir da base do pescoço até os seios, descendo para o umbigo e indo mais além, até os caracóis entre as coxas dela.

– Então, o que você me diz sobre sermos totalmente festivos? – sugeriu. E antes que Kim descobrisse o que ele estava prestes a fazer, Duan inclinou sua taça até o champanhe jorrar em cima dela.

Ela respirou fundo quando o líquido frio entrou em contato com a pele. Um arrepio a tomou assim que a bebida seguiu a mesma trilha feita pelos dedos dele, descendo por entre os seios.

– Opa, desculpe, sou um pouco desajeitado – disse Duan, colocando a taça ao lado da dela na mesa de cabeceira. – Acho que eu vou ter que limpar essa bagunça lambendo você.

E ele passou a fazer exatamente isso.

O CELULAR de Kim tocou no momento em que ela se acomodou no banco de trás do táxi. Ela abriu o telefone e sorriu depois de ver o identificador de chamadas.

– Sim, mãe, como você está? Perdeu um casamento maravilhoso.

Ela olhou para Duan. Sentado ao lado, reclinado contra o assento. A mão dele estava na coxa de Kim, e Duan a encarava com um olhar que dizia que não iria demorar muito para deitá-la e fazer o que quisesse.

Kim compreendia. Desde o momento em que saíram furtivamente da recepção do casamento para dar uns amassos naquele quarto, algo louco acontecera entre eles. Era como um vício. O desejo de fazer sexo a toda hora, em todo lugar e de todos os jeitos. O único motivo para manterem o controle agora era em respeito ao motorista de táxi. E havia também o risco de serem presos por atentado ao pudor.

Kim sacudiu a cabeça. Aquilo era loucura. Nunca havia acontecido nada parecido com ela. Era como se os corpos de ambos estivessem agindo por

impulso, sem qualquer pensamento lógico. Isso explicava por que dois adultos acabaram dando uns amassos no elevador enquanto desciam para pegar o táxi.

O sexo entre eles tinha sido fora do comum, o melhor que Kim já havia feito. Cada orgasmo, e foram muitos, se provou melhor do que o anterior. E ela gostava do fato de Duan ser um amante tão hábil. As últimas 24 horas tinham sido as mais prazerosas e memoráveis de sua vida.

– Estou bem, querida, e odiei ter perdido o casamento – disse a mãe dela, capturando a atenção de Kim de volta à conversa, mas sem conseguir afastá-la completamente de Duan. Kim sentia um friozinho na barriga diante da proximidade dele, pelo modo como estava olhando para ela com todo aquele calor. – Vou telefonar para Sherri assim que ela retornar da lua de mel – acrescentou a mãe. – Mas agora estou pronta para lhe contar por que não pude acompanhá-lo a Chicago.

– Tudo bem. – Kim tentava se concentrar totalmente na conversa com a mãe... na medida do possível.

Toda vez que olhava para Duan, ela ficava excitada. Com ele, havia ganhado uma ousadia que era novidade para ela. Dar uns amassos em um sujeito em um quarto vazio durante a recepção de casamento da melhor amiga certamente fora um exagero.

Kim se obrigou a voltar a atenção para a mãe. Quando telefonara, alguns dias atrás, ela havia sido muito reticente sobre o motivo que a impediria de comparecer ao casamento. Depois de convencê-la de que estava bem, Wynona Cannon Longleaf Higgins Gunter assegurara à filha de que iria revelar tudo mais tarde.

Na última vez que a mãe dela se comportara de tal forma, havia um homem envolvido na história. Kim não invejava o fato de a mãe conhecer alguém para ser feliz. Ao 55 anos, Wynona ainda era atraente, embora Kim tivesse levado muito tempo para convencê-la a acreditar nisso. Seu pai abusivo persuadira a esposa de que, se ela o largasse, nenhum outro homem iria querê-la... e onde ela estaria se não houvesse um homem para cuidar dela...?

Infelizmente, Wynona permaneceu com o marido, aceitando seus abusos, tanto física como mentalmente. Kim nunca se esquecera de seu último ano do Ensino Médio, o modo como sua mãe chegara ao pronto-socorro depois de um dos espancamentos, e foi então que Wynona se convencera de que aquela seria a última surra que alguém lhe daria. Ela dissera a Kim, em meio às lágrimas, que não queria que a filha presumisse que uma mulher deveria tolerar o abuso físico.

Ao passo que Kim estava grata por sua mãe finalmente ter reunido forças para abandonar o pai dela, a única outra coisa da qual Wynona precisava se livrar era da noção de que uma mulher necessitava de um homem para sobreviver. Essa crença era a razão pela qual Kim acabara tendo três padrastos depois. Embora nenhum fosse abusivo como seu pai, os quatro careciam de substância, e nenhum dos casamentos chegou a durar mais de um ano ou dois.

Quando Wynona não disse nada, Kim incitou:

– Então... Por que você não pôde ir ao casamento, mãe?

– Eu conheci alguém – respondeu ela.

Kim notou a emoção na voz da mãe e imaginou o sorriso tonto que devia estar em seu rosto. *Ai, cara*, pensou ela enquanto se recostava no assento. O movimento a deixou mais perto de Duan, que automaticamente passou o braço em torno de seu ombro. O calor a varreu, como se Duan tivesse pressionado algum botão.

– E quem você conheceu? – Kim se ouviu questionando a mãe.

– O nome dele é Edward Villarosas e ele é muito bom.

*Todos eles são bons no início*, pensou Kim, lembrando-se dos outros homens com quem a mãe tinha se casado. Primeiro foi Boris Longleaf, que Wynona conhecera durante seu trabalho voluntário fazendo cultos religiosos na cadeia. Pelo menos ele não era prisioneiro, mas um dos guardas. Parecia bom o suficiente, até a mãe de Kim descobrir um ano depois do casamento que Boris tinha preferência por homens.

Aí houve Albert Higgins, um funcionário da manutenção do condomínio para onde Wynona se mudara depois de seu divórcio de Boris. Havia algo

sobre Albert no qual Kim não confiava, e suas suspeitas foram confirmadas quando ele foi preso por participação em um roubo de carro.

E por último, mas não menos importante, houve Phillip Gunter, o único que tentara se aproximar de Kim. Durante todos os casamentos de sua mãe, Kim tinha ficado afastada, na faculdade, e só aparecia quando retornava para casa durante as férias ou feriados.

Assim que conheceu Phillip ela soube que ele seria encrenca, e quando ele tentou encurralá-la na lavanderia ela lhe deu o “chute certo na virilha” que aprendera na televisão. Quando a mãe desceu correndo depois de ouvir o homem urrando de dor, ele teve a audácia de dizer que tinha sido Kim quem o havia abordado. Claro que Wynona não acreditou e o mandou arrumar as malas e ir embora.

Então depois de quatro casamentos fracassados, Kim esperava que enfim a mãe encontrasse alguém para fazê-la feliz. Mas com o histórico da Wynona, ela não estava muito certa se isso aconteceria.

– Conte-me tudo sobre o bom Edward – disse Kim, tentando manter o sarcasmo longe da voz.

– Edward e eu nos conhecemos no supermercado e as coisas entre a gente começaram a ficar sérias bem depressa.

Kim revirou os olhos.

– Aposto que sim.

– Você vai gostar dele.

*Duvido. Você disse a mesma coisa sobre os outros.*

– Quando eu poderei conhecê-lo?

– Hum, quando você vier para o casamento, dentro de três semanas.

– O quê!? – Kim quase pulou do banco.

– Você está bem, Kim? – perguntou Duan, inclinando-se para ela com preocupação. O hálito quente contra seu rosto lhe causou formigamentos.

Ela balançou a cabeça rapidamente e sussurrou:

– Sim, estou bem.

– Kim, com quem você está? Com seu noivo?

Kim revirou os olhos e balançou a cabeça. Fazia quase dois meses desde que havia contado tal mentira, e agora todo mundo ainda estava na

expectativa de conhecer seu noivo.

– Kim?

Em vez de abordar a questão de seu noivo de mentirinha, ela disse:

– Mãe, não pode se casar em três semanas. O que você sabe sobre esse cara?

– Conheço-o o suficiente para acreditar que Edward é um bom homem. Ele é divorciado como eu e nós nos divertimos juntos. Ele me pediu em casamento e aceitei. Fique feliz por mim. Estou feliz por você. Você não sabe o quanto eu e tia Gert ficamos contentes quando você contou sobre seu noivo. Durante muito tempo eu me culpei por sua aversão ao casamento, pois fiquei com seu pai mesmo quando ele era tão abusivo comigo. Eu sei que foi isso que fez você rejeitar casamentos. Eu deveria tê-lo largado antes.

*Sim, você deveria tê-lo largado antes, pensava Kim. Mas não por minha causa, e sim para seu próprio bem.* Embora fosse a primeira a admitir que nunca quisera se casar por causa do abuso que testemunhara por parte do pai, Kim não queria que Wynona se sentisse culpada por isso.

Kim bufou de maneira frustrada.

– Mãe, por favor, prometa que não vai fazer nada até eu chegar aí.

– E quando você planeja vir? A família quer que eu faça mais uma festa de casamento, mas Edward e eu estamos nos coçando com a ideia de apenas voar para Las Vegas e...

– Não, mãe, não, por favor, nada de Las Vegas de novo. Você não aprendeu nada?

– Kimani Cannon, eu não vou permitir que você use esse tom comigo. Não telefonei para obter sua permissão para me casar com Edward. Estou apenas informando sobre o casamento. Mas se você realmente quer conhecê-lo, então sugiro que tire um tempo para fazê-lo.

– Acho que vou fazer isso, mãe.

– Ótimo. E não se atreva a vir sem trazer o rapazinho com você – disse Wynona com uma voz severa. – Mal posso esperar para conhecê-lo e, como eu disse, o fato de você estar apaixonada tirou do meu coração um peso que tenho carregado há muito tempo.

– Mãe, eu...

– Não, querida, por favor, deixe-me terminar. Eu sei que você não entende por que continuo pulando de homem em homem. Talvez eu esteja tentando encontrar algo que perdi durante todos esses anos que passei com seu pai, permitindo que ele me agredisse. Eu estou bem agora. Eu gosto de Edward. Ele vai ser bom para mim. Mas saber que você superou o abuso que presenciou em nossa casa tem sido meu maior desejo. Fiquei rezando para um homem bom entrar na sua vida, e agora ele entrou. Mal posso esperar para conhecê-lo, então não se atreva a pensar em voltar para Shreveport sem ele. Tchau, querida.

Wynona desligou e Kim percebeu que não havia chegado a lhe contar a boa notícia sobre a faculdade de medicina. Ela suspirou profundamente, sabendo que tinha se metido em uma situação complicada ao mentir sobre o tal noivo. Sherri bem que avisara que em algum momento ela iria ser desmascarada.

– Está tudo bem, Kim?

Kim olhou para Duan. Por um momento havia se esquecido de que estava no táxi com ele enquanto cruzavam pelas ruas de Chicago rumo ao aeroporto.

Ela suspirou fundo e, quando ele abriu os braços, aninhou-se mais perto dele.

– Sua mãe está bem? – quis saber ele, a preocupação na voz.

Kim mordeu o lábio e respondeu:

– Se você chama o planejamento do quinto casamento de “bem”, então, sim, ela está muito bem.

## Capítulo 3

DUAN NÃO tinha certeza se havia ouvido corretamente.

– Sua mãe foi casada quatro vezes?

– Sim.

Ele achou aquilo simplesmente incrível, considerando que sua mãe também tinha sido casada muitas vezes. Ele se remexeu no banco e o corpo de Kim se movimentou automaticamente junto ao dele. Duan já havia tido encontros de uma noite apenas, mas nenhum tinha esticado até o café da manhã, ou a uma corrida de táxi para o aeroporto. Quando acabava, acabava. Nunca havia ocorrido quaisquer trocas de cartões de visita ou promessas de contato. Mas sabia que ele e Kim se veriam outra vez. Aquele fim de semana só não tinha sido suficiente.

– Eu contei um pouco sobre meu pai ter sido a parte feia na minha vida nesta manhã, e sobre como ele abusou de minha mãe. O que não contei foi que eles se separaram quando eu estava no ensino médio. Considerei um dos dias mais felizes da minha vida. Ele era um valentão da pior espécie.

– E sua mãe ficou com ele todos esses anos?

– Sim. Ela sempre se convenciu de que ele iria melhorar. Ele foi inteligente o suficiente para se mudar com a gente para Nova Orleans, afastando-a da família dela durante esse tempo. Ela se mudou de volta para Shreveport há alguns anos para ficar perto da família e cuidar de minha avó, que já faleceu. Agora mamãe quer refazer sua vida e acredita que há um homem bom lá

fora destinado a ser dela. Até agora, ela teve quatro desajustados e eu tenho medo de este quinto ser igualzinho.

Duan balançou a cabeça. Era irônico a mãe de Kim estar buscando um homem bom quando sua mãe tivera um e não se mostrara satisfeita. Vai entender.

– Minha mãe se casou quatro vezes também – ouviu-se dizendo.

– Casou?

– Sim. – Duan se perguntava por que havia lhe revelado aquilo. Ele nunca falava com ninguém sobre sua mãe. E mesmo com Olivia e Terrence, o nome dela surgia em raras ocasiões.

Kim estava sentada perto dele, praticamente em seu colo. Ele sentiu seu desejo por ela ascender novamente, e tinha expectativas de que o táxi chegasse ao aeroporto antes de ele ficar tentado a fazer algo que pudesse ser manchete no jornal *Chicago Sun-Times*.

– Na última vez que a vi – disse Duan –, ela estava ponderando sobre o marido número 5. Mas isso foi há seis anos. Ela deve estar no número 10 agora.

Kim lhe lançou um olhar estranho.

– Você está brincando, não está?

A expressão dele foi ilegível quando disse:

– Eu nunca brinco quando se trata da mulher que me deu à luz.

Havia uma ponta de frieza na voz dele e Kim descobriu que o tema do abandono por parte da mãe era uma ferida, assim como a obsessão da mãe dela em considerar perfeito o sujeito que estivesse com ela no momento.

*O homem perfeito.*

Tal homem não existia. Mas esse era o sonho de sua mãe, e Kim sabia tudo sobre perseguir sonhos. Assim como ela compreendia o desejo da sua genitora de ver a única filha casada. Wynona pensava ter falhado como mãe e esposa. Nem era verdade, mas, até que mãe e filha estivessem bem casadas, ela sempre acreditaria nisso.

O banco de trás do táxi ficou silencioso, como se Duan estivesse concedendo a Kim tempo para pensar, e então ele perguntou:

– Quando é o casamento?

Ela esfregou o rosto.

– Eles querem se casar dentro de três semanas, o que me coloca em uma encrenca maior ainda por causa de uma mentira que contei.

– Qual mentira?

– Que estou noiva.

Diante do olhar de surpresa de Duan, Kim disse:

– Tudo bem, admito que foi uma mentira e tanto, mas, nesse caso, eu tinha um motivo para mentir. Minha mãe e a irmã dela, tia Gertrudes, acreditam que minha exposição ao relacionamento dos meus pais por todos esses anos seja o motivo pelo qual não estou no que elas chamam de um *relacionamento saudável* com um homem.

Ele deu de ombros.

– Provavelmente isso seja verdade. Pelo menos, para mim, funciona desse jeito. Eu não tenho certeza se consigo confiar plenamente em uma mulher depois do que minha mãe fez com meu pai. Sei que nem todas as mulheres são iguais, assim como tenho certeza de que você sabe que nem todos os homens são iguais. Mas, ainda assim, é compreensível que qualquer pessoa que testemunhou tudo queira proteger seu coração.

Kim assentiu. O que ele dizia fazia sentido. O casamento de seus pais havia influenciado sua maneira de pensar.

– Mas eu não quero que minha mãe fique sofrendo com isso e se preocupe desnecessariamente. Estou feliz com meu estado civil, e acho que mamãe iria facilitar muito se não fosse pela tia Gert. Ela é uma romântica incurável. E também viciada em realities shows na TV. Há alguns meses, sem eu saber, ela apresentou meu nome e biografia ao programa *Como encontrar um homem bom*. Acredite ou não, fui a única selecionada para participar de uma caçada televisionada para encontrar um bom homem.

Duan riu.

– Você está brincando, certo?

– Acredite, não estou, não. De qualquer forma, eles queriam me surpreender, e com certeza conseguiram quando a equipe de filmagem apareceu no hospital. A única coisa que pude fazer foi mentir e dizer que eu tinha ficado noiva logo após tia Gert ter apresentado minhas informações ao

programa. – Ela balançou a cabeça. – Isso deixou todo mundo feliz e fui deixada em paz. E até hoje ninguém me perguntou o nome do meu noivo. Mas, tal como Sherri avisou, fui pega na mentira. Agora mamãe quer conhecê-lo. Não dá para adiar isso mais.

– Simplesmente conte a verdade.

Ela revirou os olhos.

– Você não conhece minha família, principalmente a tia Gert. Eu chegaria a ponto de dizer a ela para parar de cuidar da minha vida, mas sei que ela tem as melhores intenções, então não posso fazer isso. Quando eu voltar para casa na semana que vem, não só vou ter que conhecer meu suposto quarto padrasto, como também levar um homem a tiracolo para Shreveport para apresentar como meu noivo. Um falso noivo, pelo menos.

Duan achava que seria mais sábio da parte dela apenas confessar a verdade à família. Mas se Kim não fizesse isso e levasse um homem para casa... Por algum motivo um lado dele não gostava daquela ideia. Ele sabia que as decisões de Kim eram da conta dela e de mais ninguém. Mas ainda assim...

– Você tem alguma perspectiva? – perguntou ele, olhando para ela. Não era a primeira vez que achava seus olhos castanhos lindos. Ele se lembrava de ter olhado para eles durante o clímax. Várias vezes.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Perspectiva?

– Você sabe. Caras dispostos a fazerem o papel de seu noivo.

Kim deu de ombros. Ela pensou imediatamente em Winslow Breaker. Ele era um cirurgião no hospital que passara meses atrás dela. O único problema era que ela imaginava muito bem o que o bom e velho Winslow iria esperar em troca. E ela não sentia nada por Winslow. Nunca sentira.

– Talvez – Kim ouviu-se dizer.

Duan xingou baixinho, perguntando por que ele ao menos se importava. Tal como já havia constatado, o que ela fazia não era da conta de mais ninguém.

Ele percebeu a placa enorme que indicava que o aeroporto estava a menos de 15 quilômetros de distância, e sabia o que queria fazer antes de eles se

separarem.

Remexendo-se no banco, ele estendeu a mão e correu a ponta do dedo pelo rosto de Kim, o olhar preso aos lábios dela.

– Parece-me que você tem um plano, e tenho certeza de que as coisas vão trabalhar a seu favor. Enquanto isso – ele baixou um pouco a voz, falando de maneira mais gutural –, eu gostei de ficar com você nesse fim de semana.

E então Duan baixou a boca até encontrar a de Kim.

DUAN JÁ havia considerado doce o sabor dela, mas, depois de investir a língua entre os lábios entreabertos e sorver seu gosto avidamente, ele percebera que Kim era a mulher mais fascinante que ele já havia tido o prazer de conhecer. Definitivamente a mais saborosa.

As línguas se encontraram, se fundiram, se acoplaram e agitaram ondas de prazer dentro dele. E então veio a paixão, à qual ela retribuía desenfreada e flagrantemente a cada vez que eles se beijavam. Ele assumia o comando do beijo, ela o acompanhava, e então ela virava a mesa e reclamava seu controle.

E foi ali, enquanto saboreava o calor úmido e a fome da paixão escaldante de Kim, que Duan cedeu à plena consciência do que o fato de estar com ela implicava. Com Kim não havia fronteira sensual, nenhuma área restrita ou limite para se proteger. Havia apenas aquilo: rendição absoluta e um desejo por mais.

– Você disse que seu voo seria pela Delta Airlines, certo?

Duan se afastou da boca de Kim e inclinou a cabeça para olhar para o taxista, que havia se virado para olhar para eles com um sorrisinho bobo. Compreensivelmente, uma vez que ambos tinham sido flagrados em um beijo quente. E Duan tinha conseguido a façanha de puxá-la para seu colo e encaixar o corpo dela no seu.

– Sim, vou voar pela Delta. – Então, ignorando o homem, ele se inclinou e roçou os lábios nos dela mais uma vez antes de sussurrar: – Tenha uma boa viagem de volta para Key West, Kim.

Relutantemente, ele a tirou de seu colo. Duan sentiu um tranco por dentro ao encarar a ideia de que se separariam ali. Quando o motorista

encostou o táxi, Duan abriu a porta e fez um movimento para sair. Então olhou para Kim.

Naquele momento, algo o levou a dizer:

– Tenho algum tempo livre, então que tal me colocar na sua lista de perspectivas?

Ele sorriu diante do olhar atordoado dela.

– Você está falando sério? Você cogitaria fazer isso por mim?

– Sim, eu faria. – Ele pegou a mão dela, levou-a aos lábios e deu um beijo em seus dedos. Sentiu o calor entre eles imediatamente.

Soltando a mão dela, Duan virou-se para sair do táxi.

– Não se surpreenda se eu resolver aceitar sua oferta, Duan – alertou Kim.

– Então tudo o que vou precisar fazer é me concentrar em mamãe, para me assegurar de que ela sabe o que está fazendo com Edward Villarasos.

Duan virou-se, oferecendo toda a sua atenção a Kim. Lutando para não franzir o rosto, ele repetiu:

– Edward Villarasos?

Ela assentiu.

– Sim. Ele é o homem com quem minha mãe planeja se casar.

DUAN SACOU o celular no momento em que saiu da área de revista de bagagem. Não perdeu tempo discando para o número de seu escritório. Landon Chestnut, um dos investigadores particulares que trabalhavam com ele na Peachtree Investigações Particulares, normalmente fazia os plantões nas tardes de domingo. Havia três outros sujeitos na empresa: Antron Blair, Brett Newman e Chevis Fleming.

– Ei, cara, como foi o casamento? – perguntou Landon, atendendo no terceiro toque.

– Muito bom. Os recém-casados devem estar em Paris agora. – Duan fez uma pausa e então perguntou: – Pronto para receber uma bomba?

– Sobre o quê?

– Não é o quê, Landon, mas quem. Edward Villarasos.

Duan ouviu os palavrões do amigo e entendeu o motivo. Quando ainda era um detetive na polícia, Landon convivera com a frustração por ter

deixado Villarosas escapar. Duan já havia saído do departamento e já estava trabalhando em sua empresa quando o caso Villarosas caiu no colo de Landon.

As duas esposas do sujeito tinham sido dadas como desaparecidas, com cinco anos de diferença entre o sumiço de uma e outra, no entanto, não houve associação entre o desaparecimento de nenhuma das duas. Até hoje Duan conseguia se recordar da frustração e da tristeza de Landon em todas as vezes que dera em um beco sem saída durante sua investigação. Havia abundância de becos sem saída, mas não de cadáveres. Se Villarosas fosse culpado, ele tinha encoberto bem seus rastros. O fracasso de Landon com o caso tinha sido um dos motivos para ele abandonar a polícia e se juntar à empresa de Duan.

– Acho que nunca vou esquecer esse cara – disse Landon finalmente.

– Bem, se for o mesmo Edward Villarosas, e eu tenho um palpite de que seja, sim, ele está prestes a se casar de novo – falou Duan, sentando-se perto de seu portão de embarque.

– É com alguém que você conhece? – quis saber Landon.

– Não diretamente. A pretensa noiva é mãe da melhor amiga da esposa de Terrence. Ela o mencionou alguns instantes atrás, em uma corrida no táxi que dividimos até o aeroporto. Parece que ele está morando na Louisiana agora.

– Ouvi dizer que ele se mudou de Atlanta. Você acha que ele contou à futura noiva que foi acusado de sumir com duas de suas esposas anteriores?

– Duvido – falou Duan.

– Devo admitir. Eu adoraria reabrir os casos para ver se deixei passar alguma coisa da primeira vez. O sujeito tinha álibis sólidos, mas havia algo nele que eu não engolia. No fim das contas, não havia nada confiável que pudéssemos usar para tirar o caso da categoria de pessoas desaparecidas e classificar como homicídio. Ele alegou que as mulheres o abandonaram por outros homens.

– Talvez eu tenha a oportunidade de reunir mais informações, se eu for convidado para o casamento dentro de três semanas. Kimani Cannon

precisa de um acompanhante, e imagino que, como vai encontrar Villarosas pela primeira vez, ela vá querer ir para Shreveport um pouco mais cedo.

– A oportunidade de passar até uma semana com Villarosas pode levá-lo a confessar algo que ele não revelou cinco anos atrás – disse Landon. – Ele se preocupou em amarrar bem as histórias durante a investigação. Outra vantagem é que ele não iria reconhecer você, uma vez que você já havia saído da polícia na época.

Duan sabia que Landon estava certo, ele tinha mesmo uma vantagem. Mas não estava absolutamente certo se Kim iria convidá-lo para ir com ela.

– Quando você vai saber se será o acompanhante da srta. Cannon?

– Possivelmente na próxima semana. Vou telefonar para lembrá-la de que estou disponível.

– Você vai relatar os fatos a ela?

Duan pensou na pergunta de Landon por um instante. Se contasse a Kim, ela definitivamente não deixaria sua mãe se casar. Além disso, por mais que ele quisesse pensar de outra forma, o ex-policia! nele tinha que se lembrar de que o homem era inocente até prova em contrário. E, embora Villarosas tivesse sido o principal suspeito no caderninho de Landon, ele nunca fora acusado de qualquer crime.

– Não, não vou dizer nada a ela ainda – concluiu Duan.

Ele finalizou a ligação com Landon e, um pouco mais tarde, quando seu voo foi anunciado, Duan percebeu que não poderia perder tempo, e que deveria montar um plano para ter certeza de que seria ele o homem a acompanhar Kim a Shreveport.

## Capítulo 4

**K**IM ACORDOU na segunda-feira de manhã na própria cama, com seus hormônios em polvorosa. E tudo por causa do sonho da noite anterior, que basicamente revivia os momentos que ela havia passado na cama com Duan no fim de semana.

Havia algo no toque dele que era diferente de qualquer outro homem. Ela riu quando se lembrou do dr. Allen Perry, um dos cirurgiões premiados do hospital, que achava que suas mãos, tanto dentro como fora da sala de cirurgia, eram extraordinárias. Mas aquelas mãos não tinham nada a ver com as de Duan. A forma como os dedos deste roçaram na pele dela, acariciando-a em determinadas áreas, especialmente entre as pernas, estimulando anseios que ela nunca havia sentido...

Kim fechou bem os olhos. Como estava de folga hoje, poderia ter mais uma horinha ou mais de sono para reviver aqueles momentos libidinosos nos braços de Duan. Ela não precisaria voltar ao hospital até o dia seguinte, e aí teria que abrir uma brecha no calendário na próxima semana para ir para casa.

Ela sorriu quando se lembrou da infância em Shreveport, entre os familiares de seu pai convencendo sua mãe a se mudar para Nova Orleans em busca de melhores oportunidades de emprego. Foi quando as agressões começaram, e não importasse o quanto Kim tivesse tentado, ela não

consequira persuadir a mãe a abandoná-lo e voltar para casa, para sua família.

O som do telefone tocando acabou com qualquer esperança de dormir mais um pouco. Abrindo os olhos, ela se inclinou e pegou o celular, sem reconhecer o número, esperando ser engano.

– Alô.

– Estou aqui sentado à minha mesa e lembrando de um fim de semana incrível.

Ela sorriu, reconhecendo a voz grave e rouca imediatamente. Não havia necessidade de perguntar como ele tinha conseguido seu número, pois Kim o havia informado a ele antes de saírem do hotel. Ela imaginara que Duan fosse procurá-la na próxima vez em que estivesse na Flórida para visitar Terrence. Não era problema algum se ele o fizesse. Kim tinha gostado da companhia dele, e seu comportamento no quarto fora perfeito.

Kim também era inteligente o suficiente para saber que, quando um homem telefonava para dizer o quanto havia gostado do tempo passado com ela, provavelmente estava prestes a marcar um repeteco.

– Você acredita que estou fazendo a mesma coisa? – questionou ela, sem nenhum desconforto em admiti-lo.

– Fico feliz por ouvir isso. E eu estava pensando...

Um sorriso de expectativa tocou os lábios dela

– Pensando o quê, Duan?

– Prometi a Terrence que daria uma olhadinha na casa dele enquanto ele estivesse fora esta semana. Parece que ele e Sherri compraram móveis novos para a suíte, que serão entregues na sexta-feira. Eu lhes disse que ficaria feliz em voar para a Flórida para me certificar de que tudo seria entregue direitinho.

Kim riu baixinho. A suíte nova tinha sido ideia de Sherri. Sua melhor amiga preferia não ter que ver todas aquelas ranhuras na cabeceira da antiga cama de Terrence.

– E eu estava me perguntando se poderia ver você novamente enquanto estivesse na cidade – falou Duan.

Kim se apurou na cama, apoiando as costas no travesseiro. Não havia nada de errado em se divertir, contanto que ela soubesse onde estava se metendo. E a única coisa que ela sabia *de fato* era que qualquer caso com Duan seria seguro, desde que ele não estivesse mais interessado do que ela em um relacionamento sério.

Pessoalmente, Kim não tinha tempo ou disposição para qualquer coisa séria. Conforme dissera a Duan, por causa de seu pai, ela não conseguia confiar plenamente em um homem. E agora lhe havia sido oferecida a oportunidade de perseguir o sonho da qual fora privada por uma boa quantidade de anos. Ela estava de volta aos trilhos e não havia nenhum homem vivo capaz de desviá-la. Além disso, ela tinha tomado a decisão de nunca mais se envolver em um relacionamento a distância.

E ela também sabia que ele não estava interessado em algo sério porque praticamente deixara isso bem claro no trajeto de táxi para o aeroporto. Duan havia afirmado que, por causa de sua mãe, nunca conseguiria confiar plenamente em uma mulher.

– Eu adoraria ver você novamente. – E como ela conhecia exatamente o motivo daquele telefonema, acrescentou: – Para passar o tempo nos lençóis com você.

Não havia necessidade de ser tímida, e quando se tratava de sexo Kim não tinha pudores em tomar a frente, principalmente se isso significasse chegar onde ela queria ir.

Houve um breve silêncio na linha e, em seguida, Duan comentou:

– Adoro seu jeito de pensar, Kimani Cannon. Como vai estar sua agenda nesse fim de semana? Terrence me emprestou o barco dele e eu estava pensando em usá-lo para pescar no sábado. Você gostaria de ir junto?

Ela sabia que Terrence era dono de um verdadeiro mini-iate de luxo de 40 pés.

– Parece ótimo e eu adoraria – respondeu ela, pensando em todas as possibilidades. De acordo com Sherri, o iate de Terrence tinha uma cabine com uma cama confortável. Kim duvidava de que fosse se dedicar muito à pescaria, o que não era um problema, já que ela nunca havia feito amor em um barco.

– Maravilha. Vou buscar você na sua casa no sábado de manhã, por volta das 8h. Qual é o endereço?

Ela forneceu o endereço e então finalizou a ligação.

Não havia como negar. Kim definitivamente estava ansiosa pelo fim de semana.

DUAN DESLIGOU o telefone e se recostou na cadeira. Estava impotente em controlar o latejar em seu peito diante da perspectiva de passar o fim de semana com Kim outra vez. E, no fundo, ele sabia que, mesmo sem considerar a questão de acompanhá-la até a Louisiana, ainda gostaria de passar mais tempo com ela. A mulher causava esse tipo de efeito nele, algo que Duan ainda não compreendia muito bem.

Ele tinha vivido encontros sexuais do tipo mais intenso antes, mas o que ambos tiveram no fim de semana havia sido tão incrível que até agora ele mal conseguia respirar, só de pensar no assunto.

Não havia nada como acordar com um corpo feminino quente ao lado, iniciar a manhã com sua ereção cutucando um par de nádegas curvilíneas.

A boca de Duan tinha viajado por cada centímetro de Kim, e ele se lembrou de como ela estremeceu, totalmente consciente quando ele lhe lambeu algumas partes. Ele não conhecia mulher que reagisse com mais avidez.

Mas um lado dele sabia que tinha sido mais do que apenas sexo. Ele havia gostado de conversar com ela, e como Kim também tivera problemas com um de seus pais durante a infância e adolescência, ela sabia exatamente como Duan se sentia em relação à mãe.

Ele olhou de relance para a porta assim que ouviu as batidas, e não se surpreendeu quando quatro homens entraram. Landon Chestnut. Chevis Fleming. Brett Newman. Antron Blair. Devido ao número de casos que eles pegavam, e à quantidade de viagens envolvidas, não era comum os cinco estarem no mesmo local ao mesmo tempo.

Duan conhecera os quatro enquanto trabalhava como policial em Atlanta. Eles tinham começado a academia juntos, e em algum momento foram promovidos a investigadores. Duan havia sido o primeiro a se aventurar por

conta própria, seguido por Landon. Dentro de um ano, Brett e Chevis se juntaram a eles como parceiros.

Por fim, Antron seguiu os passos de seu pai e se tornou agente do FBI, até que uma operação policial na qual trabalhou à paisana quase acabou com sua vida. Depois disso, ele resolveu se juntar aos outros na empresa.

O que Duan mais gostava na parceria com eles era que, embora trabalhassem em casos individuais, cada um tinha uma especialidade. Ele era dono de uma mente analítica e bom em decifrar pistas a partir de relatórios investigativos. Landon tinha um talento especial para encontrar pessoas desaparecidas. Chevis tinha um dom para interrogatórios. Brett era conhecedor de computadores e considerado o especialista técnico dentre eles, ao passo que Antron possuía habilidades de disfarce exemplares, fora que seus contatos dentro do FBI eram inestimáveis.

Nos últimos cinco anos, eles haviam cuidado de inúmeros casos, trabalhando em estreita colaboração com os seus aliados no departamento de polícia de Atlanta e com amigos advogados que tinham conhecido ao longo dos anos.

– Landon nos contou que você está trabalhando em um caso, e que poderia precisar de nossa ajuda – disse Brett.

– Sim – assentiu Duan. – Definitivamente, a ajuda de vocês facilitaria muito. Eu sei que vocês têm seus próprios casos, mas agradeço o auxílio para verificar algumas coisas.

Não demorou muito para que ele fornecesse os detalhes. Primeiro entrariam em contato com um detetive que conheciam no departamento de polícia de Atlanta, a fim de reabrir os dois casos. Em seguida, reuniriam informações para ver o que Villarosas tinha feito desde que se mudara de Atlanta, há alguns anos. Eles também precisavam entrar em contato com a família e com os amigos das mulheres desaparecidas para ver se alguma delas havia sido avistada ou dado notícias desde seus sumiços. Ainda havia a possibilidade de as mulheres *terem mesmo* fugido com outros homens, conforme Villarosas alegara. No entanto, contar com a possibilidade de as duas mulheres terem feito a mesmíssima coisa era forçar a barra um pouco demais.

Depois que os rapazes saíram do escritório, Duan se acomodou em sua cadeira. Havia determinado que, antes que a mãe de Kim se casasse com Edward Villarasas, eles saberiam se ele era culpado de matar suas ex-esposas.

## Capítulo 5

COMO UM despertador, a campainha de Kim tocou às 8h de sábado. Ela olhou para si enquanto se dirigia à porta. A previsão do tempo indicava que seria um belo dia para passear de barco, e ela estava usando uma roupa nova para a ocasião.

Abriu a porta e um fecho de luz adentrou, quase cegando-a, mas não sem antes fazer uma análise do homem em pé sob o batente. Ela inclinou a cabeça e semicerrou os olhos para fitá-lo. Duan lançou um sorriso sexy e Kim imediatamente sentiu os joelhos fracos. Aquele ia ser um daqueles dias nos quais ela iria considerar quase impossível manter as mãos longe dele. Ele simplesmente causava esse tipo de efeito nas mulheres. Nela, em particular. Parado ali, vestindo um par de jeans que afilava pelas coxas musculosas, uma camiseta cobrindo os ombros largos, ele estava sensual até o último bocado, e aquilo não estava ajudando em nada. Por uma fração de segundo, tudo o que Kim conseguiu fazer foi ficar lá e babar.

– Bom dia, Kim.

Ela levou um momento para encontrar sua voz e responder. Mas observar o movimento da boca de Duan a fez se lembrar de todas as coisas que a mesma boca tinha feito com ela. Danadinha, danadinha.

– Bom dia, Duan.

– Está pronta?

A lembrança de estar pronta para ele, nua e à espera, cintilou na mente de Kim, que afastou tal ideia imediatamente.

– Sim, só preciso pegar meu casaco e minha bolsa.

– Tudo bem. Fique à vontade.

Kim voltou rapidamente para a sala de estar para pegar o casaco e a mochila. Ela percebeu o instante em que Duan passou pelo vão da porta, adentrou sua casa e fechou a porta. O ar entre eles começou a ficar denso, e foi como se o ar-condicionado tivesse parado de funcionar. Parecia que o calor estava entrando pelo duto em vez disso.

Duan lançou um olhar de reconhecimento para a sala de estar antes de voltar os olhos escuros para Kim. Cada nervo do corpo dela ficou teso quando o olhar dele vagou em cima dela, como se ele pudesse enxergar através da roupa. Ele já a havia visto nua, tinha provado praticamente todos os centímetros de sua pele, conhecia todos os seus pontos erógenos e sabia exatamente o que precisava fazer para estimulá-los ainda mais.

Ela engoliu em seco, perguntando-se se ele estava pensando em algumas daquelas coisas. Será que Duan estava se lembrando do último fim de semana, assim como ela estava fazendo? Será que ele estava tão ciente dela assim como ela estava em relação a ele? Pela maneira como as pupilas de Duan estavam se dilatando, Kim imaginava que sim.

– Acho que não vai dar, Kim – disse ele, quebrando o silêncio, a voz rouca fazendo os mamilos dela endurecerem.

Ela inspirou fundo.

– O que não vai dar?

– Não vai dar para esperarmos chegar ao barco antes de fazermos qualquer coisa.

Ela poderia realmente se fingir de surda e perguntar o que ele queria dizer, mas se perguntou: por que desperdiçar seu tempo ou o dele com isso...? Kim sentiu a pele se arrepiar e conseguiu evitar comer Duan com os olhos do mesmo jeito como ele fizera com ela. Ela já tinha dado uma boa olhada nele quando chegara à porta. Mas agora, graças ao enorme volume atrás do zíper de Duan, havia mais ali, e a mulher dentro dela gostava daquele fato.

– Então, o que você acha que precisamos fazer a respeito? – questionou ele.

– Por que pensar no assunto? – Além das sensações vibrando na boca de seu estômago, Kim também sentia o vapor flutuando entre eles.

Duan estava certo. Eles mal conseguiam esperar. O desejo de um pelo outro era urgente. Era espontâneo. E, tal como antes, eles precisavam lidar com isso agora. Ela não tinha qualquer problema com isso e começou a tirar a própria camiseta, contente por não estar usando sutiã.

Duan não perdeu tempo, atravessou a sala e puxou Kim para seus braços. E quando ela entreabriu os lábios ele enfiou a língua entre eles, até estar firmemente plantada na boca de Kim. As mãos dele estavam em movimento, e assim que seus dedos encontraram os seios dela a ereção tensionou contra o zíper. Tocar os mamilos não era suficiente. Ele precisava prová-los. Lembrava-se bem do sabor dela, e tinha a intenção de voltar a se familiarizar com ele durante o fim de semana.

A boca substituiu os dedos quando Duan interrompeu o beijo, tomando os mamilos entre os lábios e sugando com força. Ele ouviu Kim gemer, no fundinho da garganta, e, quando ela segurou a cabeça de Duan para mantê-la nos seios, ele baixou as mãos automaticamente e as deslizou para o cós do short dela.

*Droga. Ela também não está usando calcinha.*

A ereção ficou ainda mais inflada quando ele tocou a pele nua, e então mergulhou na espessura dos cachos que cobriam o sexo da bela mulher. No momento em que a mão de Duan a tocou intimamente, Kim abriu as coxas automaticamente e ele passou os dedos na carne macia, na essência de seu núcleo orvalhado. Usando o joelho, ele abriu as pernas dela ainda mais e, envolvendo os seios com a boca, inseriu os dedos mais fundo dentro dela. No momento em que Duan encontrou seu clitóris, Kim explodiu em um clímax de proporções gigantescas, e ele cerrou a boca sobre a dela para abafar seu grito.

O cheiro do orgasmo preencheu o ar e Duan absorveu o aroma profundo em suas narinas. Antes que Kim pudesse se recuperar, ele a tomou nos braços e a levou até a mesa da cozinha, colocando-a em cima.

Agarrou o cós do short e o desceu pelas pernas. Antes que Kim conseguisse abrir os olhos, ele abaixou a cabeça entre as coxas, com avidez suficiente para devorá-la viva.

Os dentes de Duan roçaram no clitóris, aí ele aliviou a tortura usando a ponta da língua, saboreando-a profundamente.

Ele não conseguia se lembrar da última vez em que tinha possuído uma mulher na mesa da cozinha, e rapidamente percebeu que nunca havia feito tal coisa. Parecia que tudo com Kim era selvagem, espontâneo e louco. E, quando ele sentiu que ela estava à beira de mais um orgasmo, resolveu que Kim não iria usufruir dele sozinha.

Ele se afastou e, ainda regozijando seu olhar sobre o corpo estendido diante de si, tirou os sapatos e começou a tirar as próprias roupas. De pé na cozinha dela, completamente nu, Duan colocou um preservativo e voltou sua total atenção a Kim.

Ele pegou as pernas dela e as colocou ao redor do próprio corpo. Daí lhe abriu as coxas e adentrou, indo até o fim. Ele tentava manter o controle de seus sentidos, mas seu corpo parecia estar convocando-o em um nível primitivo, e ele estava fraco demais para negar o chamado. Não que pretendesse negá-lo, claro.

*Misericórdia.* Estar dentro dela outra vez estava fazendo todo tipo de sensação ondular dentro dele. Agarrando as coxas dela firmemente, ele começou a investir enquanto o corpo de Kim oscilava a cada movimento. Duan soube o momento exato em que tocou seu ponto G, e a carícia ganhou um significado totalmente novo.

Ele observava a expressão dela a cada vez que adentrava e saía, mantendo o ritmo cadenciado enquanto os músculos internos de Kim o apertavam com força, tentando sugar o máximo dele. Duan nunca tinha feito amor com tal intensidade, com tal avidez. Com tal fome. Ele não conseguia explicar. Não saberia como explicar. Agora ele só podia aceitar. Aquela conexão ferosa. Uma que tocava cada fibra de seu ser. Cada pedaço de sua alma.

E então ele sentiu o tremor, sentiu a maneira como Kim arqueou as costas, a forma como as pernas se apertaram ao redor de seu corpo, e soube

que precisava levar ambos ao limite.

Ele investiu com mais força e o som do grito dela fez algo dentro dele crepitar. Duan precisava daquela conexão do mesmo jeito que precisava da próxima respiração, então ergueu os quadris de Kim para uma penetração mais profunda. Com a cabeça jogada para trás, o corpo dele deu um pinote rumo a mais uma explosão, sem nem mesmo se recuperar plenamente da primeira.

Ele continuou até não ter mais nada dentro de si. Depois de oferecer tudo, desabou sobre o corpo de Kim e deu uma lambida breve em seus seios antes de aninhar o rosto alegremente entre eles.

ESTAVA UM lindo dia para se ficar no meio do oceano, e, para a surpresa de Duan, os peixes estavam mordendo. Ele gostava de pescar e lembrou-se de que era um dos poucos programas que ele e Terrence faziam com seu pai que não incluísse Olivia. Não que ela nunca tivesse sido convidada para se juntar a eles, mas depois de ficar sabendo como a isca era colocada no anzol ela se recusou a acompanhá-los outra vez.

Duan olhou para Kim, que estava linda sentada no banco ao lado dele, usando um biquíni sensual, a luz do sol dançando sobre seus traços. Kim alegou que aquela era sua primeira pescaria, porém não ficou melindrosa quando Duan lhe mostrara como colocar a isca no anzol. Ela então o lembrou de que era enfermeira, e enfermeiros não ficavam tontos e enjoados ao ver sangue e tripas.

Ela ficou empolgada com sua primeira fígada, e um lado de Duan estava animado por ter Kim ali. Ele tinha se acostumado a pescar sozinho, preferindo a solidão. Mas não hoje. Só que ele não estava pronto para descobrir o motivo disso.

Outra coisa complicada que precisava compreender era a química intensa entre eles. A química sexual era tão forte, tão avassaladora, que a necessidade de possuir um ao outro superava qualquer outra coisa. Parecia loucura, mas era verdade.

Um bom exemplo fora o incidente na casa de Kim. Dentre todos os lugares, Duan escolhera possuí-la bem na mesa da cozinha. Seu único

pretexto foi ter chegado naquela manhã tomado por um desejo sensual depois de pensar nela, de sonhar com ela a semana inteira.

Assim que Kim abriu a porta, todo o instinto masculino primitivo dentro dele entrou em erupção. Segundo Duan, nenhuma mulher tinha o direito de ser tão linda tão cedinho de manhã. Ele não tinha nem mesmo certeza se ela estava usando maquiagem. Não importava. E ela estava usando um boné de beisebol. Isso também não tinha importância. O que importava era que ela era uma mulher que o corpo dele parecia desejar sempre que ele a via. A qualquer hora e em qualquer lugar.

Kim estava se tornando um vício.

Ela deve ter sentido o olhar dele, pois olhou para cima, desviando a atenção da vara de pesca.

– Eu gosto de fazer isso, Duan.

Ele riu enquanto se recostava na cadeira e virava seu boné para trás. A vontade de dizer que adorava ir para a cama com ela estava na ponta da língua.

– É difícil de acreditar que você morou na Flórida durante mais de um ano e nunca foi pescar. Que desperdício de água. – Ele notou as mãos dela segurando a vara de pesca. A maioria das mulheres com quem havia saído tinha o hábito de ir à manicure, mas não Kim. Ele descobriu que no ramo profissional dela era melhor não fazer as unhas. Ele gostava dos dedos dela. Lembrou-se de si chupando-os da última vez. A lembrança fez algo latejar em sua virilha.

– Bem, para ser honesta, não sou muito de água – disse ela, interrompendo os pensamentos de Duan. – Eu fico tensa.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Então como você aprendeu a nadar?

– Não aprendi.

Ele olhou para ela, sem acreditar no que ouvia.

– Você não sabe nadar?

– Não. Sempre planejei tomar aulas de natação, mas acabei amarelando.

Ele olhou ao redor e então de volta para ela.

– Então você está aqui comigo no meio do oceano, vestindo um maiô muito sexy, e não sabe nadar?

Ela sorriu.

– As palavras-chave são que estou aqui com você. Você não vai deixar que nada me aconteça. Sherri nunca vai perdoá-lo se você deixar.

Ele retribuiu o sorriso. Acreditava naquilo.

– Eu nunca perguntei como vocês duas se conheceram.

Kim se inclinou para trás e apoiou os pés na lateral do barco. Duan gostava da maneira como o biquíni dela colava ao corpo. Ela havia usado as instalações lá embaixo para trocar o short pela roupa de banho assim que chegaram ao barco. Duan vestiu um calção de banho, também. Estava um lindo dia de abril e havia outros velejadores aproveitando o clima perfeito.

– Sherri e eu nos conhecemos na faculdade e fomos colegas de quarto durante os quatro anos de curso. Após a faculdade, resolvemos buscar oportunidades na mesma cidade. Se não fosse por Sherri, eu provavelmente ainda estaria morando em Washington. Ela me convenceu a me mudar para a Flórida. Minha vida não tem sido a mesma desde então.

Ele meneou a cabeça.

– Isso é bom ou ruim?

– Na época foi bom porque eu precisava de uma mudança. O cara com quem eu estava envolvida desejava mais do relacionamento do que eu estava disposta a oferecer. Ele sabia que eu não estava procurando nada de longo prazo e na época afirmou que também não estava. Só que em algum momento ele mudou de ideia.

– Mas não fez você mudar de ideia.

Foi uma afirmação, não uma pergunta, mas Kim respondeu de qualquer forma:

– Duvido que exista algo ou alguém que vá me fazer mudar de opinião sobre isso. – Ela parou por um instante. – Eu contei a você sobre meu pai e toda a feiura da coisa. Bem, e aí houve a vez em que um padrasto tentou dar em cima de mim. Se eu não soubesse um pouquinho sobre defesa pessoal, não sei o que teria acontecido. A atitude dele só aumentou minha desconfiança em relação aos homens em geral.

A ideia de ter alguém tentando tirar vantagem dela encheu Duan de raiva.

– Então, nunca houve alguém com quem você quisesse se casar?

Um sorriso reluzente tocou os lábios de Kim.

– Claro que houve – brincou ela. – Denzel Washington. Mas eu não vejo Pauletta desistindo dele tão cedo. Mas, falando sério, eu já contei minhas razões para não querer entrar em um relacionamento de longo prazo. O curto prazo me serve muito bem. Vejo minha mãe acreditando que não consegue sobreviver sem um homem e me recuso a deixar isso acontecer comigo, então o casamento não está em meu futuro.

Duan conhecia bem aquele sentimento.

– Mas eu gosto de crianças e quero ter um filho um dia – acrescentou ela.

Tal declaração não o surpreendeu. Embora nunca a tivesse visto perto de crianças, por alguma razão ele acreditava que Kim seria uma boa mãe e bem diferente da mulher que o colocara no mundo. No que dizia respeito a ele, Duan até gostava de crianças, mas não tinha certeza se conseguiria ser o pai que seu próprio pai tinha sido. Orin Jeffries havia sido uma fortaleza para seus filhos. Ele sempre estava lá para eles, e, quando seu arremedo de esposa foi embora, ele assumiu o papel de pai solteiro sem muito esforço.

Duan respirou fundo, perguntando-se a quem estava enganando. Ele desviou o olhar de Kim e mirou para a água, pensando que, para seu pai, a coisa toda tinha sido repleta de *ambos*: suor e lágrimas. Ele nunca iria se esquecer do dia em que entrou no quarto e flagrou seu pai em pé no meio do cômodo, olhando para a foto da esposa e chorando. Chorando intensamente por causa da mulher que o havia humilhado ao fugir com outro homem. Duan saiu do quarto sem seu pai perceber que ele havia estado lá. Aquele dia ficou preso em sua mente, porque foi aí que ele concluiu que nunca iria querer que nenhuma mulher lhe causasse a dor que ele tinha visto no rosto do pai.

– E você? – perguntou Kim.

Ele olhou de volta para ela.

– O que tem eu?

– Como você se sente em relação a casamento e a filhos?

Fazia muito tempo desde que uma mulher havia lhe perguntado isso.

– Eu não planejo me casar. E enquanto existirem coisas como camisinha não tenho intenção alguma de produzir um bebê, apesar de gostar deles. Eu só não quero ser pai de um. Não sei o quão bom eu seria, então prefiro não arriscar. – Ele se voltou para Kim, e então olhou para o oceano novamente.

– Acho que vamos ter que esperar a atitude de Sherri e Terrence.

Ele voltou a olhar para ela.

– Esperar que façam o quê?

Ela sorriu.

– Bebês. Vou ser a madrinha de qualquer bebê que eles tiverem. Isso é fato.

Ele não conseguiu evitar a risada.

– É mesmo?

– Sim.

E qualquer bebê que seu irmão e sua cunhada tivessem faria dele um tio. *Tio Duan*. Ele gostava do modo como soava, mas não tinha tanta certeza se Terrence e Sherri lhe concederiam a honra de ser o padrinho do primeiro. Por alguma razão ele tinha a sensação de que esse posto seria de Reggie e Libby.

Optando por desviar o assunto para aquele que ambos precisavam discutir, Duan perguntou:

– Como estão as coisas com sua mãe?

A careta de Kim lhe forneceu a resposta antes mesmo de ela abrir a boca para dizer alguma coisa.

– Basicamente a mesma coisa. Conversei com ela duas vezes nesta semana e pelo menos ela concordou em não fazer nada precipitado sobre seu estado civil até eu chegar lá.

– Quando você vai?

– Na sexta-feira, e pretendo ficar uma semana. Isso vai me dar alguns dias para passar com ela e conhecer o homem com quem quer se casar.

Ele assentiu.

– E você ainda está pensando em levar um noivo falso com você?

Kim inclinou a cabeça para trás e encontrou o olhar de Duan.

– Depende.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Do quê?

– Se você estava falando sério ou não sobre ir comigo.

PRONTO, ELA desembuchou, e agora estava tentando decifrar a resposta dele. Ela havia passado a manhã inteira tentada a trazer o assunto à tona, mas não soubera como fazê-lo.

Embora ele tivesse feito a oferta na semana anterior, tinha sido pós-sexo, quando ainda estavam envolvidos pelos momentos quentes que tinham compartilhado no quarto de hotel dela. Depois de ficar reprisando mentalmente a oferta durante a semana inteira, Kim tentou se convencer de que Duan estivesse falando sério, mas não tinha tanta certeza. Agora era hora de descobrir.

Ele colocou a vara de pescar de lado e se inclinou sobre ela.

– Então acho que acabo de me tornar seu noivo de mentirinha, já que eu estava falando sério, Kim.

Ela engoliu em seco. Ele estava lhe lançando *aquela* olhar.

– Você não entende bem a situação quando se trata da minha mãe e tia, não é? Elas farão um monte de perguntas, tentarão marcar a data do casamento e todas essas coisas. Não vai ser fácil.

Ele deu de ombros.

– E isso não vai ser difícil. Você me instrui sobre o que dizer, e eu digo.

Ela inclinou a cabeça e continuou a sustentar o olhar dele.

– E o que você vai ganhar com isso?

Um sorriso tocou os lábios de Duan, atitude que fez Kim vibrar inteira por dentro.

– Estou surpreso por você me perguntar isso, principalmente depois do último fim de semana e desta manhã – disse ele com voz gutural. – Mas caso você não faça a menor ideia, vou deixá-la a par. – Ele se inclinou. – Estarei ficando com você, Kimani. Gosto de beijar você. Gosto de fazer sexo com você.

O sorriso dele se expandiu quando acrescentou:

– Hum, e *principalmente* gosto de fazer sexo com você.

Ela não pôde evitar notar que ele salientou especificamente que haviam feito sexo, e não amor. Por que tal descrição a incomodava, quando a mesma terminologia dita por qualquer outro homem não teria rendido o mesmo efeito? Ela afastou o pensamento e se contorceu para envolver os braços ao redor do pescoço dele. Olhando para Duan, sorriu.

– Então, acho que somos oficialmente noivos de mentirinha.

– DUAN DE fato se ofereceu para ir a Shreveport e fingir ser seu noivo? – perguntou Sherri a Kim alguns dias depois. Terrence tinha saído do quarto de hotel para comprar o café da manhã e ela tivera tempo para telefonar para Kim.

– Sim, dá para acreditar na minha sorte? Assim que me vir com ele, a tia Gert vai ficar satisfeita, achando que tenho um homem.

– Tem alguma coisa que você não está me contando sobre você e Duan, Kim? Parece sério.

Kim riu. Ela sabia exatamente o que Sherri estava insinuando.

– Nada sério, apenas sexual. Eu não tenho relações sérias, Sherri. Dentre todas as pessoas, você é quem mais sabe disso. E Duan não está à procura de algo sério, também. É o acordo perfeito.

Antes que a melhor amiga pudesse fazer mais perguntas, Kim disse rapidamente:

– Agora desligue o telefone antes que seu marido retorne. Você *está* na sua lua de mel, você sabe.

– Eu sei, e estou tão feliz que preciso me beliscar para ter certeza de que é real.

Kim notava o puro contentamento na voz de Sherri. Ela gargalhou.

– Por que beliscar? Se você tiver qualquer dúvida, basta olhar para o tamanho do diamante na sua aliança.

Momentos depois, Kim desligou o telefone e olhou para sua bagagem no meio da sala. Estaria voando para deixar a Flórida em poucas horas e iria pegar um voo de conexão em Atlanta, onde Duan iria se juntar a ela para continuar rumo a Shreveport.

Indo da sala até a cozinha, Kim não conseguiu evitar sorrir quando olhou para sua mesa. Ela era consumida por lembranças toda vez que passava por ela. Mesmo agora, sua mente estava cheia de lembranças dos momentos de amor no barco de Terrence. Para ser totalmente sincera, não havia uma única noite desde o casamento na qual ela não pensasse sobre todo o sexo que tinha feito com Duan.

Ele definitivamente sabia se divertir, e ela se lembrou da rapidez com que tirou a calcinha do biquíni e desamarrou o sutiã. Duan também não perdeu tempo na hora de tirar seu calção de banho; e aproveitando o balanço do barco na água, eles se devoraram com intensidade e rapidez, muitas vezes.

E estariam juntos novamente para um terceiro fim de semana. Kim não deveria, mas estava começando a pensar nele como seu amante de fim de semana. Além disso, a capacidade de Duan de transformar qualquer fantasia dela em realidade era simplesmente incrível.

Kim olhou para o relógio. Era hora de começar a colocar a bagagem no carro. Enquanto seguia pelas escadas, ela não conseguia conter sua expectativa ao pensar que em poucas horas estaria vendo Duan novamente.

## Capítulo 6

DUAN ENTROU no estacionamento do aeroporto e então tomou a vaga que seu carro ocuparia pelos próximos dez dias. Deu um tapinha no bolso da camisa para garantir que o anel que havia guardado ainda estava ali. Ele se oferecera para trazer uma aliança de noivado e considerou aquela que já possuía perfeita. Era o anel que sua avó havia deixado para ele dar à mulher com quem um dia iria se casar. Quando mencionou o tal anel a Kim, ela também achou que seria uma boa ideia usá-lo.

Duan precisava se lembrar de que o anel tinha duplo propósito. Primeiro, era pessoal, afinal ele estava ajudando a mulher que tinha começado a considerar uma boa amiga. E também era profissional, pois com isso esperava saber se Edward Villarosas era culpado de assassinato.

O departamento de polícia de Atlanta concordara em reabrir os dois casos e estava montando uma lista de amigos e familiares para serem interrogados novamente. De acordo com o arquivo de casos antigos, a esposa número um não havia retornado para casa após uma suposta viagem de fim de semana a Orlando com duas amigas, dez anos antes.

As amigas da mulher admitiram que Mandy Villarosas estava agindo de forma estranha e que tinha deixado o quarto do hotel logo após o café da manhã, dizendo que ia se encontrar com alguém. Quando ela não retornou para o almoço, as duas começaram a ficar preocupadas e telefonaram para Edward, que as incentivou a avisar à polícia.

Elas alegaram não fazerem ideia de quem Mandy iria encontrar, mas disseram que na noite anterior ela havia flertado com um homem em um clube. Dois anos depois, Villarosas se divorciara de sua esposa sob a alegação de abandono de lar, e um ano depois disso ele se casou outra vez.

Ele e Sandra Villarosas estavam casados há dois anos quando ele relatou seu desaparecimento. Ela não apareceu no emprego e um de seus colegas ficou preocupado. Edward estava fora da cidade, tinha ido pescar na Flórida com amigos, e havia viajado dois dias antes do sumiço da esposa. Na verdade, fora Sandra quem o levara ao aeroporto. Várias testemunhas atestaram isso, assim como o fato de ela ter sido vista na cidade depois.

Nunca mais ouviu-se falar de nenhuma das duas mulheres desde então, e os álibis de Edward foram confirmados por familiares e amigos.

Duan entrou no terminal do aeroporto, que estava cheio como de costume. Em qualquer outro dia, ele teria desejado estar em outro lugar, até mesmo em seu escritório, totalmente concentrado em outro caso. Mas hoje não.

Se o voo de Kim decolasse no horário, ela estaria ali em menos de uma hora. Fazia cinco dias desde que tinham estado juntos e ele estava ansioso para vê-la de novo. Ao admitir isso, Duan sentiu um soco no estômago e algo próximo ao pânico. Então foi lembrado de que a última coisa de que precisava era se envolver com qualquer mulher. Mulheres, ele sabia, era fato, tinham a capacidade de enrolar qualquer homem... e depois iam embora sem olhar para trás.

Em vez disso ele desviou seus pensamentos de Kim para o real propósito daquela viagem. Edward Villarosas. A ida para Shreveport a fim de conhecer a família de Kim iria lhe render a oportunidade de estar na companhia do homem durante quase uma semana, e com um pouco de sorte ele notaria ou descobriria algo que os outros detetives que haviam trabalhado no caso não tinham descoberto. Por ora, quanto menos Kim soubesse o que estava acontecendo, melhor.

Se Villarosas fosse culpado, então era um sujeito que tinha se safado de dois crimes. Era função de Duan descobrir o papel da mãe de Kim naquilo. Será que o sujeito estava querendo apagar a esposa número 3? Duan havia

lido os dois arquivos do caso ininterruptamente e não existia nada neles que indicasse que Villarosas fosse do tipo que se casava com mulheres e depois arrumava algum jeito doentio de se livrar delas.

Mas Duan não tinha a intenção de depender da sorte. Ele ficaria em alerta máximo, até descobrir exatamente o tipo de homem com quem eles estavam lidando. Em nenhum momento planejava colocar Kim e a mãe dela em perigo. Ele fez uma careta ao pensar em qualquer coisa acontecendo com Kim. Iria protegê-la com a própria vida se necessário, e não deixaria Villarosas ou qualquer outra pessoa arrancar um único fio de cabelo dela ou de sua mãe.

No momento ele não queria questionar por que havia se tornado tão protetor em relação a Kimani; simplesmente resolvera aceitar que as coisas eram assim mesmo. Enquanto seus companheiros estavam em campo coletando informações, a função de Duan em Shreveport ao longo dos próximos dias seria se aproximar de Villarosas e desenvolver um relacionamento com ele, na esperança de ver o sujeito baixando a guarda.

Mesmo sem conhecer o cara, Duan tinha um pressentimento de que o outro era encrenca, e quanto mais rápido isso pudesse ser comprovado, melhor.

KIM OLHOU ao redor quando se aproximou do portão. Dava para ver a cabeça de Duan acima de todas as outras, o que o tornava facilmente reconhecível. Além disso, ele era o homem para quem a maioria das mulheres estavam dando uma segunda olhadinha.

Ela fitou uma das mulheres quando passou, então franziu o cenho, perguntando-se por que o fato de as outras o considerarem desejável, tal como ela mesma achava, tanto a incomodava. Não era como se Duan fosse o homem dela. Tudo entre eles era estritamente casual. Eles gostavam de fazer sexo um com o outro. Não era grande coisa.

Kim respirou fundo, perguntando-se a quem estava enganando. Duan tinha começado a se tornar grande coisa, sim. Havia algo de diferente naquele casinho com ele. As emoções estavam começando a entrar em jogo, pelo menos da parte dela, e Kim nunca havia permitido que as emoções

influenciassem em nenhum de seus relacionamentos. Não havia lugar para elas.

E quando se aproximou de onde ele estava, Kim não quis analisar o que eram tais sentimentos estranhos. A única coisa que desejava fazer era se concentrar nele. Duan estava vestindo uma camisa polo e calça cáqui, e estava bonito. Instintivamente, ela caminhou para os braços abertos dele, e uma parte de si desejou que todas aquelas mulheres babando tomassem conhecimento da cena.

– Que bom ver você de novo, Kim – murmurou ele, roçando um beijo na têmpora dela.

No momento em que os lábios de Duan lhe tocaram a pele, Kim sentiu um nó na barriga. Ele a puxou para mais perto e ela se fundiu a ele facilmente. Ele já estava duro e ereto. Ela inclinou a cabeça e olhou para ele. Não tinha como ser de outro jeito entre eles. O desejo de um pelo outro era espontâneo. Eles viam; eles desejavam.

– Esse foi só um beijinho público – sussurrou ele. – Vou dar um bem particular mais tarde, quando estivermos sozinhos.

Ela sorriu.

– Mal posso esperar. E por falar em espera, você está aqui há muito tempo?

Ele deu de ombros quando a soltou, então lhe segurou a mão.

– Este é um aeroporto movimentado, então achei melhor chegar cedo. Há um monte de locais onde se comer por aqui, se você estiver com fome. Temos algumas horas antes do nosso voo.

– Não, estou bem. E você?

Aquilo provocou uma gargalhada nele.

– Eu poderia usar esse tempo com outra coisa, mas vou me contentar com uma xícara de café.

Kim sabia o que Duan queria dizer.

– Tudo bem.

Ele tomou a mão dela e a levou em direção à praça de alimentação. Duan deu uma olhadinha para ela.

– Você está bonita.

– Obrigada.

Ela havia escolhido aquela roupa de propósito, uma saia jeans curta e uma blusa verde com alças finas. Kim não deixara de notar o jeito como Duan a analisara de maneira aprobativa da cabeça aos pés.

Ela o seguiu até uma mesa vazia e uma garçonete veio pegar o pedido de Duan, um café. Antes de a mulher sair, ele olhou para Kim.

– Tem certeza de que não quer nada mesmo?

– Hum, eu gostaria de um sorvete de baunilha.

Ele levantou uma sobrancelha depois que a garçonete se afastou.

– Sorvete? Tão cedo?

Kim riu.

– Não está *tão* cedo assim, Duan. – Ela olhou para o relógio de pulso. – Na verdade, acaba de passar das 10h. Eu amo sorvete e sou conhecida por tomá-lo no café da manhã. Isso costumava deixar Sherri louca.

Ele sorriu.

– Aposto que sim. E, antes que eu esqueça, me dê sua mão direita.

Instintivamente, ela obedeceu e o viu sacando uma caixinha de joias do bolso da camisa. Duan colocou-a na mesa, ao lado de Kim, e a abriu.

– Uau! É lindo, Duan. – E ela estava sendo sincera. O anel era deslumbrante. – Era esse o anel da sua avó?

– Sim – respondeu ele, tirando-o da caixa e deslizando-o no dedo anelar de Kim. Ficou no tamanho perfeito, e ela observou com surpresa quando Duan lhe pegou as mãos e lhe beijou os nozinhos dos dedos.

– Ela deixou para mim quando morreu, pois eu era o neto mais velho – explicou, soltando as mãos dela. – No entanto, uma vez que não tenho nenhum plano de me casar, pensei em dá-lo a Terrence, mas meu pai achava que eu deveria guardá-lo de qualquer maneira, uma vez que foi deixado para mim. Acho que vovó sentiu-se mal pelo que a filha dela se tornou.

Kim agitou os dedos, admirando o anel que Duan tinha acabado de colocar nela.

– Bem, independentemente de qualquer coisa, eu acho que é lindo e...

– Ai, meu Deus! Vocês dois acabaram de ficar noivos?

Tanto Kim quanto Duan olharam para a garçonete. Ela ficou parada ali, segurando uma xícara de café em uma das mãos e uma taça de sorvete de baunilha na outra, um olhar encantado.

Kim abriu a boca para responder, mas Duan se adiantou:

– Sim, ficamos.

– Parabéns! – exclamou a mulher. – Isso é maravilhoso e a aliança é linda. Um sorriso imenso se espalhou pelo rosto de Duan.

– Obrigado.

Ele olhou com expectativa para Kim. Então ela captou o que ele estava fazendo e sorriu para a mulher.

– Sim. Obrigada.

A garçonete colocou o café diante de Duan e deu o sorvete a Kim. Ela ofereceu mais um sorriso grande a ambos antes de sair. Kim se inclinou sobre a mesa.

– Por que você a deixou pensar que acabamos de noivar?

Ele deu de ombros.

– Para todos os efeitos, noivamos mesmo.

Ela revirou os olhos.

– Estamos fingindo para mamãe e tia Gert, não necessariamente para estranhos.

Ele riu.

– Quem sabe ela não conheça alguma pessoa que conhece você? Você ficaria surpresa com o quão pequeno este mundo pode ser às vezes. Além disso, dizer a ela que estamos noivos me rendeu uma oportunidade de praticar.

– Praticar o quê?

– Sorrir sempre que alguém nos felicita. Tenho certeza de que vamos ouvir um monte disso ao longo dos próximos dias. Será que pareci genuinamente feliz?

Kim fechou a boca momentaneamente, não muito segura do que dizer ou para questionar por que ficara tão irritada com as palavras de Duan. É claro que eles estavam fingindo, mas por algum motivo aquela ideia a incomodava.

Quando ele continuou a encará-la, à espera de uma resposta, Kim colou um sorriso no rosto e disse em tom meloso:

– Você foi simplesmente maravilhoso, querido.

Ele meneou as sobrancelhas.

– Pronta para ganhar um Oscar?

Ela revirou os olhos.

– Hum, eu não iria tão longe. – Ele riu quando estendeu a mão e segurou a dela, acariciando o dedo que usava seu anel. – Mas você diria que me saí bem, não é?

O sorriso que tocou os lábios de Kim naquele instante foi genuíno.

– Sim, Duan, você se saiu bem.

E então ela retirou a mão da dele suavemente para poder tomar seu sorvete.

## Capítulo 7

– DUAN, EU gostaria que você conhecesse minha mãe, Wynona Cannon Longleaf Higgins Gunter. Mãe, este é Duan Jeffries, meu noivo.

Duan se conteve para não ficar completamente boquiaberto. A mãe de Kim era uma mulher muito atraente. Kim tinha contado que sua mãe tinha 55 anos, mas na opinião dele ela parecia muito mais jovem. Ele ofereceu a mão à mulher mais velha.

– Como vai você? A senhora... – Ele já havia esquecido todos os sobrenomes dela.

Ela sorriu, feliz.

– Apenas me chame de Wynona. Eu não sei por que Kim insiste em dizer todos esses nomes.

Kim sorriu.

– Porque são seus. Todos os quatro. – Ela olhou ao redor. – E onde está o homem que pode vir a ser o número 5?

Wynona fez uma careta para a filha.

– Edward vai chegar a qualquer momento. Provavelmente está preso no trânsito, uma vez que mora do outro lado da cidade.

Ela voltou sua atenção a Duan.

– Seu sobrenome é Jeffries?

– Sim, senhora.

– E antes que você pergunte, mãe, a resposta é sim – disse Kim. – Ele é o irmão mais velho de Terrence.

– Melhores amigas se casando com irmãos. Como isso é bom.

Wynona avaliou o rosto de Duan por um instante, e então perguntou:

– E você está disposto a esperar Kim terminar a faculdade de medicina antes de vocês dois se casarem?

Duan ofereceu um sorriso afetuoso a Kim e colocou o braço em volta da cintura dela para trazê-la mais para perto. Aquela era a pergunta número um de uma listagem que Kim já sabia que sua mãe iria fazer. Wynona tinha perguntado a mesma coisa quando ela contara sobre sua admissão na faculdade de medicina. Evidentemente havia expectativas por uma resposta diferente.

– Vamos fazer do jeito que Kim desejar – disse ele, inclinando-se e dando um beijo nos lábios de Kim. Pela expressão no rosto de Wynona, Duan percebeu que ela não ficou satisfeita com o comentário.

– Mas estamos falando de quatro, talvez cinco anos – apontou Wynona. – Você não acha que é muito tempo para esperar?

Ele abriu a boca para responder, mas Kim interveio:

– Talvez você devesse tentar isso, mãe. Você, dentre todas as pessoas, devia saber que apressar o casamento não serve para nada além de se conseguir um divórcio rápido. É por isso que eu acho que você e o sr. Villarosas deveriam demorar mais um tempinho se conhecendo antes de cogitar o casamento.

Em vez de concordar ou discordar com o comentário de Kim, Wynona sorriu para Duan e disse:

– E o que você faz da vida, Duan?

– Eu era policial, mas agora sou investigador particular. Sou dono de uma empresa. – Agora ele sabia como era ser interrogado.

– E vejo que você ama minha filha.

Duan olhou para Kim novamente, e algo naquela frase o incomodou. No entanto, ele estampou um sorriso antes de retrucar:

– Sim, muito. Eu não iria me casar com ela se não a amasse.

Wynona abriu a boca, mas aí houve uma batida à porta. Ela sorriu.

– Com licença. Deve ser o Edward.

Assim que Wynona saiu do cômodo, Kim se virou para Duan:

– Tudo bem até agora. Você está lidando muito bem com o interrogatório de mamãe.

Antes que Kim pudesse dizer alguma coisa, Wynona retornou juntamente com um homem alto e magro, que estava sorrindo quando se aproximou.

– Bem, agora, Wynona, esta deve ser sua filha. Ela faz jus a você. – Ele se pôs diante de Kim e Duan, porém reservou apenas um olhar superficial a Duan. Kim obteve toda a atenção.

– Sim, Edward, esta é minha filha – confirmou Wynona, sorrindo com orgulho. – Kim, este é o homem com quem planejo me casar dentro de algumas semanas.

Kim estendeu a mão para ele.

– Prazer em conhecê-lo, Edward. E este é o homem com quem pretendo me casar, Duan Jeffries. Duan, este é Edward Villarosas.

Foi só então que o olhar de Edward encontrou o de Duan, que por sua vez notou que o sorriso do outro não foi nem um pouco genuíno. Aquela sensação de frio na barriga se intensificou.

– Duan, é um prazer conhecer você. – Edward lhe ofereceu a mão.

– Igualmente – disse Duan, aceitando o aperto de mão.

Wynona se inclinou para Edward.

– Eles não formam um casal lindo, Edward?

Edward sorriu para ela.

– Tão encantador quanto nós. – E então voltou sua atenção para Kim: – Entendo que você tenha dúvidas se serei capaz de fazer sua mãe feliz.

Kim levantou uma sobrancelha.

– E você pretende me livrar dessas dúvidas, certo?

Ele riu.

– Certamente pretendo. Sua mãe é a única mulher para mim.

– Então, este é seu primeiro casamento? – perguntou Duan, fuzilando o homem com um olhar direto.

Villarosas pareceu surpreso com a pergunta, e o olhar que deu a Duan indicou que ele não gostou.

– Não. Na verdade, fui casado duas vezes e ambos acabaram em divórcio.  
– Duan assentiu. Pelo menos Villarosas foi sincero em relação a isso. – Mas estou determinado a fazer com que esta vez seja a última – acrescentou, levando a mão de Wynona aos lábios e beijando as juntas dos dedos dela.

Um lado de Duan desejava que as palavras daquele homem fossem verdadeiras. Desejava que ele fosse inocente no caso dos desaparecimentos de suas duas esposas. Não por causa de Villarosas, mas por causa da mãe de Kim. Ela era uma senhora simpática que merecia o melhor.

– Mãe, Duan e eu vamos fazer o check-in no hotel agora e...

– Mas Gert vai querer vir mais tarde para vê-los – protestou Wynona.

Kim deu de ombros.

– Vou ver tia Gert amanhã. Nós vamos nos juntar a vocês para tomar café da manhã, pois sei que amanhã você vai fazer um estardalhaço em relação a isso tudo. Estou só imaginando o tanto de gente que você convidou...

Wynona sorriu.

– Só a família e amigos. Eles estão ansiosos para ver você e conhecer Duan.

Kim riu.

– Aposto que estão, mas tive uma semana difícil no trabalho e o voo foi longo, então quero descansar um pouco. Sendo assim, encontraremos vocês amanhã de manhã. – E virando-se para Edward ela disse: – Foi um prazer conhecê-lo, Edward.

– O prazer é meu, Kim. – Ele olhou para Duan. – E prazer em conhecer você também.

Duan quase gargalhou.

– Igualmente, Edward – retrucou ele com uma expressão séria.

Duan e Kim estavam prestes a sair quando Edward gritou:

– Desculpe, Duan, mas você não nos contou o que faz da vida.

Duan também se perguntava qual seria o emprego de Villarosas, porém apenas respondeu:

– Sim, contei, mas você não estava aqui na hora. Sou um ex-policial que virou detetive particular.

As sobrancelhas de Villarosas se ergueram.

– Em Key West, na Flórida?

Duan sorriu.

– Não, em Atlanta.

Villarosas não foi veloz o suficiente para esconder o olhar assustado. E Duan só ficou imaginando as perguntas que rolaram na mente do homem naquele minuto.

– E você não nos contou o que faz da vida, Edward – arriscou Duan.

Novamente Villarosas pareceu surpreso por Duan questioná-lo sobre qualquer coisa. Ele hesitou por um instante antes de dizer:

– Estou aposentado.

– Ah, entendo. – Duan colocou a mão nas costas de Kim e eles seguiram porta afora.

KIM ENTROU no quarto de hotel e jogou sua bolsa no sofá. Queria muito ser capaz de ler os pensamentos de Duan. Ele ficara em silêncio durante a maior parte do trajeto de carro desde a casa da mãe dela, e ela queria saber o que ele estava pensando.

Kim duvidava de que aquilo estivesse óbvio para a mãe, cuja incapacidade de decifrar as pessoas era lendária, mas, para ela, a antipatia imediata de Duan por Edward não tinha passado despercebida, e ela se perguntava o porquê disso.

Ela olhou para Duan e notou que ele estava inspecionando o quarto. Depois de alugarem um carro, foram diretamente do aeroporto ao hotel, mas apenas por tempo suficiente para deixar a bagagem, antes de seguirem para a casa da mãe de Kim. Agora que estavam de volta é que ele estava vendo tudo com calma.

A suíte tinha uma sala de estar separada, com um sofá-cama. Havia um banheiro espaçoso, com banheira de hidromassagem, e a área do quarto tinha uma cama king-size. Não havia nenhuma dúvida da parte de Kim de que ela e Duan dividiriam a cama.

– Imagino o que você esteja pensando, Duan – comentou ela.

Foi só aí que ele olhou para ela.

– Duvido muito que saiba o que estou pensando. Mas se você quiser dar um palpite, então vá em frente e me diga.

– Você provavelmente está se perguntando o que diabos está fazendo aqui, e desejando estar em outro lugar.

Ele olhou para o chão acarpetado e depois reergueu o olhar para Kim.

– Estou sozinho neste quarto de hotel com você, com uma cama king-size, e você acha que eu preferiria estar em outro lugar?

Ela soltou uma risada exasperada.

– Fala sério, Duan.

Ele a fitou por um instante.

– Estou sempre falando sério quando se trata de você, de mim e da cama.

Ela assentiu.

– E o quão sério você falaria sobre Edward? Deu para ver que você não gostou dele. Por quê?

Duan cruzou a sala para ficar na frente de Kim. Era uma boa pergunta, e talvez fosse melhor para todos o envolvidos se ele a respondesse. Para ser justo com o sujeito, Duan não tinha planejado revelar suas suspeitas até ter algo de concreto, e não especulações. Mas Kim era muito observadora, e seria melhor para a investigação se ele a deixasse a par de tudo agora, e tinha esperanças de que ela fosse entender e de que não estragasse seu disfarce.

– Duan?

– Precisamos conversar. – Ele pegou a mão dela e a guiou suavemente em direção ao sofá. Kim sentou-se ao lado dele e Duan notou a curiosidade nos olhos dela.

Ela apertou a mão dele.

– O que houve, Duan?

Ele murmurou um xingamento. Iria contar a ela, mas também iria certificar-se de que ela entendesse que, embora Villarosas pudesse pensar que Duan já estava na cola dele, era importante mantê-lo inseguro. Duan tinha descoberto há muito que um homem com algo a esconder logo começava a fazer besteira quando pensava existir uma razão para ficar desconfiado.

Ele suspirou e começou a falar:

– No momento em que você mencionou o nome de Edward Villasos, no dia em que estávamos indo embora de Chicago, ele me soou familiar. Bastou um telefonema para um de meus sócios para obter uma confirmação.

Kim arregalou os olhos.

– Seus sócios? Você está dizendo que Edward está metido em algum tipo de problema?

– Não tenho certeza ainda.

Kim balançou a cabeça e soltou a mão de Duan para ficar de pé. Ela o encarou, inúmeras perguntas estampadas nos olhos.

– Não tem certeza? Duan, estamos falando de um homem com quem minha mãe está planejando se casar. Apenas sobre o que você *tem* certeza?

Duan também se levantou. Ele sabia que Kim não ia gostar nada do que ele estava prestes a lhe contar, e provavelmente iria se perguntar por que ele não revelara nada antes.

– Há alguns anos, em duas ocasiões, Edward ficou sob suspeita de alguns crimes, mas nada foi provado.

Kim colocou as mãos nos quadris e encontrou o olhar dele. Duan notou claramente o olhar de preocupação dela.

– E ele é suspeito de quê?

Um lado de Duan desejava que não estivessem tendo aquela conversa, mas outro estava feliz por aquilo estar acontecendo. Ele não gostava de sonegar informações a ela.

– Ele foi casado duas vezes.

Kim assentiu.

– Sim, ele chegou a admitir isso, mas, de acordo com ele, se divorciou nas duas ocasiões. Você está dizendo que ele não se separou?

– Não, os divórcios aconteceram. – Duan fez uma pausa. – As duas mulheres desapareceram durante os casamentos, e desde então nunca mais ninguém teve notícias delas.

Kim mordeu o lábio e se esforçou para manter compostura.

– Está dizendo o que acho que você está dizendo?

Ele assentiu.

– Sim. Nas duas ocasiões Edward foi suspeito do desaparecimento de suas esposas. Mas ninguém foi capaz de provar nada contra ele porque possuía álibis muito bons.

Kim arregalou os olhos.

– Mas se ele *era* responsável de algum modo, isso significa que...

Duan sabia o que ela estava pensando, embora aparentemente fosse difícil para Kim dizê-lo em voz alta.

– Sim – confirmou ele, baixinho, mirando no fundo dos olhos dela. – Significa exatamente isso.

## Capítulo 8

– **A**I MEU Deus. – Kim fechou os olhos e respirou fundo. Sentia seu corpo tremer, ao mesmo tempo que também sentia as mãos fortes de Duan lhe acariciando as costas.

– Está tudo bem, Kim. Nada vai acontecer à sua mãe – sussurrou ele com uma voz grave e rouca ao ouvido dela. – Eu lhe dou minha palavra sobre isso.

Ela balançava a cabeça. Ouvia as palavras, mas não compreendia totalmente como ele era capaz de dizê-las. Na verdade, uma parte de seu cérebro se recusava a compreender o que ele contara. Ela estava imaginando coisas... sim, só podia ser isso. De jeito nenhum Duan havia insinuado que o homem com quem sua mãe pretendia se casar poderia ser responsável pelas mortes das duas esposas anteriores.

Kim abriu os olhos e encarou Duan, e pela expressão dele viu que não tinha imaginado nada. Era verdade.

Ela se afastou dele quando a raiva a consumiu.

– E você sabia disso desde o domingo, em Chicago, quando dividimos o táxi até o aeroporto? – perguntou ela em tom acusador. – Você sabia do que Edward Villarasas era capaz, mas mesmo assim não me contou quando ficou ciente de que minha mãe estava passando um tempo com ele? Planejando se casar com ele? – Um medo violento e direto se abateu no peito de Kim ao pensar em Edward Villarasas e sua mãe juntos.

Duan sabia que Kim estava chateada. Na verdade, estava mais para furiosa. Ele já havia imaginado tal reação, e exatamente por isso não tinha contado nada. Agora que ela sabia, era imperativo convencê-la de que Wynona não estava em risco, sobre o que exatamente estava em jogo e por que eles precisavam fazer as coisas à maneira dele.

– A razão de eu não ter contado logo que você mencionou o nome foi porque eu precisava verificar se estávamos nos referindo à mesma pessoa.

– E quando você descobriu que era a mesma pessoa? – questionou ela, pressionando.

– Bem, aí já entrava no mérito de reconhecer a regra legal básica. – Ele se encostou na parede e cruzou os braços. – Não importa como as coisas possam parecer, uma pessoa é inocente até que se prove o contrário. E depois de duas investigações, alguns dos melhores detetives de Atlanta não conseguiram pensar em nada para pegar Villarasas. Ele tinha álibis fortes. Ele e suas esposas não estavam nem nas mesmas cidades quando elas desapareceram.

– Então por que diabos você acha que ele é culpado de alguma coisa?

Duan sabia que seria perda de tempo explicar sobre a intuição de um policial. Landon só havia trabalhado no segundo caso, mas quando ficara sabendo do primeiro, que tinha ocorrido uns bons cinco anos antes de ele se tornar um policial, até tentou inter-relacioná-los, porém não foi capaz de fazê-lo. Aquilo não significava necessariamente que os crimes não tinham ocorrido, mas o tempo e as restrições de orçamento impediram que a polícia seguisse cada pista plausível.

– Algumas coisas não se encaixam – Duan ouviu-se dizendo. – Mas elas não foram suficientes para render uma condenação caso tivéssemos desejado levar as coisas tão longe.

Ele se lembrou de que as provas não foram suficientes nem mesmo para prender Villarasas por uma noite, como suspeito. O paradeiro dele foi verificado, e além disso os dois incidentes tinham cinco anos de diferença entre si.

– Mas você acabou de dizer que ele não estava nas mesmas cidades que as esposas quando elas desapareceram. – Kim ficou pensativa por um

momento. – Então o que Edward acha que aconteceu com elas? É estranho que ambas tenham sumido.

– Ele disse que estavam tendo casos e que ele foi abandonado por causa de outros homens.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Eu me pergunto se ele percebe que isso não o faz parecer um marido muito bom... é como se ele estivesse deixando faltar alguma coisa.

– Sim, dá para se pensar isso. Mas algumas pessoas que conheciam as mulheres alegaram que elas definitivamente gostavam de flertar. As testemunhas acreditavam que estivessem envolvidas em casinhos, mas ninguém soube dizer os nomes dos homens.

Kim pôs um cacho atrás da orelha. Ela ainda tinha um monte de perguntas, mas pelo menos possuía a resposta para uma delas, para aquela pergunta que havia feito a si mesma na semana anterior. Por que Duan queria vir para Shreveport com ela? Agora percebia que não tinha nada a ver com a vontade dele de desfrutar de sua companhia... pelo menos não na medida que ela presumira. Os homens gostavam de sexo e ela seria a primeira a admitir que o sexo entre eles era acima da média. No entanto, agora que Kim estava consciente da verdadeira motivação de Duan, ela não ficaria surpresa se descobrisse que ele já estava com as malas arrumadas, pronto para capturar Edward Villarosas, desde o momento em que ela mencionara o nome dele.

Ela olhou para cima, só para encontrar Duan encarando-a.

– E você acha que vai ser capaz de solucionar um caso, dois casos, em uma semana? Você realmente acredita que Edward vai entregar alguma coisa para possibilitar que isso aconteça?

Ela ficou observando, ao passo que ele suspirou profundamente.

– Se solucionar os casos dependesse só de mim, então eu diria que não. Mas não sou o único trabalhando neles. Tenho outros quatro homens na empresa que estão tão determinados a resolver isso quanto eu, e eu os considero os melhores. Um deles é até mesmo ex-agente do FBI. A primeira coisa que precisávamos fazer era acionar a polícia em Atlanta, para que esta concordasse em reabrir os arquivos. E agora que está feito, temos à nossa

disposição equipamentos técnicos que não existiam no mercado há alguns anos. Tenho certeza de que, se houve um crime em qualquer caso, nós vamos descobrir neste momento. Nós temos o tempo, a mão de obra e os recursos para fazê-lo.

Kim começou a caminhar pelo quarto enquanto tentava ver sentido em tudo que Duan havia falado. Momentos depois, ela parou e olhou para ele.

Ele estava encostado na parede, braços cruzados. A expressão era ilegível, mas Kim tinha certeza de que a dela demonstrava que ainda estava chateada.

Achando que já havia passeado pelo quarto por muito tempo, ela foi até o sofá e sentou-se.

– Entendo não haver motivos suficientes para uma acusação em ambos os casos. Ele não conseguiu receber os valores das apólices de seguro já que as mulheres, de acordo com ele mesmo, não estavam mortas, mas simplesmente desaparecidas.

– É verdade.

– Então a única coisa que você e seus amigos têm para incentivá-los a seguir com isso são os instintos? – Quando Duan ergueu a sobrancelha, Kim disse: – Sim, eu sei tudo sobre instintos. Namorei um investigador na época em que morei em Washington. Foi um caso curto, mas durou tempo suficiente para eu ter uma ideia de como um policial pensa. Esse era um aspecto no qual nós dois não concordávamos, pois nós, do ramo da medicina, baseamos nossas decisões em dados científicos.

– E nós também, até certo ponto – disse ele. – O uso de DNA é prova disso. Mas ainda assim, há momentos em que você sabe que algo não bate, mas ao mesmo tempo simplesmente não consegue provar. E infelizmente os recursos para que teorias sejam provadas nem sempre são ilimitados. A cidade de Atlanta estava passando por cortes orçamentários, assim, sem provas para apoiar uma investigação prolongada, os casos ficaram classificados como pessoas desaparecidas e nunca chegaram ao setor de homicídios.

Duan fez uma pausa para permitir que suas palavras fossem absorvidas, antes de acrescentar:

– Landon Chestnut, o detetive que trabalhou inicialmente no segundo caso, pressentia que alguma coisa do primeiro caso tinha passado batida, e isso o impediu de fazer um bom trabalho. Agora ele pode seguir o rastro dos dois com uma equipe completa para apoiá-lo.

Duan finalmente se afastou da parede para ocupar a cadeira em frente a Kim. Ele estava plenamente consciente de que, no meio da conversa, mais ou menos nos últimos 20 minutos, algo vinha acontecendo entre eles... e não tinha nada a ver com sexo, mas tudo a ver com confiança. Kim estava chateada, compreensivelmente, mas também disposta a ouvir enquanto ele explicava as coisas.

– Eu queria poder dizer, depois de conhecer Villarasas, que acho que Landon está errado – disse. – Mas antes de voar para cá consegui ler a documentação de ambos os casos, e acho que há mais por trás deles do que simplesmente duas mulheres concluindo que não queriam mais continuar casadas e loucas para caírem fora, sumindo do mapa.

A opinião de Duan em nada aliviou a ansiedade de Kim. Apenas a agravou.

– Se o que você diz for verdade, então como você pode achar que a vida de minha mãe não está em perigo, Duan?

Ele se inclinou e apoiou os cotovelos nas coxas.

– Primeiro de tudo, se Villarasas se livrou mesmo de duas mulheres, ele não arriscaria o mesmo com uma terceira sem levantar uma série de suspeitas. E ele e sua mãe ainda não estão casados, então ele não tem motivos para achar que ela está sendo infiel como as outras duas. Além disso, ele perguntou sobre minha profissão antes de sairmos da casa de sua mãe, então sabe que sou ex-policia. Ele até mesmo sabe que eu sou um ex-policia de Atlanta, e provavelmente está se perguntando se estou familiarizado com a investigação.

Kim suspirou e se recostou na cadeira.

– Mas a solução de um caso pode levar semanas, meses, talvez anos. Você conheceu minha mãe, Duan. Você viu como o rosto dela se iluminou quando Edward chegou lá. Ela se apaixonou por ele, e se ele não é o que finge ser, ela deveria saber disso, e é meu dever contar a ela.

– Se você tivesse que contar a ela agora, ela iria acreditar em você? Como você sabe se Villarosas já não falou para ela que as duas esposas fugiram, fazendo parecer que foi escolha delas? E será que saber disso tudo deixaria sua mãe desconfiada dele? Na cabeça de Wynona, ele é um homem bom, e a menos que você possa apresentar provas concretas demonstrando o contrário, ela vai encarar tudo que você disser como uma tentativa de separá-los.

Kim ficou em silêncio por um tempo, pois Duan estava certo. A mãe dela poderia muito bem saber sobre as duas esposas de Edward. Ela certamente não esboçou nenhuma reação quando Villarosas respondeu à pergunta de Duan sobre já ter sido casado. Ele não hesitou em admitir os dois divórcios, então havia chances de já ter contado a Wynona sobre os desaparecimentos de suas ex-mulheres. Kim sabia que sua mãe não iria suspeitar de Edward em relação a qualquer crime.

– Eu não posso permitir que ela se case com ele até ter certeza de que é inocente, Duan – falou ela, olhando-o.

Ele meneou a cabeça.

– Bem, como eu já disse, com todos nós cinco trabalhando no caso, isso sem mencionar o investigador no departamento de polícia de Atlanta, sinto que vamos achar alguma coisa... mesmo que não seja nada além de um motivo.

– E depois?

– Depois vamos apresentar o que temos para a polícia, e para sua mãe. Até lá, ela não vai acreditar em meras especulações de nossa parte. – Ele se recostou na cadeira. – Não tenho dúvidas de que Villarosas é um manipulador. Eu vi sua mãe enquanto ele estava falando. Ele já a convenceu de que é a melhor do mundo.

Kim achou aquela avaliação muito boa, a mesma que ela já havia feito, aliás.

– Então o que podemos fazer?

– Nesse momento, nada. Meus parceiros sabem o quanto é importante determinarmos de uma vez por todas o que aconteceu àquelas mulheres, e, se isso significar voltar ao ponto de partida, então é isso que faremos.

As palavras de Duan não ofereceram muito conforto a Kim. O que ele premeditava fazer poderia levar tempo, e tempo era algo que eles não tinham, não quando a mãe dela pretendia se casar com Edward em poucas semanas.

– Deve haver alguma coisa que possamos fazer agora – disse ela em tom de frustração.

– E há. Eu preciso que aja como se Edward já tivesse conquistado você. Isso vai ser importante para ele. Tenho certeza de que ele já notou que não fui com a cara dele, e, ou ele não dá a mínima, ou vai fazer o máximo para conseguir uma boa impressão da minha parte, mesmo que apenas para tentar descobrir o que eu sei.

– Ele não vai ficar desconfiado se descobrir que os casos foram reabertos?

– Provavelmente vai. Mas não acho que ele vá relacionar minha pessoa a qualquer coisa. Na verdade, vou fazê-lo acreditar que não sei nada a respeito. Fui honesto com ele sobre ser ex-policial, e ele provavelmente está achando que eu não teria feito isso se tivesse reconhecido o nome dele.

Duan se levantou e foi até Kim, estendendo a mão. Ela olhou para ele por um momento antes de oferecer sua mão também. Ele a pôs de pé, e, quando passou os braços ao redor da cintura dela, ela fez uma tentativa débil de se afastar. No entanto, ele a abraçou com força, resistindo em soltá-la.

– Você deveria ter me contado – disse ela, semicerrando os olhos para ele.

Duan ergueu o queixo para conectar seus olhares. Era inevitável enxergar a dor no fundo dos olhos castanho-escuros de Kim, e aquilo foi como um chute no estômago. Ele nunca tivera a intenção de magoá-la.

– As coisas tinham que ser feitas desse jeito, Kim. Qualquer movimento em falso poderia explodir na nossa cara... jogar provas em potencial no lixo. Eu não posso arriscar deixá-lo se esquivar por alguma brecha. Você gostaria que isso acontecesse, principalmente se ele for culpado?

– Não.

– Se eu tivesse contado antes, você teria embarcado no primeiro avião para confrontar Villaras e sua mãe, sem nenhuma prova. Isso só teria aproximado mais os dois. Eles teriam fugido antes mesmo de você ser capaz de impedi-los. Fazendo desse outro jeito, nós dois sabemos o que precisamos

realizar, e vamos trabalhar juntos para pegá-lo. – Ele fez uma pausa para que ela absorvesse suas palavras. – Então... somos uma equipe ou não? – perguntou ele depois de alguns instantes.

Um lado de Kim queria ir a algum lugar e chorar até cansar. O fato de ter descoberto que o único homem que sua mãe acreditava ser capaz de fazê-la feliz era um mentiroso e possível assassino já era ruim o suficiente. E ainda por cima ela estava sendo lembrada de que o sexo era a única coisa existente entre ela e Duan, e que a única razão pela qual ele estava ali era para trabalhar disfarçado...

– Kim?

Ela empinou o queixo, franzindo o cenho ferozmente.

– O quê?

– Somos ou não somos uma equipe? Não queremos a mesma coisa aqui?

Ela suspirou e olhou para ele.

– Sim, mas quero saber tudo que puder sobre Villarasas e esses dois casos. Você trouxe os relatórios?

– Sim.

– Ótimo, porque pretendo lê-los. Se Edward for inocente, serei a primeira a pedir desculpas a ele e mamãe por duvidar dele. Mas se for culpado de qualquer crime, então quero ter certeza de que pagará pelo que fez.

## Capítulo 9

**K**IM LARGOU os documentos que estivera lendo na última hora e esfregou os olhos. Como enfermeira, estava acostumada com relatórios, alguns até ainda mais grossos do que o documento de 300 páginas que Duan lhe entregara. No entanto, a maioria deles era de natureza médica e apontava uma conclusão no final, um diagnóstico. Apesar de existir uma enormidade de informações documentadas a partir de várias fontes naquele relatório investigativo, não havia uma conclusão definitiva.

– Aqui, acho que você vai precisar disso.

Kim sorriu quando Duan colocou uma xícara de café na frente dela.

– Obrigada.

Ele relaxou na cadeira ao lado dela. Quando Kim começou a ler o relatório, ele sacou um laptop da bolsa. Durante a última hora tinham trabalhado em um silêncio cordial, sendo que os únicos sons na sala eram aqueles oriundos das páginas sendo viradas por Kim e dos dedos de Duan no teclado.

Mas a única coisa da qual ela estava constantemente ciente era da presença dele. Só saber que estava ali, ao alcance de um braço, já era um pensamento reconfortante. Tudo o que Kim precisava fazer era inalar para respirar o cheiro viril da loção pós-barba. De vez em quando ela olhava para ele, via como era intenso, e percebia o quão a sério ele levava seu trabalho como investigador particular.

Ela nunca fora do tipo de mulher que precisava ou mesmo desejava ter um homem sob seus pés, mas se sentia bem por ter Duan ali. E saber que eles formavam, como ele mesmo intitulara, uma equipe era ainda melhor. Depois de lhe dar o relatório, Duan lembrou a Kim que ela havia pedido para ele fingir ser seu noivo *antes* de ela mencionar o nome de Villaras. Esse era o único pensamento reconfortante naquela coisa toda.

Ela bebeu um gole de café. Estava muito gostoso. E não era a primeira vez que se perguntava se havia alguma coisa na qual Duan Jeffries não fosse bom. Ela olhou para o relatório, pensando que ele certamente havia facilitado para ela conseguir acompanhar. As seções destacadas poderiam muito bem ter sido feitas por ela mesma, e todas as perguntas que ele anotara em *post-its* eram as mesmas que ela teria feito.

– O relatório está aborrecendo você com todo esse jargão investigativo?

Ela deu uma olhadela para ele. Mais cedo, ele estava sentado no sofá com o computador no colo. Agora havia colocado o laptop sobre a mesa para fazer uma pausa e desfrutar de uma xícara de café com ela. E tinha trocado de roupa. Estava vestindo calça jeans e camiseta, e os pés estavam descalços. Ele parecia em casa. Sexy.

– Não, acho todo esse material interessante e estou espantada como policiais e detetives conseguem amarrar tudo e levar o caso a uma conclusão.

– Confie em mim, nem sempre é fácil – disse ele, sorrindo para ela. – E, em muitos casos, há pontas soltas, coisas que não se encaixam.

Kim assentiu.

– Sim, notei isso.

– E o mais triste é que, sem tempo, recursos e dinheiro, essas pontas soltas nunca são completamente verificadas. Há uma série delas listadas no relatório, mas quando não há provas tudo se resume a especulação.

– E um monte de brechas legais por onde se escorregar.

Duan sustentou o olhar de Kim por um momento, depois assentiu.

Ela soltou um suspiro frustrado, começando a compreender mais sobre ele e seu trabalho. Há algumas semanas, ela havia lhe pedido para contar sobre si; o bom, o mau e o feio. Este tinha sido o mau. A incapacidade de corrigir um erro por causa de brechas legais.

– Eu me recuso a deixar este caso ser um deles, Duan. Nunca vou ficar satisfeita até saber a verdade sobre o que realmente aconteceu com as mulheres, e não temos meses ou anos para descobrir. Tem que haver algo mais que possamos fazer. Dia após dia mamãe está ficando cada vez mais apaixonada por ele, e não conseguirei tocar minha vida com ela estando aqui em Shreveport. Seja na Flórida ou onde quer que eu esteja morando enquanto estiver na faculdade de medicina, vou ficar me perguntando constantemente se ela está segura ou se Villarosas decidiu fazer dela sua próxima vítima. Se algo o levou ao limite para querer machucá-la.

Ela se levantou e começou a caminhar.

– Há tanta coisa que não sabemos sobre ele. Tanta coisa que mamãe não sabe. Talvez devêssemos voltar lá hoje à noite e dizer que resolvemos nos hospedar na casa dela em vez de no hotel, assim poderemos ficar de olho nas coisas.

– E como você sugere explicarmos nossa decisão sem deixá-la desconfiada de alguma coisa? – quis saber ele.

Kim enfiou as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans e jogou a cabeça para trás.

– Você tem alguma ideia melhor? – retrucou ela.

Aquela mulher sabia como impulsionar a adrenalina dele, pensou Duan... para o bem e para o mal. Ele sentia a raiva dela, entendia sua frustração e sabia que a mãe era sua principal preocupação. Sabendo disso, ele iria lidar com qualquer um que se atrevesse a machucá-la, ou com qualquer pessoa importante para ela. Principalmente porque ele estava começando a sentir uma conexão com ela que não desejava sentir.

Duan se levantou e se aproximou de Kim, que lhe lançou um olhar que quase dizia: *Não brinque comigo*. Ele deu de ombros. Ela era uma cabeça-quente e estava tendo um de seus momentos. Ele iria ajudá-la a superá-lo.

Então parou diante dela.

– Sim, tenho algumas ideias que podemos discutir em detalhes mais tarde. A maioria envolve aqueles post-its que coloquei ao longo do relatório. Mas agora acho que você precisa relaxar e dissipar um pouco da raiva. Vou ajudá-lo a fazer isso.

Ela revirou os olhos.

– Aposto que sim. E como você planeja conseguir isso? – perguntou ela com um olhar que dizia simplesmente que, o que quer que ele tivesse em mente, agora não era hora de tentar.

Duan sorriu, lendo os pensamentos de Kim e sabendo que as suposições dela estavam erradas.

– Dê-me alguns minutos e vou ajeitar tudo para você – disse ele, afastando-se e indo em direção ao quarto.

Kim pareceu confusa.

– Ajeitar o que para mim? Aonde você está indo?

Ele se virou e um sorriso tocou os cantinhos de seus lábios.

– Você precisa ser mimada, então estou indo ao banheiro para preparar seu banho de espuma.

KIM AFUNDOU mais na banheira, sob as bolhas, e fechou os olhos. Nenhum homem jamais havia preparado um banho para ela. Duan tinha feito mais do que simplesmente abrir a torneira; ele a fizera sentir-se especial. E o que ela achava tão incrível era que ele provavelmente não estava ciente de que tinha realizado tal façanha. Certos tipos de atitudes pareciam parte intrínseca de natureza dele. Kim imaginava que tinha a ver com o fato de ser o mais velho e ter cuidado de seus irmãos mais novos. Embora ela não conseguisse imaginá-lo como o guardião de Terrence, com Olivia a história era bem diferente.

Quando fora para a Flórida a fim de experimentar o vestido de madrinha, Olivia contara a ela e a Sherri que seus dois irmãos tinham sido bem superprotetores quando era mais nova, sendo que Duan fora bem mais do que Terrence. Havia algumas coisas que ela podia contar a Terrence que não se atreveria a tentar com Duan. Kim acreditava nisso.

Kim inalou as bolhas perfumadas quando pensou em sua mãe. Mais do que qualquer coisa, ela queria que não houvesse tantas perguntas sem resposta nas cento e tantas páginas que já havia lido sobre o primeiro caso envolvendo Edward. Com todas as provas e testemunhas interrogadas, ninguém teria motivos para suspeitar de crime de qualquer espécie.

Aparentemente Mandy Villarosas era uma autêntica coquete. Mesmo as amigas com quem ela viajara para o fim de semana constataram que ela havia conhecido um homem no clube na noite anterior a seu desaparecimento.

Aquilo tinha acontecido cerca de dez anos atrás, antes de as câmeras de vídeo se popularizarem na maioria das empresas. Depois de ler o relatório, era quase possível se solidarizar com Edward por ter uma esposa com moral tão frouxa.

Mas o que Kim desejava concluir a partir dos relatórios, e ainda tinha o segundo caso para ler, era se existiam semelhanças entre as duas mulheres, físicas ou emocionais. E, mais importante, se existiam entre sua mãe e as duas mulheres. As pessoas se tornavam assassinas em série por um monte de razões.

Kim estremeceu diante da ideia de que Villarosas pudesse ser um assassino em série, mas, até ele ser inocentado de todas as suspeitas, ela faria tudo em seu poder para se certificar de que sua mãe não se casaria com o sujeito.

– Tempo esgotado.

Kim abriu os olhos e olhou para Duan. Ele estava de pé à soleira da porta, com uma enorme toalha de banho na mão.

– Mas só se passou...

– Quase uma hora. Olhe para as bolhas.

Ela olhou. A maioria das bolhas tinha se dissipado. Falando em perseverança...

– Estou decepcionada. Pensei que você fosse se juntar a mim – reclamou Kim, ajeitando o corpo para sentar-se reta. – A banheira é suficientemente grande.

– Sim, mas você precisava desse tempo para si.

Ela concordava que precisava daquele tempinho. Duan fora zeloso não só por perceber isso, mas por fazer acontecer.

– Ainda estou preocupada com mamãe, Duan.

Ele balançou a cabeça em concordância enquanto caminhava lentamente em direção à banheira de hidromassagem.

– Claro que está. Você não seria a filha que é se não estivesse. Sua mãe sempre significou muito para você.

*E a sua significou muito para você até aprender a parar de se importar, para se proteger da dor,* Kim desejou dizer. Mas ela não o fez. Em vez disso, quando Duan chegou à borda da banheira e abriu a enorme toalha de veludo, ela se levantou sem qualquer vergonha, e ele enrolou a toalha ao redor dela antes de carregá-la sem esforço.

Ele a colocou de pé e começou a secá-la, acariciando a pele molhada. Ela nunca havia se sentido tão cuidada. Poderia muito bem se acostumar àquele tipo de atenção.

Um lado dela queria dizer a Duan que ela poderia secar-se sozinha, mas ficou calada. Gostava de sentir o toque dele. E gostava especialmente do alívio terno que sentia quando ele acariciava delicadamente cada centímetro de sua pele. Então ela ficou ali enquanto ele se demorava secando os ombros molhados, ao redor dos seios e descendo até a barriga.

Duan se abaixou na frente dela para secar os quadris e coxas antes de repousar suavemente nos cachos entre eles. Ela o observava, e notou o quanto os cílios dele eram longos, percebendo em seguida que a respiração dele tinha mudado. Sem avisar, Duan pegou uma de suas camisetas e a passou pela cabeça de Kim, vestindo também as mangas. Aí ele a tomou nos braços.

– Para onde você está me levando? – perguntou ela, olhando para ele, estudando a mandíbula que achava tão fascinante.

Ele olhou para ela.

– Para a sala de estar. Quero ficar abraçado a você por um tempo.

Uma parte de Kim queria protestar e dizer que não precisava ser abraçada. E que não queria nenhum homem presumindo que ela fosse uma fraquinha carente de atenção. Quando ele a deitou no sofá e a aninhou nos braços, Kim o encarou por um momento, e ele retribuiu o olhar. Então ela se aconchegou mais junto a ele, a cabeça descansando no calor do peito largo, e ela pôde sentir de fato as batidas do coração dele sob seu rosto.

Kim fechou os olhos pensando que, sim, ela gostava de ser abraçada por Duan.

DUAN ACHAVA que havia algo simplesmente sensual em uma mulher que sentia-se confortável na própria pele. Uma mulher que sabia o que desejava e que não se importava de correr atrás do que queria, não importando o que fosse.

Ele ficou ao lado da cama, olhando para Kim. Era uma mulher que abraçava sua sexualidade como se tivesse todo o direito de fazê-lo, uma mulher tão linda que os olhos dele doíam só de olhar para ela.

Ela adormeceu nos braços dele e Duan até achava que ela descansaria melhor na cama. Só que por enquanto ele simplesmente estava gostando de abraçá-la, de ouvir sua respiração estável. Era um sono tranquilo, um que ele havia ajudado a tornar possível, e ele estava satisfeito com isso.

Ao longo dos anos, ele havia tido casos com muitas mulheres, mas agora podia dizer, muito sinceramente, que nunca tinha se envolvido com uma tão ousada, atrevida e linda como aquela. Mas daí, nesta noite, ela se rendera aos cuidados dele, e Duan gostava de mimá-la, de tentar aliviar o estresse e a tensão. De certa forma, Duan queria que Kim soubesse que, com ele, poderia aliviar qualquer carga que estivesse suportando.

Ela estava preocupada com a mãe e ele sabia disso. E estava bem ciente de que, se pudesse, Kim arrumaria as malas e ficaria na casa de Wynona durante o restante da viagem. Mas Duan também sabia que não seria uma jogada inteligente, uma vez que era necessário transmitir o máximo de normalidade possível no relacionamento deles para que Villarosas não suspeitasse de nada. Conforme Duan dissera a Kim, agora eles eram uma equipe.

*Uma equipe.*

Por algum motivo ele gostava de como aquilo soava. Certa vez, quando era da polícia, chegara a ter uma parceira, alguém do sexo feminino. Uma mulher muito competente, que era boa no que fazia, e ele sempre se sentia seguro quando ela lhe dava cobertura. Mas ele e Kim eram um tipo diferente de equipe. Ele sentia um vínculo com ela, um que não conseguia explicar, mas que sabia existir.

Kim mudou de posição na cama e a aliança que usava chamou a atenção de Duan. O anel que ele havia colocado lá, mais cedo naquele dia. Ele sentiu

um aperto súbito no peito. Ver aquele anel, seu anel, na mão dela causou alguma coisa nele.

*Ele nunca mais queria vê-lo na mão de outra pessoa.*

*Deus do céu.* Ele esfregou o rosto, sabendo o que aquela confissão significava. Apesar de todo o seu falatório sobre como nunca desejava compartilhar a vida com uma mulher, Duan sabia que, caso as circunstâncias fossem diferentes, caso Kim não tivesse sonhos para perseguir, ele iria fazê-la parte permanente de sua vida. Podia dizer honestamente que ele nunca desejara uma mulher tanto quanto desejava Kim. E tal desejo intenso nasceu na primeira vez em que pôs os olhos nela.

Ele havia se sentido atraído por Kim, porque, no fundo, apesar de toda a química sexual que eles geravam, também existia outra pulsão, tão forte quanto.

Eles eram similares em inúmeras maneiras. Ambos tinham problemas pendentes com um dos pais. O pai dela e a mãe dele os fizeram rejeitar possíveis casamentos gratificantes. Mas agora Duan podia dizer que a ideia de se estabelecer e entregar a vida a uma mulher não o assustava mais tanto quanto outrora, e ele creditava isso a Kim. Ela não era nada como Susan Jeffries, e ele acreditava que nunca iria abandonar o homem que amava ou os filhos que tivesse dado à luz. Era leal e dedicada em demasia. Definitivamente o tipo de mulher que qualquer homem gostaria de ter para si.

E a ideia de ter qualquer outro homem que não fosse ele fazendo isso era algo no qual Duan não queria pensar.

## Capítulo 10

**K**IM TENTOU fingir estar dormindo quando sentiu a ereção lhe cutucando nas costas, no ponto onde suas nádegas se uniam, e uma língua quente e úmida deslizando na pele da nuca.

Apertou os olhos e concluiu que não estava pronta para deixar Duan saber que já acordara. Cerrou as mãos quando ele se movimentou e a língua começou a descer por sua coluna vertebral.

– Já que está acordada, que tal virar para cá para que possamos brincar? – disse uma voz rouca e grave, o hálito quente criando um redemoinho libidinoso de sensações na barriga de Kim.

Ela sorriu e olhou por cima do ombro antes de se deitar de costas.

– Como você sabia que eu estava acordada?

Ele olhou para o rosto dela.

– Pela maneira como você estava respirando. Eu não toquei em você até ter certeza de que tinha sua atenção. Você não me engana.

E antes que ela pudesse fazer algum comentário, Duan se inclinou para beijá-la. A primeira coisa que veio à mente de Kim foi que a língua dele estava repleta de energia naquela manhã, e a segunda foi que ela não tinha qualquer queixa a respeito disso, especialmente depois da maneira como ele a mimara na noite anterior.

Ela adorava sentir a boca de Duan na sua, o jeito como ele parecia investir tudo em cada beijo que compartilhavam. E o modo como parecia sorvê-la

avidamente, banquetando-se de maneira faminta enquanto levava a língua cada vez mais fundo dentro da boca delicada dela.

O toque do celular dela os separou, ofegantes.

– Provavelmente é minha mãe para se certificar de que não nos esquecemos do café da manhã – disse ela, esticando-se para alcançar o telefone.

Antes de Kim se afastar demais, Duan estendeu a mão, agarrou uma coxa dela e se inclinou para colocar um beijo bem no meio de sua barriga ao sair da cama e pegar o próprio telefone celular no criado-mudo. Ele tinha ouvido o som do zumbido mais cedo, o aparelho vibrara pouco antes do amanhecer, mas resolvera ignorar a ligação, pois não queria acordar Kim.

Viu a chamada perdida de Landon. Enquanto Kim conversava com a mãe, Duan seguiu para a varanda para retornar o telefonema.

– Ei, cara, o que está acontecendo?

– Só queria verificar se você já encontrou Villarosas.

– Sim, eu o conheci e você estava certo. Ele parece ser um idiota arrogante. Como está a situação de Chevis em relação ao primeiro caso?

– Ele está tentando descobrir a identidade do homem com quem Mandy Villarosas supostamente flertou naquela noite no clube. Chev está convencido de que alguém pode se lembrar de alguma coisa.

– Mesmo depois de dez anos?

– Sim. De acordo com o depoimento de uma das mulheres, naquela noite estava ocorrendo uma reunião de ex-alunos de uma escola, o que significa que provavelmente houve um monte de fotos. Chev vai rastrear alguns dos convidados para ver se consegue reunir imagens. Deixarei você informado sobre as descobertas dele.

Duan finalizou a ligação e fechou o telefone quando voltou ao quarto do hotel. Ele olhou para Kim, que retribuiu com olhos perturbados. Obviamente havia algo errado.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela deu de ombros.

– Acho que sim. Acabei de falar com mamãe e ela parecia tão feliz e animada. – Ela riu amargamente e ostentou um olhar causticante. – Fico

irritada por saber que o sujeito que trouxe tanta alegria para a vida dela pode acabar se revelando um desgraçado assassino.

Duan entendia como Kim se sentia, mas também sabia que eles precisavam fazer o jogo de Villarasas, o que significava aperfeiçoar as habilidades de atuação de ambos.

– Esqueça o lado pessoal agora, Kim. Coloque uma tampa em cima da sua raiva. Precisamos nos concentrar em pegar esse cara se ele for culpado, e o único jeito de fazer isso é descobrindo tudo o que há para saber. Viemos até aqui, e a última coisa da qual precisamos é do meu disfarce desmascarado. Villarasas precisa acreditar que nos engambelou, especialmente a você, que não pode permitir de jeito nenhum que ele saiba que suspeita de algo. Você deve perguntar a ele as mesmas coisas que perguntaria a qualquer homem prestes a se casar com sua mãe. E deve deixá-lo confortável para lhe contar qualquer coisa que você deseje saber.

Ele estendeu a mão e acariciou a mandíbula de Kim com as pontas dos dedos.

– Você consegue fazer isso, Kim? Se não conseguir, eu vou entender. Sem perguntas. Não necessita de explicação. Mas tem muita coisa em jogo e...

– Eu consigo fazer isso, Duan – disse ela, com certeza nítida e confiança inabalável. – E *vou* fazer. Se ele não for o que mamãe pensa, então preciso ajudar a expô-lo. Não estamos fazendo isso apenas para minha mãe. Preciso me lembrar das famílias dessas outras duas mulheres, que não sabem se estão vivas em algum lugar ou mesmo mortas. Tenho que fazer isso por elas também.

Ele sorriu e segurou o queixo de Kim antes de baixar a boca aos lábios dela. No momento em que as bocas se tocaram, um calor ardente explodiu dentro dele, que então deslizou a língua para dentro da boca de Kim, enroscando-se à língua dela e lambendo lá dentro de canto a canto. E quando ela abraçou o pescoço dele, Duan tirou a mão de seu queixo e a deslizou até a cintura delicada.

O corpo de Kim fundiu ao dele, e Duan não pôde fazer mais nada senão continuar a beijar aquela mulher que o afetava como nenhuma outra. A mulher responsável por fazê-lo querer coisas que ele nunca havia desejado.

A mulher que tornara possível cogitar todas as possibilidades, mas só com ela.

Kim era um caso único. Se ele não pudesse tê-la, então não teria mais ninguém, porque estava convencido de que ela era sua metade, aquela que fazia dele um todo. Duan estava deixando suas emoções entrarem em jogo e sugarem o melhor de si, mas não podia fazer nada para impedir aquilo.

Relutantemente, ele afastou a boca dos lábios de Kim e pressionou a testa contra a dela. Havia tanta paixão entre eles. Como poderia ser possível?

Ele deu um passo para trás.

– Eu estava conversando com Landon e ele contou que Chevis está em Orlando para seguir uma possível pista. De acordo com o relatório que você leu, na noite anterior ao desaparecimento de Mandy Villarosas, a esposa número um, houve uma festa no clube... Uma reunião de ex-alunos de um colégio.

Kim assentiu.

– Sim, eu me lembro de ter lido isso.

– Como a maioria das reuniões, tem sempre gente tirando um monte de fotos de forma aleatória. Estamos entrando em contato com alguns dos convidados para ver se existe alguma fotografia do homem com quem Mandy supostamente flertou naquela noite. As mulheres com quem ela viajou naquele fim de semana acham que é o mesmo homem com quem ela se encontrou no dia em que desapareceu.

Kim fez uma careta.

– Mas, se isso for verdade, então há a possibilidade de haver outro homem envolvido... – Ela parou de falar, esperançosa de que Duan estivesse seguindo sua linha de raciocínio. Ele estava.

– Isso significa que, se havia outro homem envolvido, então ele poderia muito bem ser a pessoa por trás do sumiço dela – concluiu ele. – Lembre-se: nós nunca dissemos que Villarosas é culpado por algum crime, mas ele está sob suspeita.

– Com o cenário que você acabou de apresentar, não sei como ele pode ser um suspeito, Duan. E se o homem no clube for o mesmo homem que ela encontrou depois? Ele seria o principal suspeito, não seria?

Duan assentiu.

– Sim e não. Ainda tem um monte de áreas nebulosas nesse caso. É por isso que estamos verificando todas as possibilidades. Apenas se lembre: não foi o primeiro caso que despertou suspeitas de Landon, pois ele nunca trabalhou nele. Foi o segundo caso, e agora temos acesso a ambos. E vamos proceder como se Edward fosse inocente, até prova em contrário, ou pelo menos até que possamos estabelecer uma motivação.

– E se mamãe insistir em se casar com ele antes?

– Aí vamos ter que deixá-la a par de tudo e revelar nossas suspeitas. Mas como eu disse, há chances de ela não querer acreditar que ele seja capaz de fazer mal a alguém. E você precisa me informar sobre todas as pessoas que sua mãe convidou para o café esta manhã, assim não haverá surpresas. Não quero ser pego com calças na mão em relação a nada. Você pode me deixar a par quando estivermos indo para lá.

– Tudo bem.

– E lembre-se: não importa o que aconteça, nós somos uma equipe.

Ela sorriu.

– Vou me lembrar disso.

Duan olhou para o relógio na parede.

– Pronta para tomar um banho? – perguntou ele, indo em direção ao banheiro.

– Vá na frente, preciso telefonar para o hospital e verificar como está uma pessoa que deu entrada no pronto-socorro na quinta-feira, um menininho picado por uma cobra venenosa. Estavam ministrando antiofídico e eu quero saber como ele está.

– Tudo bem. – Duan se virou para entrar no banheiro e então parou para olhar para ela. Como se precisasse prová-la novamente, ele se aproximou e tomou Kim em seus braços, cobrindo-lhe a boca com a dele.

Ao contrário do beijo anterior, o de agora tinha sido inesperado, espontâneo, e ela foi inundada por sensações imediatamente. O fôlego que ela estivera prestes a recuperar fora reduzido a um calafrio. A língua de Duan estava fazendo uma avaliação veloz, porém profunda, de sua boca, e a ponta do dedo dele desenhava círculos eróticos nas costas de Kim. Ela

precisava daquilo. Desejava aquilo. E ele estava dando a ela na medida perfeita, usando a língua para acariciá-la rumo à tranquilidade, para lhe oferecer a paz e a calma das quais ela necessitava naquele instante.

Relutantemente, Duan se afastou e a soltou. Sustentou o olhar dela por um momento e, em seguida, sem dizer uma palavra, atravessou a sala até o banheiro e fechou a porta atrás de si.

## Capítulo 11

– ENTÃO COMO foi que você e Kim se conheceram?

Duan sorriu para tia Gert, que parecia ter seus 60 e poucos anos. Kim tinha avisado que a tia iria fazer um monte de perguntas. E ela estava certa.

O café da manhã se transformou em um brunch de sábado de manhã no terraço. Wynona e tia Gert tinham feito a maior parte da comida, e Duan era obrigado a concordar que as mulheres eram grandes cozinheiras. Ele não deixou de notar que Edward lhe evitara durante a maior parte da manhã, mas que ficara perto de Kim sempre que tivera chance.

– Kim e eu nos conhecemos quando a melhor amiga dela, Sherri, que tenho certeza que você sabe quem é, ficou noiva do meu irmão Terrence – respondeu ele com sinceridade.

– Então foi amor à primeira vista? – perguntou tia Gert com um olhar esperançoso.

Duan estava inclinado a concordar com ela a respeito disso.

– Digamos simplesmente que um monte de coisas me atraía em Kim. Coisas das quais eu definitivamente gostava e admirava. – Ele bebeu um gole de chá gelado. Kim disse que tia Gert era uma romântica incurável, e era isso mesmo. A mulher realmente estava acreditando em tudo.

Ele olhou para Kim do outro lado do cômodo. Ela estava conversando com um homem que tinha sido apresentado como vizinho de sua mãe, Benjamin Sanders, a quem ela carinhosamente chamava sr. Bennie.

Duan percebeu de repente o quanto a afirmação que ele dera a tia Gert era verdadeira. Ele tinha gostado de um monte de coisas em Kim logo de cara. A aparência dela encabeçava a lista, é lógico. Mas também não demorou muito para descobrir que era uma mulher muito inteligente, com profundo sentimento de cuidado com os outros, por isso Duan não se surpreendeu quando soube que era enfermeira. Outra coisa que ele admirava nela era sua coragem.

– Bem, fico feliz por ela finalmente ter um compromisso sério com um homem. Durante um tempo, fiquei bem preocupada com ela.

– Preocupada? – questionou Duan.

– Sim, preocupada. – Duan riu ao ouvir as palavras da senhora.

– Você estava preocupada por ela não ter nada sério com um homem?

– Sim, afinal de contas, ela tem 27 anos.

– Sim, senhora.

– Na sociedade de hoje, se uma mulher da idade dela não tem um homem, as pessoas começam a pensar coisas – disse tia Gert.

– É por isso que você mandou os dados dela para aquele programa de televisão, porque você estava preocupada se ela ao menos *gostava* de homens? – Ele quis saber, incrédulo, depois de ter captado o que tia Gert estava insinuando.

Ela encontrou o olhar dele.

– Sim.

Naquele momento ele teria pensado mal da mulher se não tivesse notado todo o amor que ela sentia por Kim irradiando em seu rosto.

– Acredite, ninguém tem motivos para pensar nada de Kim. Ela é a mulher que qualquer homem desejaria ou gostaria de ter. – E ele sabia até a base da virilha que aquela afirmativa era verdadeira.

O rosto da mulher se iluminou num sorriso.

– Estou feliz por ouvir isso. E gosto do anel que você deu a ela. Veja como parece ter sido feito para o dedinho dela.

Duan não conseguiu evitar sorrir.

– Sim, concordo. Então fique tranquila, tia Gert. Minha mulher está indo muito bem.

Ele bebeu um gole vagaroso de sua limonada. *Minha mulher*. Seus pensamentos flutuaram de volta àquela manhã. Kim realmente tinha sido a mulher *dele*. Duan não esperava que ela se juntasse a ele no chuveiro, mas, uma vez que descobriu que o menino estava se recuperando da picada de cobra, ela o fez. Juntos, deram novo sentido à palavra *vapor*. Sentido que fez sensações se agitarem do peito até a virilha de Duan só de pensar no assunto.

O olhar dele buscou o de Kim por todo o ambiente. Alguém tinha colocado um bebê nos braços dela, um dos filhos de seus primos, presumia Duan. Ela o carregava com naturalidade, e então ele se lembrou do que ela lhe dissera sobre ter filhos um dia, mas sem a intenção de se casar. Ele continuou a olhar para ela, e duvidava de que a própria mãe tivesse apresentado aquele olhar quando o carregara, ou a Terrence ou a Olivia.

– Bem, já gastei muito do seu tempo, Duan. Wynona está esperando que todos fiquem para o jantar porque ela está preparando um banquete. Vou ver se ela precisa de ajuda com alguma coisa na cozinha.

Quando tia Gert saiu, Duan sentiu que alguém o observava, e encontrou o olhar de Edward Villarosas. Ele estava com um grupo de homens, mas a atenção estava toda em Duan. Concluindo que o sujeito já o tinha evitado por tempo suficiente naquele dia, Duan atravessou a sala quando os sujeitos com quem Edward conversava se afastaram.

– Então, Edward, como vão as coisas? – perguntou Duan.

Edward passou a mão na cabeça calva.

– Tudo bem. Vejo que você está bem à vontade.

Duan riu.

– Estou tentando. Diga-me – pediu ele encontrando o olhar de Edward –, foi fácil para você?

– O quê?

– Ficar à vontade...?

– Ah, com certeza. Wynona tem parentes agradáveis. – Edward hesitou por um momento, depois disse: – Então você era um policial em Atlanta. Eu morei em Atlanta por um tempo. Durante dez anos.

Duan arregalou os olhos, como se estivesse surpreso com a declaração.

– Isso é muito tempo. Por que você foi embora?

Edward deu de ombros.

– Depois dos meus divórcios, não havia nada lá para mim mais. Eu queria um novo começo, então me mudei para cá. – Depois de tomar um gole de limonada, ele perguntou: – Você foi policial durante quanto tempo?

– Sete anos – respondeu Duan.

– Você estava sempre nas ruas? – perguntou Edward.

Duan balançou a cabeça.

– Não, virei investigador no segundo ano. Depois de fazer o trabalho de detetive por uns anos, resolvi montar minha empresa de investigação particular. Tenho orgulho de dizer que estou me saindo bem com ela.

– Bom saber.

– E você? Trabalhava com o que enquanto morava em Atlanta?

– Fui mecânico por muito tempo e tinha minha oficina, na maior parte do tempo fazia manutenção de carros antigos.

– Sério!?! – exclamou Duan, como se ele não soubesse de tal fato. – Qual era o nome da oficina?

– Villarosas Auto Shop. Ficava em College Park. – O homem olhou ao redor. – Desculpe-me, Duan, mas preciso ver Wynona rapidinho. – Duan observou-o deixar o pátio.

– Como vão as coisas?

Ele olhou para cima e viu Kim se aproximando.

– Tudo bem. E com você?

– Edward está fazendo um monte de perguntas.

– Sobre o quê?

– Sobre você. E espero que eu tenha dado todas as respostas certas.

Duan franziu a testa.

– Que tipo de pergunta?

– As perguntas que presumo que qualquer pai faria quando sua filha trouxesse um cara para casa no primeiro encontro. Há quanto tempo você foi policial? É um investigador e, se sim, há quanto tempo? Onde você morou em Atlanta e por quanto tempo...? Esse tipo de pergunta.

Duan assentiu.

– E o que você disse a ele?  
– O que nós combinamos que eu diria.  
– Ótimo. Você poderia fazer parte da minha empresa de investigação – brincou ele, inclinando-se para ela e lhe dando um beijo nos lábios. Qualquer um que olhasse para eles presumiria que estavam compartilhando um momento amoroso.

Kim riu.

– Não, obrigada. Vou ficar com a área médica mesmo. De qualquer forma, acho que o surpreendi quando finalmente disse que vocês dois deveriam se conhecer melhor; afinal, ele vai se casar com minha mãe. E que, se ele quisesse saber mais alguma coisa sobre você, precisaria perguntar diretamente.

Duan sorriu.

– Ele perguntou mesmo, mas tenho certeza de que teremos outras perguntas mais tarde.

Duan colocou o braço em volta do ombro de Kim e tentou minimizar o formigamento que sentia ao tocá-la. Ela podia estar em qualquer ambiente da casa, e mesmo assim Duan sempre ficava ciente da presença dela.

– Como foram as coisas entre você e tia Gert? – quis saber ela.

– Acho que ela gosta de mim.

– COMO FOI o restante do seu dia com Edward? – questionou Duan. – Não pude deixar de notar que ele encurralou você num cantinho várias vezes. – Era mais tarde naquela noite e eles estavam voltando ao hotel, momentaneamente presos no trânsito enquanto um trem passava na ferrovia.

Kim o fitou e ofereceu um sorriso fraco. Todo mundo tinha ficado para o jantar, e depois várias pessoas resolveram jogar cartas. Duan estava certo. Edward participou de uma ou duas partidas, mas na maioria do tempo ficou abordando Kim nos cantos. Ela não se surpreendia por Duan ter notado. Na verdade, ela o flagrara olhando muitas vezes naquele dia. E saber que o olhar dele estava sempre nela a fazia sentir arrepios sensuais. A noção de que ele causava esse efeito sobre ela não era mais uma surpresa.

– Sim, fiz tudo que você sugeriu e o incentivei a falar. Ele não contou muito sobre seus casamentos, mas me disse que não tem filhos e que era seu único arrependimento na vida. E que por isso ele está ansioso para se tornar meu padrasto. – Ela suspirou. – É basicamente isso. E falou sobre o quanto planeja fazer mamãe feliz. Então... o que você descobriu?

– Não muito mais do que isso. Ele gosta de jogar golfe e de pescar. Sugeriu fazermos as duas coisas enquanto eu estiver por aqui. É claro que eu não recusaria a oportunidade de passar mais tempo com ele. Também consegui que ele falasse sobre sua vida em Atlanta. Mas tirando o fato de ter contado sobre a oficina mecânica que possuía em College Park, ele foi bastante lacônico.

– Isso não nos diz muito, não é? – perguntou Kim.

– Não. No entanto, conforme os dias se passarem...

– Mas é só isso, Duan. Em vez de gastar tempo conhecendo o homem com quem minha mãe vai se casar pelos motivos certos, estou questionando-o por todos os motivos errados, só porque...

– Eu sei o que você vai dizer, Kim, e compreendo. Mas...

– Será que tem de existir um *mas*, Duan?

– Nesse caso, sim. Agora me conte sobre o vizinho de sua mãe.

Ela olhou para ele com surpresa.

– Quem? O sr. Bennie?

– Isso.

– Por que você iria querer saber alguma coisa sobre ele?

– Porque ele parece gostar da sua mãe.

Kim revirou os olhos.

– Claro que ele gosta de mamãe. Eles foram vizinhos de porta durante anos e se conhecem há mais tempo ainda. Eles frequentaram a escola juntos. A casa onde mamãe está morando agora era dos meus avós, e a casa onde o sr. Bennie mora era dos pais dele, então ele e minha mãe foram vizinhos de infância e adolescência. Ele é alguns anos mais velho do que ela.

Kim se remexeu um pouco na cadeira para olhar para Duan.

– Quando a mãe dele morreu, o sr. Bennie, a esposa e a única filha voltaram para Shreveport para cuidar do pai dele. Porém, ele viveu só mais

um ano depois da viuvez. E há uns oito anos a esposa do sr. Bennie, sra. Diana, morreu de câncer de mama.

Duan assentiu, pensando que a casa onde o sr. Bennie morava havia experimentado muita tristeza.

– Onde está a filha dele?

– Valerie, que é um ano mais velha do que eu, foi para a faculdade em Nova Jersey e conheceu um cara lá. Agora eles estão casados e com uma filhinha. Eu os encontro quando vou para casa no Natal. Ela geralmente vem e passa as férias com o sr. Bennie, assim como faço com minha mãe todos os anos.

– Ele nunca se casou de novo?

– Não, ele nunca se casou novamente. Eu gosto do sr. Bennie. Ele é um homem muito bom, que ajuda bastante minha mãe com o jardim e fazendo reparos aqui e ali pela casa.

Kim não falou nada por um momento, então, perguntou:

– Por que você acha que ele gosta de mamãe *daquele* jeito?

Duan sorriu.

– Há pequenas coisas que eu observo, coisas que agora sou capaz de reconhecer como sinais. Confie em mim, digo que vi isso com meu próprio pai. E com Terrence também. Olivia nos mostrou e nos deixou cientes de que Cathy, a secretária de nosso pai, era apaixonada por ele há anos. Pensamos que Libby estivesse louca, até que ela nos disse para prestar mais atenção, então obedecemos. No início não captamos qualquer coisa, mas depois percebemos as espiadelas que Cathy dava para papai quando ele não estava olhando, e o jeito como fazia qualquer coisa por ele.

– E você flagrou o sr. Bennie espiando mamãe quando ele achou que ela não estivesse olhando?

– Sim. Além disso, tem o jeito como o rosto dele se ilumina quando ela chega. Confie em mim. Eu diria que ele definitivamente está apaixonado. E às vezes as pessoas têm uma tendência a não perceber alguém que está sempre ali, mesmo que essa pessoa seja a melhor coisa para elas.

Naquele momento, o celular de Duan disparou. Felizmente eles ainda estavam parados no tráfego, então ele ergueu o quadril para retirar o telefone

do clipe do cinto.

– Sim, Landon. O que houve?

– Acho que encontramos o cara em questão. Uma das mulheres o reconheceu, a partir de algumas das fotos, como o mesmo sujeito com quem Mandy Villarasas flertou naquela noite.

Duan assentiu.

– Será que alguém o reconheceu como um ex-colega de turma?

– Não. Então agora temos um rosto, mas precisamos de um nome. Brett vai cuidar disso.

Duan riu. Brett conseguia fazer praticamente qualquer coisa com um computador.

– Informe-me quando ele descobrir alguma coisa.

Duan desligou o telefone e olhou para Kim.

– Temos uma informação sobre o cara que Mandy Villarasas supostamente encontrou.

– Então você sabe quem ele é? – perguntou ela sem esconder a empolgação.

– Não, mas ele foi capturado em várias fotos, então pelo menos é um começo. Não temos certeza se ele esteve com alguém da reunião de ex-alunos ou se conhecia alguém no clube. Lembre-se, isso foi há dez anos.

Com a esperança murchando, Kim afundou no banco do carro.

– Então vai ser como caçar uma agulha no palheiro.

Duan riu.

– Na verdade não. Principalmente porque é Brett quem está trabalhando nessa parte.

– Brett? Um dos investigadores da sua empresa?

– Sim.

– Por quê?

– Brett é nosso especialista técnico e de informática, e desenvolveu uma rede de alta tecnologia. Tudo o que ele precisa fazer é verificar a foto desse cara e ela vai ser distribuída para todos em seu banco de dados. Provavelmente vai para todas as delegacias no país, bem como a base de

dados do FBI. Vou lhe dar menos de 48 horas para descobrir a identidade do sujeito.

– Mas, como você disse, dez anos se passaram – lembrou ela.

– Sim, e a beleza do equipamento que Brett desenvolveu é que ele é capaz de fazer uma atualização de aparência de acordo com a idade da pessoa. Se soubermos como ele era naquela época, então você pode ter certeza de que vamos saber como está agora. Brett foi bem-sucedido em muitos casos.

– Uau.

Duan riu.

– Sim, agora estamos chegando a algum lugar.

Ele mexeu a cabeça para olhar pelo para-brisa. Estava escuro e eles estavam em uma estrada de duas pistas com carros na frente e atrás, todos parados.

– Que inferno, quanto tempo esse trem leva para passar? Parece que estamos parados há um tempinho.

– Não tenho certeza. Eu lhe disse para ir por este caminho porque é um atalho para o hotel. Esqueci-me da passagem do trem.

Duan olhou para Kim e sorriu.

– Você está ansiosa para voltar ao hotel?

– Você não está?

Duan se recostou no banco.

– Sim.

– Por quê? Você não pode estar com fome, pois minha mãe encheu você de comida. Qual é a pressa?

Duan expandiu o sorriso.

– Estou surpreso que você precise perguntar, e provavelmente é pelo mesmo motivo que você – disse, com voz rouca.

– Você acha?

– Eu sei. Este é nosso terceiro fim de semana juntos, Kim.

Ela ficou surpresa por ele se lembrar. Achava que somente as mulheres se lembrassem de coisas assim.

– E você quer comemorar?

– Isso, algo assim.

Ela desatou o cinto de segurança e se aproximou dele no banco.

– Por que esperar até voltarmos ao hotel? Podemos começar as coisas bem aqui.

– Mas e todos esses carros em volta...? – ressaltou ele.

– Sim, mas não tem ninguém ao nosso lado, e está escuro. Vai ficar assim por um tempinho. Então, do meu ponto de vista, não precisamos esperar até voltarmos ao hotel para fazer certas coisas.

Duan engoliu em seco quando Kim se aproximou do colo dele para acionar o botão que deitava os bancos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– O que você acha que está fazendo?

– Você vai ver.

Ele ficou observando quando os dedos dela baixaram o zíper. E começou a ficar excitado no momento em que ela mencionou voltar ao quarto de hotel.

– Kim, você não acha que...

– Shhh. Eu não acho, Duan, e também não quero que você ache nada. Eu só quero que você relaxe e aproveite. E seja um pouco ousado.

E enquanto dizia aquelas palavras, ela tirava o membro dele da calça jeans lentamente. Estava ereto e quase batendo no volante.

– Meu Deus, você é um homem impressionante – disse ela, lambendo os lábios, passando as mãos pela ereção. E então, antes que Duan pudesse detê-la, ela baixou a cabeça e o tomou no calor de sua boca.

– Kim!

Ele chamava o nome dela, mas agora detê-la era uma causa perdida. Ele olhava a cabeça de Kim oscilando para cima e para baixo, e toda sua virilha doía ao sentir a boca nele.

Duan sentia-se quente, pronto para explodir, desde a pontinha de seu órgão até os testículos. Cada pincelada da língua de Kim o levava lenta e deliciosamente ao limite. E cada sugada vagarosa e deliberada quase o fazia chegar ao ápice. Ele estava tentado... cara, ele estava tentado a encher a boca de Kim com o fruto de seu êxtase. Se ela ao menos soubesse o que fazia com

ele. Se soubesse o tamanho do prazer que estava oferecendo. Não apenas com a boca, mas com cada pedacinho dela.

Ele soltou um gemido grave, pensando que, se tinha mesmo de ficar preso no trânsito, então aquela era a melhor maneira de passar o tempo. A mulher era definitivamente uma coisa. Ele quase xingou quando viu o último vagão do trem passando, o que significava que sairiam dali em breve.

– Kim?

Ela não respondeu, mas continuou banquetecendo-se com ele como se fosse sua última refeição. Continuou lambendo e sugando, e então Duan não conseguiu segurar.

– Kim!

Teve um orgasmo intenso. Ejacular nunca fora tão fantástico, tão desgraçadamente fantástico. Ele tentou se controlar, mas já era tarde demais. Seu corpo explodiu e todos os nervos entraram em erupção. Ele agarrou o volante quando a eletricidade lhe percorreu corpo, e durante todo o tempo a boca de Kim não o abandonou. Ela se manteve trancada em cima dele quando o sêmen se espalhou, tocando cada célula.

Duan tirou a mão do volante para esfregar os cachos de Kim, puxando suavemente, tentando afastá-la. Mas ela não deixaria, então ele permitiu que fizesse do seu jeito enquanto sensações inebriantes continuavam a percorrê-lo. Kim tinha um jeito de satisfazer todos os ossos ávidos do corpo dele, e a noção de entrega dela o dominava.

Quando Duan não tinha mais nada para a oferecer, mas Kim manteve a boca no corpo dele mesmo assim, ele sussurrou com voz rouca:

– Kim, querida, o trem se foi. Você precisa parar. Os carros vão começar a se movimentar em um minuto.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele, segurando o membro a apenas poucos centímetros dos lábios molhados.

– Tem certeza de que é só isso?

Ela era incrível.

– Por enquanto. Mas quando eu te levar de volta ao hotel...

– O que você vai fazer?

– Você vai ver. – A explosão de uma buzina atrás deles sinalizou que era hora de colocar o carro em marcha e prosseguir.

Depois de guardar o membro de Duan e fechar a calça jeans, Kim retornou ao seu lugar, lambendo os lábios sem parar.

– Isso foi gostoso.

– Misericórdia – disse ele, colocando o carro em marcha e tirando o pé do pedal do acelerador. Estava grato por ter chegado em um sinal vermelho. Precisava recolocar os sentidos sob controle. Sua ereção ainda estava pulsando, mas ele sabia que aquela provavelmente tinha sido a coisa mais maravilhosa que já havia experimentado.

Duan olhou para ela.

– Vou pegar você por isso, Kim – alertou com uma voz rouca que retumbou do fundo de suas entranhas.

Ela sorriu para ele com doçura.

– Você ia me *pegar* de qualquer maneira, não é, Duan?

Era verdade, e só de pensar naquilo o latejar na virilha dele aumentava. Aquilo era loucura. Era de se supor que, depois do que ela havia acabado de fazer, seu membro fosse ficar saciado por dias.

O sinal ficou verde e o carro avançou. Duan mal podia esperar para levar Kim de volta ao hotel.

## Capítulo 12

– **S**ABIA QUE este é o terceiro fim de semana seguido que dividimos o café da manhã de domingo na cama? – disse Duan, olhando para Kim enquanto bebericava um gole de café.

Vestindo um roupão, Kim estava sentada de pernas cruzadas no meio da cama. Ela sorriu para ele.

– Se continuar assim, pode-se tornar um daqueles hábitos difíceis de quebrar.

Duan colocou a xícara de lado e se inclinou para beijá-la com uma paixão que Kim sentiu até a ponta dos dedos dos pés.

Depois que Duan se afastou, ela olhou para ele por um longo instante antes de dizer:

– Mamãe vai nos telefonar quando ela e Edward estiverem prontos para ir à feira da cidade. Nesse meio-tempo, o que acha que devemos fazer enquanto estivermos esperando?

Ele balançou a cabeça e riu.

– Cair fora desse quarto antes que a gente se mate. Fiz mais sexo com você nas últimas 24 horas do que durante o ano inteiro.

Ela desviou o olhar, nervosa, brincando com o cinto do roupão. Lá estava aquela palavra de novo. Sexo. Será que isso era tudo que eles vinham compartilhando nas últimas três semanas? Quando é que um homem parava de pensar naquilo como nada além de sexo?

Evidentemente, Duan não pararia tão cedo. Mas daí, por que deveria? Só porque Kim tinha começado a lidar com um monte de emoções loucas, não havia razão nenhuma para achar que ele estivesse fazendo o mesmo.

Esponaneamente, os olhos dela pousaram no plano musculoso do peito dele, lembrando-a do quanto gostava de roçar os dedos nele.

Kim se obrigou a olhar para o rosto de Duan.

– É isso que você quer fazer? Sair do quarto? – perguntou ela nervosamente, lambendo o lábio superior.

Ele a encarou.

– Não. Principalmente com você fazendo isso com a língua – disse ele com uma voz tão profunda e sexy que a fez estremecer.

E então, como pretendesse levá-la a fazer mais do que estremecer, Duan passou o olhar dos lábios para o restante do corpo de Kim, tomando tudo pelo caminho, fazendo-a sentir-se nua, mesmo de roupão. O olhar dele sugeria mais do que luxúria; ostentava uma fome tão quente que partes dela pareciam estar pegando fogo.

Duan estava prestes a se inclinar para roubar outro beijo quando seu celular tocou. Ele estendeu a mão para o criado-mudo.

– Quaisquer que sejam suas ideias, mantenha-as na ativa enquanto atendo esse telefonema.

Ele atendeu.

– Duan falando.

– Ei. Brett tem estado ocupado.

Duan sorriu. Aquilo só podia significar uma coisa.

– O que ele achou?

– Nosso homem.

– Quem é ele?

– O nome dele é Stein Green e no momento está cumprindo pena em uma prisão na Flórida por assalto à mão armada com morte de um policial. É bastante seguro dizer que Green ficará atrás das grades por um tempo... Ele está cumprindo prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Chevis já está indo para a Flórida enquanto nós dois conversamos.

Duan assentiu.

– Avise-me quando Chevis descobrir alguma coisa.

Instantes depois, Duan desligou o telefone e olhou para Kim. Ela estava linda, mesmo sentada ali olhando para ele com expectativa.

– Era Landon – disse ele. – Brett identificou aquele sujeito... aquele das fotos.

Ela meneou a cabeça.

– E?

– E ele está cumprindo pena por assalto à mão armada em uma prisão na Flórida. Chevis está a caminho para visitá-lo.

Kim se apoiou contra um dos travesseiros. Era a posição favorita de Duan. Bem... uma das favoritas. Ele preferia vê-la deitada de costas.

– Que boa notícia – disse ela. – Você acha que ele vai contar alguma coisa?

– Depende. Mas sei que, se há um homem capaz de arrancar informações de alguém, este homem é Chevis.

Duan se levantou da cama.

– Agora é um bom momento para darmos uma repassada nos arquivos dos casos, uma vez que você já leu os dois relatórios.

Kim observou-o cruzar por todo o quarto para pegar a papelada na mesa. Ele estava vestindo apenas cueca e ela não conseguiu evitar pensar, e não era a primeira vez, que o sujeito tinha um corpo bem moldado. O olhar dela viajou pelas pernas longas resistentes, pela barriga lisa e pelo peito largo. E o bumbum dele era de fazer qualquer mulher babar, principalmente quando vestia jeans apertados.

Kim olhou para o relógio digital no criado-mudo. Sua mãe tinha ido à igreja e eles iriam se encontrar com ela e Edward para ir à feira da cidade por volta das 14h.

Kim suspirou. Eles tinham passado o dia anterior inteirinho com a mãe e a família dela, e iam fazer o mesmo nos restantes dos dias em Shreveport.

A ideia de ver Wynona a sós com Edward ainda a incomodava, mas Kim não podia fazer alarde sobre isso ou jogaria a mãe ainda mais nos braços do sujeito. Edward Villarosas certamente era um sedutor, ou pelo menos tentava ser.

Ela iria embora no próximo domingo. Tinha esperanças de que, na pior das hipóteses, pudesse convencer a mãe a adiar seus planos de casamento por um tempo. Ela certamente pretendia tentar.

KIM SE afastou do carro e olhou ao redor. Recordou-se de como ficava ansiosa todos os anos, quando uma feira vinha para Nova Orleans. Era a única ocasião em que seu pai realmente agia como um ser humano normal.

Ele gostava de levá-las, ela e Wynona, e se transformava em outra pessoa diante de seus olhos. Era como se ele precisasse, mesmo que apenas por pouco tempo, de uma oportunidade para agir como criança novamente. Ele sempre ia para a montanha-russa primeiro, e provavelmente era essa a razão pela qual Kim havia herdado um apreço por passeios ousados.

Sua mãe, que veio ficar ao lado dela, sorriu e depois se inclinou para lhe beijar a bochecha. Como se soubesse o que Kim estava pensando, Wynona disse:

– Eu sei que você não quer ouvir isso, Kimani, mas seu pai não era de todo ruim.

Kim revirou os olhos. A mãe estava certa: ela realmente não queria ouvir aquele tipo de coisa. Então olhou e viu Duan e Edward conversando perto do carro. A conversa parecia estar indo bem. Daí se voltou para a mãe. Não era a primeira vez que Wynona tentava convencê-la da bondade de seu pai; sendo assim, não seria a primeira vez que Kim teria problemas para acreditar nisso.

– Seu pai teve uma infância difícil...– Wynona chegou a dizer.

– Por favor, mamãe, me dê um tempo. Ele costumava espancar você o tempo todo.

– Sim, mas só depois que bebia – retrucou a mãe defensivamente.

– Então, era quase toda sexta à noite – disse Kim. Ela realmente não estava no clima para recordar aquele pedaço de história familiar.

– Por favor, lembre-se dos outros dias, quando ele era o marido carinhoso e cuidadoso com quem me casei.

Kim não disse nada, mas um aperto em seu estômago a incitou a perguntar:

– Você sabe onde ele está e teve alguma notícia dele? – Pela expressão no rosto de sua mãe, Kim já sabia a resposta. – Você *sabe* onde ele está e você *tem* notícias dele, não é? – inquiriu, usando uma voz que sabia ser acusadora.

Wynona não recuou.

– Sim para ambas as perguntas, e a única razão pela qual ele não entrou em contato com você é porque ele teme que não o aceite, isso realmente iria partir o coração dele.

Kim fez uma careta.

– E eu tenho que me importar em não partir o coração dele?

Em vez de responder, Wynona se adiantou:

– Ele é seu pai e buscou ajuda ao longo dos anos.

– Que bom para ele.

– Kim, ouça, nós...

– Não, mãe – sussurrou ela para que sua voz não chegasse a Duan e Edward. – Quando se trata de meu pai, não existe *nós*. Eu não o odeio. Não vou desperdiçar essa energia toda. Mas ele precisa refletir em relação à forma como tratou você. Como nos tratou.

– Ele nunca bateu em você.

– Não, mãe, ele não precisou. Ele tinha você como saco de pancadas.

– Mas ele melhorou ao longo dos anos. Ele até mesmo frequenta a igreja agora.

Kim girou os dedinhos no ar e revirou os olhos simultaneamente.

– Iupi.

– Kim.

– Apenas... o que você quer de mim, mamãe?

– Quero que você encontre espaço no seu coração para perdoar seu pai. Você já deu o primeiro passo ao encontrar um homem para amar, mas, antes que você possa realmente prosseguir, vai ter que perdoá-lo. Eu tive que fazê-lo, e é por isso que hoje posso seguir com a minha vida. Ele é uma parte do meu passado que não vou repetir. Encontrei alguém que deseja me fazer feliz.

– Você tem certeza disso?

– Sim. Edward é um homem bom.

Kim mordeu o lábio para não responder. Parte dela tinha esperanças e rezava para que Duan e seus sócios estivessem errados sobre Edward, para que ele fosse um homem bom como sua mãe presumia. Mas ela não estava esperando por isso. Duan tinha revisado os casos com ela mais cedo, e Kim fazia uma boa ideia de como a mente de um investigador funcionava. Nada passaria batido desta vez.

Kim e Wynona deram fim à conversa quando viram Edward e Duan se aproximando.

– Parece que vamos nos divertir bastante hoje – disse Edward, com emoção na voz. Por uma fração de segundo, ele fez Kim se lembrar de seu pai, e isso não era uma coisa boa.

– Mal posso esperar – respondeu Wynona, exibindo um sorriso enorme.

Kim olhou para Duan. Ele lhe segurou a mão, em seguida se inclinou e lhe deu um beijo nos lábios. Era como se tivesse lido as emoções dela e soubesse que estava incomodada com alguma coisa.

– Bem, pessoal – anunciou Edward, agarrando a mão de Wynona –, vou levar minha donzela e iremos à montanha-russa, e de lá à roda-gigante.

– Vejo vocês mais tarde – despediu-se Wynona por sobre o ombro, acelerando para acompanhar Edward.

Duan olhou para Kim e apertou a mão dela.

– Você está bem?

Ela notou a preocupação nos olhos dele.

– Sim, estou bem. Só tive um daqueles momentos “paternos”.

– Venha, vamos dar uma volta – disse ele, ainda segurando a mão dela. – Quer conversar sobre isso?

Por alguma razão, Kim não se importava em lavar a roupa suja da família com Duan. Já havia feito isso.

– Essas feirinhas costumavam ser um dos lugares favoritos do meu pai. Quando ele nos levava, era uma das poucas vezes em que agia normalmente. Ele realmente ficava sóbrio durante algumas semanas depois de visitar uma feira. Depois disso, era toda sexta-feira à noite, como sempre. Ele saía do trabalho e ia para o bar mais próximo com os amigos. Felizmente havia

sempre alguém no grupo para impedi-lo de dirigir e levá-lo para casa mais tarde.

Ela fez uma careta.

– Teria sido melhor se o colocassem em um hotel para que dormisse fora, em vez de trazê-lo para casa. Isso teria poupado mamãe dos espancamentos toda vez que ele chegava.

Um sorriso amargo se formou nos lábios dela.

– Ele dormia até tarde no sábado, enquanto eu ficava cuidando das feridas de mamãe. Aí acordava por volta de meio-dia, via os machucados dela e fazia um monte de pedidos de desculpas, implorando por perdão e dizendo que não iria acontecer novamente. Ele se tornava o marido e pai amoroso, e minha mãe ficava ávida por acreditar no melhor, então no fim ela o perdoava. Vivi para lamentar as sextas-feiras, Duan. A maioria das crianças na escola aguardava pelos fins de semana com expectativa, mas eu não era uma delas, pois sabia o que aconteceria na minha casa.

– Eu sinto muito, Kim. – A voz de Duan era gentil. – Deve ter sido um inferno suportar cada semana.

– Foi. Por causa do meu pai, tive que aguentar um verdadeiro inferno. Não é fácil perdoar, e minha mãe parece não entender isso.

– E durante todo esse tempo eu fiquei todo pesaroso, pensando que os Jeffries eram a família que mais tinha sujeira debaixo do tapete. – Duan balançou a cabeça. – Quando minha mãe foi embora, eu fiquei com raiva, louco para diabo. Eu era o mais velho e precisei lidar com Terrence. Ele era um *terror* mesmo naquela época. E então veio Olivia, que tentou substituir mamãe. Ainda é difícil acreditar como uma mulher foi capaz de abandonar o marido e a família sem olhar para trás.

Duane parou de caminhar, e Kim parou também. Ele encontrou o olhar dela.

– Tenho um pai e tanto, e eu não sou capaz de dizer a ele o quanto o admiro. Ele teve que intervir e fazer os dois papéis como pai, e conseguiu. Tenho certeza de que não foi fácil, mas ele nunca se queixou. Admiro-o pelo que fez, e não tenho certeza se conseguiria fazer o mesmo caso eu tivesse estado no lugar dele.

Eles voltaram a caminhar, e logo pararam para comprar um saco de pipocas para dividir. Quando recomeçaram a andar, Kim perguntou:

– Você já encontrou sua mãe depois que ela foi embora de casa?

– Fiquei sem vê-la por muito tempo, quase 18 anos, na verdade. Quando ela foi embora eu tinha 12 anos. Poucos dias antes do meu aniversário de 30 anos, depois de comemorar a abertura da minha empresa de investigação, resolvi colocar minhas habilidades à prova e encontrá-la. Na verdade, eu queria vê-la. Eu *precisava* vê-la para encerrar a história, pelo menos eu dizia a mim mesmo que era uma espécie de encerramento. Mas eu tinha esperanças de que, quando eu a seguisse e ela me visse, fosse ficar arrependida, envergonhada por não ter tido a decência de pegar um telefone para saber como seus filhos estavam.

Ele balançou a cabeça.

– Mas quando a encontrei não houve nenhum remorso ou vergonha da parte dela, apenas aborrecimento por ter sido incomodada. Ela me disse, de uma forma não muito agradável, que tinha saído de nossas vidas por um motivo. Ela nunca quis ter filhos, não era do tipo maternal e não queria renovar o relacionamento com qualquer um de nós.

– Uau, isso é profundo – comentou Kim.

– Sim, foi bem profundo. Peguei um avião de volta a Atlanta só para ouvir Terrence dizendo que tinha me avisado. De algum modo, ele sabia. Ele nunca mais a encontrara, ele desejara não vê-la mais e estava determinado a seguir com sua vida. Ele aceitara o abandono dela pelo seu valor nominal. A traição e o abandono deixaram marcas em nós três, mas especialmente no meu pai.

Kim percebia a amargura na voz de Duan. Entendia muito bem. Era a mesma coisa sempre que ela falava sobre o pai com qualquer pessoa. Um pai que não via há pelo menos cinco anos. A última vez tinha sido no funeral de sua avó paterna. Ele não parecia em seu melhor estado de saúde, e mesmo assim Kim imaginava que ainda estivesse entornando umas garrafas, e até mesmo chegara a sentir o cheiro de álcool no hálito dele.

Kim olhou para a frente e viu sua mãe e Edward. Eles estavam na fila para mais um passeio em um dos brinquedos. Ela não queria pensar em como

Wynona iria lidar com a coisa toda caso as suspeitas sobre Edward fossem verdadeiras. Aquilo iria estraçalhar o coração dela, e sua mãe não merecia isso.

Duan olhou para Kim.

– Sei que você ainda está preocupada com sua mãe, mas precisa acreditar que farei todo o possível para descobrir a verdade sobre Villarasas, seja esta verdade boa ou ruim. Você vai ter que confiar em mim.

Ela assentiu.

– Eu confio em você, Duan.

Kim olhou para o lado, com medo de acabar confessando também que já estava apaixonada por ele.

## Capítulo 13

DUAN SE levantou da cama quando ouviu o celular vibrando no criado-mudo. Pegou-o e seguiu rapidamente para o banheiro. Kim ainda estava dormindo, deitada nua em cima das cobertas. Ele ainda sentia seu membro ereto quando adentrou o banheiro. Fechando a porta atrás de si, recostou-se nela enquanto abria o telefone.

– Meio tarde para você, não é, Landon? – questionou Duan, passando a mão no rosto. Era pouco depois da meia-noite.

– Desculpe por isso. Ainda estou no escritório.

Duan não se surpreendeu. Tinha sido assim para Landon desde que ele perdera Simone, apenas dois dias antes do casamento. Ela e duas das madrinhas dividiram o carro depois da festa de despedida de solteira. Um motorista bêbado ultrapassou o sinal vermelho e o impacto foi tão grande que ambos os veículos explodiram, matando todos os envolvidos. Isso tinha sido há cerca de quatro anos e Duan sabia que Landon ainda estava de luto.

– Estou me referindo a você não ter uma vida, Lan.

A risada de Landon cruzou a linha.

– Não pense demais nisso, do contrário você vai soar como minha mãe. Enfim, eu estava navegando pela internet e encontrei algo interessante.

– O quê?

– Vários relatórios policiais antigos, datados de mais ou menos 20 anos atrás. São sobre Villarosas. Ele usava o nome Eduardo Villarosas até então.

Provavelmente passou a se apresentar como Edward há pouco tempo.

Duan meneou a cabeça.

– O que dizem os relatórios policiais?

– Denúncias domésticas. A maioria era de vizinhos reclamando que ele e a namorada estavam perturbando a paz com discussões frequentes. Existe um registro no qual a namorada telefonou para a emergência, quando Villarosas a ameaçou porque pensava estar sendo traído.

– Então havia um monte de brigas de namorados.

– Assim me parece. Em uma chamada específica, a namorada disse que ele a ameaçou de danos corporais caso ela saísse do apartamento que dividiam. De acordo com o boletim de ocorrência, ela alegou que Villarosas tinha um lado ciumento forte. A polícia sugeriu que ela obtivesse uma medida cautelar para mantê-lo longe, e ela acatou.

– Algo mais?

– Falei com Chev. Ele vai encontrar os funcionários da prisão hoje para solicitar um encontro com Stein Green. Felizmente, o sujeito vai cooperar. Nesse meio-tempo, localizei um endereço atual da antiga namorada de Edward. Ela ainda mora na região, então acho que vou lhe prestar uma visita. Vou deixá-lo a par de qualquer coisa que eu descobrir.

Desde o início, Landon presumira que o desaparecimento da segunda esposa de Villarosas tivesse sido um trabalho bem-feito, o bom e velho assassinato encomendado. E, se fosse esse o caso, provavelmente o mesmo havia acontecido com a primeira esposa de Edward. No entanto, sem um motivo concreto ou um corpo, a polícia não fora capaz de sustentar uma acusação.

Duan mal podia esperar para ouvir o que quer que Chevis conseguisse arrancar daquele cara na prisão. Será que era ele o homem com quem Mandy tinha se encontrado naquele dia? Seria ele um amante ou um assassino?

– Villarosas e eu vamos pescar amanhã – informou Duan. – Vou envolvê-lo em um monte de conversa, mas não tenho esperanças de que vá revelar muito. Ele tem sido bastante lacônico comigo.

– Sim, mas há uma chance de ele baixar a guarda e dizer algo significativo.

– Se eu tiver sorte – disse Duan.

– Bem, com todos nós trabalhando nisso, alguma coisa tem de acontecer, mais cedo ou mais tarde – respondeu Landon.

Duan certamente esperava que fosse mais cedo. Ele e Kim iriam embora no domingo e ele sabia que ela não tinha a menor intenção de sair da cidade sem deixar que a mãe soubesse sobre suas suspeitas a respeito de Villarosas, estando provadas ou não.

– Vamos esperar que sim – disse ele.

Momentos depois, Duan finalizou a chamada e abriu a porta suavemente para sair do banheiro. Mas daí fez uma pausa quando imediatamente captou o perfume de uma mulher. *A mulher dele.*

Os batimentos cardíacos de Duan ribombaram no peito. Aquela era a segunda vez que ele pensava nela como sua mulher. Mas daí ele seria o primeiro a dizer que seu relacionamento com Kim era bastante singular. O que era para ter sido um caso de uma noite tinha evoluído para algo mais. A ideia de se separarem no domingo lhe causava frio na barriga. Ele não conseguia imaginar um dia sem vê-la, sem estar com ela.

Duan olhou para o outro lado do quarto e a viu de pé à janela. Ela havia vestido a camiseta dele e estava de costas, sem se dar conta de que ele já tinha saído do banheiro. Aquilo deu a ele uma chance de simplesmente ficar ali, olhando para ela, sentindo o próprio corpo se excitar no processo.

Como a maioria dos homens, Duan sempre tivera um apetite sexual muito saudável, mas com Kim seu desejo por sexo era absolutamente voraz, o mais insaciável que poderia ser. Ela o tentava de maneira ilimitada, e, quanto mais o fazia, mais voraz ele ficava. Mas havia outras coisas que o excitavam também. Como o jeito com que ela se inclinava para receber um beijo sempre que a boca de Duan se dirigia à dela, e o jeito como ela sorria para ele sem nenhum motivo em especial.

E também havia o modo como Kim se abria para ele sempre que lhe contava sobre seu passado. Ela permitira a ele sentir a dor de sua infância e, milagrosamente, Duan a permitira sentir a dor dele, algo que nunca tinha

feito com outra mulher. Seu relacionamento com sua mãe, ou a falta de um, era algo que ele mantivera engarrafado dentro de si. Mas com Kim a conversa surgira facilmente e sem qualquer raiva ou sentimento de culpa.

E com Kim ele também conseguia se divertir, como no dia em que foram pescar em Key West, no barco de Terrence, e hoje cedo, na feira. Cercados por pessoas, eles andaram de brinquedo em brinquedo, de vendedor a vendedor, e durante algumas horas Duan se esqueceu de que o vínculo entre eles não era nada senão um teatro. Durante esse período o relacionamento entre ambos pareceu real.

Depois, houve o momento em que se sentaram juntos em um banco, esperando Wynona e Villarasas saírem de um dos brinquedos. Ele e Kim dividiram um algodão-doce e ele ficou excitado só de observá-la colocando a língua para fora para lamber a guloseima pegajosa dos lábios. Incapaz de resistir, ele se inclinou e usou a própria língua para auxiliá-la, e foi longe a ponto de lamber um pouco de açúcar dos dedos dela. Duan precisou se conter para não beijá-la tantas vezes hoje, beijos que ele queria dar sem motivo em especial.

*Só porque sim.*

Só porque ele a achava simplesmente adorável. Só porque Kim devia ser a mulher mais sensual que ele já conhecera. E só porque tudo que eles faziam era espontâneo. Principalmente quando faziam amor.

– Espero que haja um motivo para esse sorriso, Duan.

Ele não percebeu quando ela se virou.

– Há um motivo, mas não tem nada a ver com o telefonema de Landon que acabei de receber – disse ele, atravessando o quarto para colocar o celular de volta na mesa de cabeceira. – O sorriso tem tudo a ver com você e com seu comportamento na feira hoje.

Ela olhou para ele, surpresa.

– Meu comportamento? E o que havia de errado com meu comportamento?

Duan jogou sua conversa com Landon no fundinho da mente e cruzou os braços, sem se preocupar com o fato de estar em pé diante de Kim totalmente nu e completamente excitado. Ela estava acostumada a vê-lo

duro, bem como nu, já que era assim que Duan dormia todas as noites. Era assim que Kim dormia também, embora admitisse ser algo que só havia começado a fazer depois de começar a sair com ele.

– Não consegui acreditar na quantidade de brinquedos selvagens e loucos nos quais fomos – disse ele, sorrindo. – A maioria das mulheres teria recuado, alegando serem muito assustadores. Mas você não. Isso faz eu me perguntar o que mais você gosta de fazer para se divertir. – Não que ele não fizesse ideia. Pelo tempo que passavam juntos, estava começando a conhecê-la muito bem.

– Gosto de cozinhar, mas eu não diria que faço isso por diversão – disse ela, rindo. – É principalmente uma questão de sobrevivência.

Sim, ele sabia que ela gostava de cozinhar. Kim o havia acordado naquela manhã de domingo, depois da pescaria, oferecendo o peixe que tinham apanhado, selado na frigideira, grãos e os melhores biscoitos amanteigados que ele já tinha comido.

– Conte-me algo sobre você que eu não sei – sugeriu ele, aproximando-se para lhe dar um beijo no nariz e, em seguida, nos lábios.

– Já abordamos o bom, o mau e o feio. Além disso, não consigo pensar quando você me beija – protestou ela quando a boca de Duan deslizou para seu pescoço.

– Quer que eu pare? – perguntou ele, deslizando os braços ao redor da cintura dela e correndo as mãos pelos quadris, pelo pedacinho descoberto pela camiseta. Então ele lhe agarrou o traseiro nu para trazê-la contra si.

– Se você parar, vou acabar com você – ameaçou com uma voz que soava quase como um gemido. E quando ele voltou os lábios aos dela, Kim abriu a boca para receber a língua de Duan e envolveu os braços ao redor do pescoço dele.

O perfume dela o excitava ainda mais, e ele aprofundou o beijo ao mesmo tempo que a puxava mais para si. Havia essa química entre eles que o fazia querer colocar as mãos nela sempre que possível. Mesmo quando estavam apenas sentados juntos, a sós ou com outras pessoas, Duan tinha uma tendência a pôr a mão na coxa dela, como se gostasse daquela conexão.

Desde o começo, ele nunca questionara o porquê de gostar de tocá-la tanto. Ele simplesmente aceitava, do mesmo jeito que estava fazendo agora. Não tinha mais que analisar por que as coisas eram do jeito que eram entre eles. Por que ele gostava de ficar nu com ela, afundando-se profundamente em seu corpo e chegando a um clímax no qual seu alívio parecia infinito, especialmente quando misturado ao dela.

E por que, apesar da luxúria e do desejo que sentia por ela, Duan ainda gosta de fazer as coisas simples com Kim, como dividir o café da manhã na cama, ouvi-la falar sobre seu trabalho no hospital, perceber seu entusiasmo por causa da faculdade de medicina.

Ele ficava ansioso para respirar o mesmo ar que ela, para olhar para o rosto dela enquanto comiam, acordar com o cheiro dela em cima dele e com os membros da mulher entrelaçados aos dele. Antes de estar com Kim, ele preferia dormir sozinho. Agora se perguntava como iria conseguir dormir sozinho de novo.

Em um movimento inesperado, Kim afastou a boca da dele.

– Ei, Jeffries, você está devagar hoje. Você já está nu, então qual é a demora comigo? – Ela deu um passo para trás e tirou a camiseta, jogando-a de lado. – Você não gosta de me ver sem roupa mais?

*Se ela soubesse.*

– Eu sempre gostei de ver você sem roupas, Kim – disse ele, estendendo a mão e trazendo o corpo nu dela de volta para ele. E aquilo não era mentira. Não havia um pedacinho do corpo dela que ele não gostasse de olhar, tocar ou degustar.

– Então não posso deixar você perder suas habilidades – disse Kim, esfregando-se nele. A ereção ficou mais rija quando Duan entrou em contato com o calor úmido dela.

– Nunca vou perder essa habilidade quando se trata de você, linda – falou ele, carregando-a. Ele se dirigiu para a cama. O macho primitivo nele a desejava com uma necessidade que consumia cada pedaço de seu corpo, enviando um calor estrondoso para a barriga.

Ela beijou o nariz e os lábios dele.

– Adoro homens confiantes.

Quando Kim se desvencilhou dos braços daquele homem, já na cama, Duan passou as mãos pelo corpo dela, a necessidade de tocá-la em todos os lugares. Um bom grau de tepidez subiu pela virilha, e, quando Kim se apoiou em um travesseiro naquela posição que Duan tanto amava, ele se inclinou. Com a pontinha do dedo, trilhou um caminho pelo pescoço, pelo peito, parando quando chegou à barriga.

Ele desenhava círculos em torno do umbigo dela enquanto pensava na criança que Kim alegara querer um dia, e se perguntava sobre o homem que em algum momento viria a plantar sua semente dentro dela para fazer isso acontecer. Duan respirou fundo quando aquele simples pensamento, Kim tendo o bebê de outro homem, o deixou sem fôlego.

Lutando contra um impulso louco que corria por sua mente, Duan tirou a mão dela para pegar um preservativo no criado-mudo. Quantos eles já haviam utilizado? Que diabos, ele não estava contando, e imaginava que ela também não estivesse. O principal era que ambos estavam agindo como adultos responsáveis e fazendo uso deles.

Ele embainhou seu órgão na camisinha, e quando fitou Kim seus olhos estavam repletos de um desejo cáldo. Ele aprendera a reconhecer aquele olhar, uma mensagem urgente e silenciosa que lhe dizia como ela estava desesperada para ele penetrá-la. Tal pensamento enviou o que pareceu ser fogo líquido para as veias de Duan.

– Você gosta de me torturar, não é, Duan?

– Não mais do que você gosta de me torturar... do jeito que está fazendo agora, deitada com as pernas abertas. Sempre que vejo você desse jeito, só consigo pensar em ficar dentro de você. – Mas era mais do que isso. Ele ansiava por ela como um homem ansiava por uma mulher, como se esta fosse parte dele. A cabeça de Duan girava no próprio pensamento.

Ele ficou observando quando ela pegou sua mão e a deslizou coxa abaixo, e então voltou a colocá-la sobre a barriga, a mesma que ele estivera admirando momentos antes. Então se reposicionou para abrir as pernas ainda mais, oferecendo a ele um visual puro e natural do que havia entre eles. A ereção de Duan latejava no compasso do coração.

Incapaz de resistir por mais tempo, Duan avançou na cama.

– Eu quero você, Kim.

– Prove.

Ela jogou as palavras no momento em que ele colocou um joelho na cama e a pegou.

– Venha cá – disse ele, erguendo-a em direção à boca ávida e à espera. E então ele se deitou de costas, Kim em cima dele, as bocas ainda juntas.

Ela agarrou os ombros de Duan e se concentrou em beijá-lo com a mesma intensidade com que ele a estava beijando, com uma fome que aquecia o sangue dela nas veias. As bocas se encaixavam perfeitamente, como aqueles blocos de Lego que Kim possuía quando criança, e acasalavam com um fervor implacável.

Ele passava os dedos pelos cachos do cabelo dela, que por sua vez agarrava os ombros dele com força enquanto as línguas duelavam e se emaranhavam, sugando e lambendo enquanto algo feroz e potente latejava dentro dela.

Kim tentava se concentrar na boca de Duan, e não no que estava sentindo em seu coração. Aquilo não era apenas sexo para ela. Aquilo era amor de um jeito jamais imaginado.

Ela recuou e soltou um gemido gutural, olhando para ele. O olhar de Duan era mais quente e predatório do que qualquer coisa que Kim já havia visto. E atrás daquelas pupilas escuras ela sentia um desejo, a magnitude que fazia seus músculos internos tensionarem e agarrarem algo sublime.

Ela tirou as mãos dos ombros de Duan e segurou os pulsos dele, posicionando-os em ambos os lados da cabeça para fazê-lo seu prisioneiro, não de guerra, mas de amor. Ela era capaz de sentir o próprio amor em cada centímetro dele, em tudo nele.

Segurando as mãos de Duan apertadamente, Kim abriu mais suas pernas e baixou o corpo para a ereção, arqueando-se de tal forma que a penetração foi mais profunda. Ela começou a baixar o corpo lentamente e observou com uma fascinação sensual enquanto a ereção deslizava por entre as dobras de seu sexo até ela envolver toda a sua extensão.

Notou Duan tomando fôlego e cerrando a mandíbula. As mãos que Kim segurava estavam quentes, e o membro sólido a expandiu, banhando-a em

sensações até fazê-la estremecer quase incontrolavelmente.

Duan encarou Kim, que se perdeu nas profundezas do olhar dele, que era tão poderosamente másculo, e ela estremecia diante da ideia de tê-lo incorporado tão fundo dentro de si. Era como se pudesse senti-lo tocando seu seio, e tal percepção acalentava seu coração.

Assim que Kim soltou as mãos dele, Duan as esticou automaticamente e agarrou os quadris dela, erguendo-se da cama e investindo ainda mais fundo. Em seguida, ele se afastou e mergulhou novamente.

– Cavalgue, Kim.

O apelo, pronunciado em um gemido gutural, desmembrou os sentidos dela, fragmentou seu controle, e Kim, que nunca havia andado a cavalo, começou a imitar o que tinha visto na televisão. Enterrando os joelhos nas laterais de Duan, como se estivesse cavalgando sem sela, ela estabeleceu um ritmo constante, subindo e descendo sobre a ereção enquanto ele a penetrava mais profundamente.

Ela continuou a montá-lo, construindo sua confiança, contraindo os músculos internos para arrancar tudo de Duan. Quando ele levantou a cabeça do travesseiro para sugar o ombro dela e em seguida capturar um mamilo com a boca, pareceu que cada célula dentro de Kim explodia.

Ela jogou a cabeça para trás enquanto continuava a cavalgá-lo, necessitando possuí-lo daquela forma, necessitando que ele entregasse tudo a ela, e saber o momento que ele o faria. E a ideia de que ele estava lhe entregando tudo a fazia pegar fogo.

Duan ergueu os quadris da cama quando soltou um gemido e investiu para dentro dela. Ele fechou as mãos ao redor dos quadris de Kim e ela o sentiu enterrado dentro de si, aí percebeu naquele momento que o preservativo tinha furado. O calor do sêmen a preencheu e a fez mergulhar em um orgasmo retumbante. Ela abriu os olhos e encontrou o olhar dele, e notou que Duan estava ciente do que tinha acontecido, porém não tinha a intenção de parar agora.

Ele contraiu a mandíbula e empurrou profundamente mais uma vez ao atingir um segundo ápice. O ar em torno deles estava repleto do aroma forte de sexo, mas Kim só conseguia se concentrar no prazer que ele estava lhe

dando. Ela agarrava os ombros dele mais firmemente conforme sensação após sensação que a inundavam.

Momentos depois, ela desabou em cima dele, incapaz de se mexer depois do que devia ter sido a sessão de sexo mais intensa que qualquer mulher poderia suportar.

– Kim?

Ela ouviu Duan sussurrar seu nome e estava plenamente consciente da preocupação dele. Ela levantou a cabeça um pouco e encontrou seu olhar. Sabia o que ele estava prestes a dizer.

– Está tudo bem. Eu tomo pílula.

– Ah.

Era decepção na voz dele? Um lado dela sabia que não podia ser, mas o outro desejava que fosse. Eles ficaram se encarando por um longo momento, e então Duan a abraçou. Sem desengatar os corpos, ele se aconchegou mais perto, e a beijou com tanta ternura que quase a fez chorar. Aí ela apoiou a cabeça na curva do ombro dele.

Kim fechou os olhos. Sabia que se nunca mais fizesse amor com outro homem de novo, aquilo ali já seria o suficiente.

## Capítulo 14

– LANDON TEM alguma novidade?

As colchas farfalharam quando Kim mudou de posição para dar espaço a Duan. Ele se deitou de lado para poder olhar para ela, perdendo a sensação do corpo quente em cima do seu. Ele tinha esperanças de que ela tivesse se esquecido da ligação de Landon à meia-noite.

Duan olhou para baixo e viu o dano no preservativo. Não era dos baratos, o que era uma prova da intensidade do momento de amor entre eles. Ele precisava ir ao banheiro, mas primeiro iria responder à pergunta de Kim, não muito seguro sobre o quanto revelar. O fato de a mãe dela estar passando tempo com Villarosas já a incomodava o suficiente. Se Duan deixasse Kim a par de suas razões para acreditar que o sujeito tinha um ciúme doentio, não teria como prever o que ela poderia dizer ou fazer.

Mas ainda assim sabia que precisava contar a ela. Ela merecia saber. Tinha todo o direito de saber.

– Landon passou a maior parte do dia navegando na internet e conseguiu algumas informações sobre Villarosas, as quais imaginou que já devêssemos saber.

Kim ergueu uma sobrancelha.

– Que tipo de informações?

– Cerca de 20 anos atrás, Villarosas e sua namorada da época colecionaram uma série de queixas por perturbação da paz, devido a

discussões que fugiam do controle.

– E?

É claro que ela sabia que havia mais, pensou Duan.

– E, de acordo com a mulher, ele tem tendência a exhibir uma veia bem ciumenta de vez em quando.

A preocupação cintilou nos olhos de Kim e ela fez um movimento para sair da cama, mas Duan rapidamente estendeu a mão e lhe agarrou o pulso.

– Ei, essa é a versão da mulher sobre os fatos. Acusações dela. Ninguém nunca apresentou nenhuma acusação contra Villarosas, e ele nunca tocou nela. Eles só causavam um monte de tumulto que começou a dar nos nervos dos vizinhos. Quem sabe, a namorada poderia ser do tipo que dava motivos para ele ter ciúmes? Algumas mulheres fazem esse tipo de coisa para chamar a atenção de seu homem.

Demorou um pouco para Kim absorver o que ele dissera, e então ela perguntou:

– E você tem certeza de que não havia acusações de qualquer tipo de abuso?

Ele assentiu.

– Positivo.

Ela pareceu relaxar um pouco e Duan soltou seu pulso.

– Minha mãe provavelmente é a última pessoa com quem eu deveria me preocupar quando se trata de abuso físico. Ela jurou que meu pai seria o último homem a tocá-la dessa forma. Enquanto eu estava na faculdade, ela e algumas das senhoras no condomínio onde ela morava nos juntamos e organizamos para que um dos policiais que patrulhavam a região desse uma aula de defesa pessoal. Ela gostou tanto que, quando a aula acabou, teve aulas extras na faculdade.

Ele balançou a cabeça, impressionado.

– E o quão boa ela é nisso?

Kim deu de ombros.

– Ela não é faixa preta, mas chegou à faixa amarela.

– Algumas mulheres não têm nem isso.

Ela sorriu levemente.

– Eu sei, inclusive eu. Enquanto mamãe estava tomando aquelas aulas, fiquei motivada a fazer o mesmo, mas eu estava na faculdade e estudava o tempo todo. E depois meu pretexto foram as longas horas trabalhando no hospital.

Duan olhou para o relógio quando se levantou da cama. Já passava das 2h.

– Preciso ir ao banheiro para cuidar disso – disse ele. – Lamento que tenha acontecido, Kim. É a primeira vez que ocorre comigo, mas garanto que estou com a saúde em dia. Levo isso muito a sério.

Ela dispensou as palavras dele.

– Não se preocupe, e tenha certeza de que estou com a saúde em dia também. Foi um acidente. Não quero que você perca o sono por causa disso, porque eu não vou perder. Como eu disse, tomo pílula, então estou bem.

Duan assentiu. Ele imaginava que ouvir aquilo novamente deveria fazê-lo sentir-se muito melhor, mas isso não aconteceu. Ele se virou e foi para o banheiro, pensando que não teria ficado nada incomodado se ela não estivesse tomando pílula.

Ele inspirou de maneira trêmula, sabendo por que se sentia assim. Duan estava apaixonado por Kim.

KIM SENTOU-SE à mesa da cozinha da mãe e bebeu um gole de chocolate quente. Duan e Edward tinham saído horas atrás para ir pescar e Wynona estava ocupada assando um bolo para um membro doente da igreja. Kim estava feliz por ver a mãe fazendo bolos novamente. Ficar na cozinha sempre fora um dos passatempos favoritos de Wynona.

Três batidas consecutivas soaram à porta dos fundos.

– Entre, Bennie... está aberta – avisou Wynona.

Quando o sr. Bennie entrou, Kim lembrou-se imediatamente do que Duan havia falado há alguns dias sobre o sujeito ter uma quedinha pela mãe dela.

– Bom dia, sr. Bennie – cumprimentou ela.

Ele olhou para Kim e retribuiu o sorriso.

– Olá, Raio de Sol – chamou ele, referindo-se a Kim pelo apelido que lhe dera anos atrás, quando ela era criança. Era a Raio de Sol e sua filha Valerie era Florzinha. – Está tudo bem com você hoje?

– Sim, senhor, estou bem. O que você tem aí? – perguntou Kim quando ele colocou uma cesta imensa no balcão da cozinha.

– Legumes para sua mãe, da minha horta – disse ele, orgulhoso. – Batata-doce, abóbora, tomate e quiabo. Sempre os divido com Nona.

– Que bom – comentou Kim, acompanhando de perto a interação entre os dois.

Wynona tinha atravessado a cozinha para verificar o cesto, e o sr. Bennie disse alguma coisa para fazê-la rir. Mas ele sempre a fazia rir. Eles eram velhos amigos e gostavam da companhia um do outro, por isso Kim nunca havia prestado atenção aos dois antes.

E também nunca tinha prestado atenção ao fato de o sr. Bennie ser um sujeito bem vistoso. Alto, com cabelo escuro, olhos acinzentados e um tom de pele moreno. Era bastante óbvio que estava em forma para um sujeito de 57 anos. Durante muito tempo ele fora dono de uma loja de material de hardware na cidade, mas a vendera pouco depois da formatura de Valerie na faculdade.

Wynona cruzou a cozinha para abrir a geladeira e Kim ficou observando como o sr. Bennie a seguia com o olhar a cada passo. Então, como se lembrando de que Kim estava na cozinha, ele olhou para ela e lhe ofereceu um sorriso nervoso, sabendo que tinha sido flagrado admirando sua mãe.

O sr. Bennie pigarreou.

– Então, Raio de Sol, quanto tempo você vai ficar na cidade?

– Só até o fim de semana. Vou pegar o voo de volta no domingo – disse ela, esperançosa de que fosse verdade. Estava pensando em entrar em contato com o hospital para prolongar sua folga caso fosse necessário.

Wynona retornou ao balcão com os ovos para o bolo.

– Kim veio para conhecer Edward – comentou, sorrindo. – Ela estava com medo de eu me casar antes que ela tivesse a oportunidade de conhecê-lo. Agora ela falou em adiar o casamento até o mês que vem, quando poderia

ter uma folga maior no trabalho. Claro que Edward terá que concordar com isso.

O sr. Bennie assentiu, e Kim notou que o casamento de Wynona e Edward não era um assunto que ele queria abordar.

– Telefonei para a Florzinha ontem à noite e contei tudo sobre sua faculdade de medicina – disse ele, como se precisando mudar de assunto. – Ela mandou dar os parabéns e disse que sabe que um dia você será uma ótima médica.

Kim sorriu.

– Obrigada.

– E só para você saber, Raio de Sol, gostei do seu noivo. Ele é legal.

Kim sentiu seu estômago vibrar. Se ao menos Duan fosse realmente dela.

– Obrigada mais uma vez.

O sr. Bennie passou as mãos na calça jeans.

– Bem, é melhor eu voltar para casa. Preciso verificar meu e-mail para ver se todos os meus pedidos vieram esta manhã. – Kim sabia que ele tinha um negócio on-line especializado na venda de estatuetas. Os clientes faziam encomendas pela internet e o sr. Bennie as enviava à fábrica, onde a mercadoria era armazenada. Dessa forma ele não precisava se preocupar com o inventário. – Espero vê-la outra vez antes de você ir embora, Raio de Sol – disse ele.

Kim assentiu.

– Espero vê-lo, também. Na verdade, vou voltar aqui para me despedir. Tenha um bom-dia, sr. Bennie.

– Você também, Raio de Sol. – Ele sorriu para a mãe dela. – Falo com você depois, Nona.

Quando a porta se fechou atrás dele, Kim soube que Duan estava certo. Embora sua mãe não fizesse ideia, o sr. Bennie gostava mesmo dela.

– Ei, VOCÊ não é um pescador ruim – disse Edward, sorrindo para Duan.

Duan forçou um sorriso de volta.

– Obrigado. Tento ir pescar sempre que posso. Isso me relaxa.

– O mesmo para mim. Você tem um barco?

Duan balançou a cabeça.

– Não, mas meu irmão tem um em Key West, na Flórida, que é uma beleza. Ele me permite usá-lo sempre que desejo, e vou para lá sempre que posso.

Edward meneou a cabeça.

– E foi assim que você conheceu Kim?

Duan lembrou-se de que Kim havia contado a história de como eles se conheceram tanto para Edward quanto para Wynona, e se perguntou se talvez o homem estivesse tentando comparar as versões.

– Sim. A melhor amiga dela, Sherri, é casada com meu irmão Terrence.

Edward sorriu.

– É verdade, o famoso *Terror*. Eu costumava acompanhá-lo quando ele estava jogando no Miami Dolphins. Odiei quando ele largou o time.

– Um monte de gente odiou, mas ele precisava decidir. Terrence jogava futebol americano desde que estava na escola, e sempre dizia que só queria jogar até completar 30 anos. Ele não queria parar por causa de uma lesão. Concordei e respeitei a decisão dele.

– Então... você e Kim pensam em ter filhos?

Duan quase derrubou a vara de pesca, imaginando de onde aquela pergunta tinha saído.

– Provavelmente, um dia. Kim tem planos de cursar medicina. – Mais uma vez ele estava ciente de que Edward já sabia disso. Será que era mais uma pergunta para testá-lo?

– Wynona espera que Kim consiga se espremer entre um casamento e um bebê antes de se tornar médica – disse Edward, lançando sua vara.

Duan deu de ombros.

– Vai ser do jeito que Kim desejar – respondeu ele. – A beleza do nosso relacionamento é que estamos de acordo em quase tudo.

– E acho que você confia plenamente nela.

A declaração soou sarcástica.

– Sim, confio nela plenamente. Assim como tenho certeza de que você confia completamente em Wynona.

Edward assentiu.

– Ah, sim. Claro. Confio em Wynona. Eu não estaria me casando com ela se não confiasse.

Duan avaliou o homem por um segundo.

– Acho que você não se casaria se não confiasse, uma vez que este será seu *terceiro* casamento, certo?

A garrafa de cerveja que Edward estava segurando quase escorregou de suas mãos, e ele rapidamente olhou para Duan.

– Sim, este vai ser meu terceiro casamento.

– Ei, você sabe o que dizem. A primeira vez é treino, a segunda é prática, a terceira é perfeição.

Duan não teve certeza se o sorriso de Edward foi genuíno.

– Sim, você está certo – disse Edward. – A perfeição.

MAIS TARDE naquela noite, Duan recebeu um telefonema de Chevis.

– Consegui convencer o diretor sobre minha necessidade de conversar com Green e ele concordou. Nosso encontro está marcado para quarta-feira ao meio-dia. Alguém teve notícias de Tron?

– Landon falou com ele há alguns dias – disse Duan, referindo-se ao ex-agente do FBI que havia virado detetive particular, Antron Blair. – Ele está verificando os registros do telefone celular de Edward de cinco anos atrás, e seus registros de telefone fixo de dez anos, bem como seus extratos bancários do mesmo período. Espero notícias em breve.

Duan saiu da cama quando Kim foi ao banheiro. Wynona tinha ido para o estudo da Bíblia na igreja e, em vez de aceitar o convite para se juntar a ela, Duan e Kim resolveram ir ao cinema na esquina do hotel. Ele normalmente não teria perdido seu tempo ou dinheiro para ver um filme de mulherzinha, mas aceitou sofrer por apreço a Kim.

– Tudo bem, Chevis, mantenha-me informado sobre seu encontro com Stein Green na quarta-feira.

Depois de desligar o telefone, Duan voltou sua atenção totalmente a Kim. Ele estava perdido. Ela estava vestindo um top rosa-choque e uma saia preta curta que mostrava o quanto suas pernas eram belas. Ele preferiria muito

mais ficar no quarto do hotel naquela noite, brincando com ela, mas sabia que estava determinada a assistir àquele filme. Ainda assim...

Ele atravessou a sala quando viu que Kim estava com problemas para abotoar seu colar. Posicionou-se atrás dela.

– Precisa de ajuda?

Ela olhou por sobre o ombro.

– Sim, obrigada.

Ele afastou os cachos para ter acesso ao pescoço. Kim estava tão cheirosa. Mas ela sempre estava cheirosa.

– Você estava certo, Duan.

– Sobre o quê?

– Sobre o sr. Bennie ter uma quedinha por mamãe. Não consigo acreditar que nunca tenha notado.

Ele terminou com o colar e se inclinou para lhe beijar o pescoço, ao mesmo tempo que ela roçava o traseiro contra a virilha dele. Duan suspirou ao sentir aquele contato. Caramba, como era gostoso.

– Odeio dizer que avisei você – falou ele, colocando os braços em volta da cintura dela para trazê-la ainda para mais perto.

– Você sabe o que desejo – disse ela, virando-se para olhar para ele.

Duan se inclinou e lhe beijou os lábios.

– Não, o que você deseja?

– Que mamãe também notasse. Mas eles são amigos há tanto tempo que ela provavelmente não o enxerga como nada além disso.

– Acredito. – Duan voltou ao pescoço de Kim, sugando seu ponto favorito, sem se importar se a paixão deixaria sua marca visível no dia seguinte. – Papai não começou a notar Cathy até ela esquentar as coisas.

– Como ela fez isso?

Duan riu.

– Sei lá, mas com certeza Olivia sabe. Terrence e eu percebíamos que, quanto menos soubéssemos, melhor. Tudo que sabemos é que eles foram a Nova York para uma viagem profissional e as coisas mudaram depois disso.

Ele inspirou profundamente de novo quando Kim requebrou o traseiro intencionalmente contra sua virilha outra vez.

– Ei, eu não faria isso muitas vezes se fosse você – alertou.

Kim riu quando ele deu um passo para trás.

– Tanto faz – disse ela, virando-se para ele. – Pronto para ir?

– Acho que sim.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Você não parece muito ansioso.

Ele sorriu.

– Bem, prefiro ver um monte de sangue e tripas a um monte de beijinho, beijinho, cama, cama.

Kim jogou a cabeça para trás e gargalhou, e o jeito como seus cachos esvoaçaram ao redor do rosto fez Duan se arrepiar por dentro. Naquele momento ele a achou simplesmente linda.

Segurando a mão dele, Kim o puxou porta afora.

– Vamos ver um filme de sangue e tripas da próxima vez. Eu prometo.

Duan se permitiu ser arrastado para fora do quarto. Esperava que Kim se lembrasse da promessa que tinha feito, pois ele pretendia que ela a cumprisse.

## Capítulo 15

**K**IM TENTAVA se manter ocupada enquanto Duan falava ao telefone. A ligação tinha vindo na manhã de quinta-feira, acordando-os às 7h. No início ela pensou que ele estivesse falando com Landon, mas depois de um tempo ficou evidente que estava ocorrendo uma chamada coletiva e que ele estava conversando com várias pessoas. Ela já havia tomado banho e tinha cuidado do cabelo, no entanto Duan ainda permanecia ao telefone.

Ele estava com a expressão séria. Kim tentava manter a calma e não tirar conclusões precipitadas. Para matar o tempo, caminhou ao redor do quarto, arrumando-o um pouco. Embora o hotel tivesse alguém para limpar a suíte todos os dias, não havia necessidade de a pessoa pensar que eles eram desleixados. Mesmo que Kim tivesse que admitir que o único local desarrumado fosse a cama.

As colchas estavam espalhadas pelo chão, os lençóis todos embolados e os travesseiros aos pés da cama. Ela não precisou pensar muito em como aquilo havia acontecido. Na noite anterior, ela e Duan tinham tentado várias posições novas e uma delas exigira que Kim ficasse em uma ponta da cama e Duan na outra, as cabeças enterradas entre as coxas um do outro. Falando em realizar fantasias... Kim sentiu uma agitação por dentro só de lembrar.

Ela se voltou para Duan quando ouviu o celular ser fechado, encontrando o olhar dele. Imediatamente soube, para melhor ou para pior, que havia

descoberto alguma coisa. Ela respirou fundo para se preparar para o que quer que ele tivesse a dizer.

– Venha cá, Kim – disse ele com aquela voz grave que ela tanto amava.

Ela atravessou o quarto até a poltrona onde Duan estava sentado e ele estendeu a mão, puxando-a para seu colo. Ela se virou para ele.

– Sim?

– Era todo mundo no telefone – explicou, envolvendo a coxa dela.

– Todo mundo? – questionou ela. – Todos os quatro?

– Sim, Landon, Antron, Brett e Chevis. Fizemos uma chamada em conferência, pois todo mundo tinha novidades.

Ela assentiu.

– Então, o que eles descobriram? – Quando Duan hesitou, ela percebeu que ele estava procurando pelas palavras certas. – Vá em frente, Duan. Conte-me. Minha mãe está em perigo?

Em vez de responder, ele disse:

– Landon foi conversar com a ex-namorada de Villarosas e ela confirmou suas alegações de mais de 20 anos atrás. Disse que Villarosas tem um lado ciumento desagradável e que ele chegou a ameaçar se livrar dela em várias ocasiões nas quais duvidara de sua fidelidade. Ela alega que não era infiel, mas que ficou cansada de sofrer falsas acusações e ameaças que acreditava que ele cumpriria, então se separou dele.

Kim assentiu.

– Mas isso foi há mais de 20 anos. Certo?

– Certo. Agora, Chevis foi à prisão na Flórida ontem para visitar Stein Green. Depois de um interrogatório intenso e implacável, bem ao estilo de Chevis, Green admitiu que Edward Villarosas o contratou para se livrar de suas duas esposas, pois elas eram infiéis.

Kim saltou do colo de Duan.

– E o desgraçado acha que vai se casar com minha mãe? – questionou ela, com a voz alterada.

– Kim, acalme-se.

– A polícia foi informada? Quando ele vai ser preso? Quando é que...

– Kim, por favor, deixe-me terminar – interrompeu ele, levantando-se também. – O que temos é uma alegação de um assassino condenado, um sujeito que já cumpre prisão perpétua por assalto à mão armada durante o qual um policial foi morto a tiros, sem possibilidade de condicional. Tudo o que ele fez foi atestar o que já suspeitávamos o tempo todo, principalmente com os álibis fortes de Villarosas. Mas precisamos de mais do que apenas a palavra de um criminoso. Precisamos de provas concretas e estamos trabalhando junto a Green para conseguir isso. Nenhum tribunal vai aceitar as acusações contra Villarosas baseado no testemunho de Green.

– Que tipo de prova se faz necessária?

– Encontrar os corpos seria bom.

Kim levou as mãos à boca e Duan notou que ela estava se lembrando das duas mulheres.

– Ai, meu Deus, Duan, algo precisa ser feito. Sou solidária às famílias delas.

– E algo será feito até os limites da lei. Mas não temos o suficiente para sustentar uma condenação. Agora, tudo o que temos é a palavra de um criminoso. Até que tenhamos provas para fundamentar a afirmação dele, não há nada que possamos fazer. Mas com certeza vamos conseguir essas provas.

– Como?

– Verificando as contas bancárias antigas de Villarosas, poderemos provar que grandes quantidades de dinheiro foram sacadas durante os períodos em que Green alegou ter recebido os pagamentos.

– Isso não é prova suficiente?

– Não. Nós também conseguimos os registros de chamadas entre Green e Villarosas, mas, novamente, isso não prova nada, pois não existem conversas gravadas. Vai ser a palavra de Green contra a de Villarosas, e em quem você acha que um júri acreditaria? Em um sujeito que já está condenado à prisão perpétua ou em um homem que parece ser um cidadão modelo? Os incidentes de mais de 20 anos atrás com a namorada de Villarosas não seriam aceitos como provas.

– Então, o que vai ser feito?

– Enquanto conversamos, uma equipe de oficiais locais e federais está fazendo buscas em uma região arborizada perto de Orlando e em outra em Atlanta, onde Green disse que estão os restos mortais. Independentemente disso, Villarosas vai ser levado para interrogatório hoje. Os investigadores do departamento de polícia de Atlanta já estão a caminho para isso. Se esses restos forem localizados, Villarosas será cobrado imediatamente e extraditado de volta para a Geórgia.

Duan suspirou fundo e passou a mão na cabeça.

– Agora precisamos falar com sua mãe. Villarosas vai ser questionado e é melhor que ela receba a notícia de nós dois. Eu também vou ter que abrir o jogo com ela e revelar meu papel em tudo isso.

Kim assentiu.

– Concordo, e devemos dizer a ela pessoalmente. Ela não espera que Edward chegue cedo, pois hoje é o dia da semana em que ele joga golfe. Portanto, tenho esperanças de que possamos conversar com ela a sós. Mamãe vai ficar arrasada.

– Sim, mas quando a prova for colocada bem diante dela tenho certeza de que ela vai concordar que são acusações graves e que essas declarações que estão sendo feitas são... – O celular de Duan tocou. – Desculpe-me. – Ele abriu o aparelhinho. – Sim, Landon? – Ele balançou a cabeça algumas vezes. – Sim, tudo bem, e obrigado por nos avisar.

Desligou o telefone e encontrou o olhar de Kim.

– Era Landon. Ele queria me avisar que encontraram restos mortais exatamente onde Green indicou, e as autoridades estão trabalhando para obter identificações. Se os corpos forem das esposas desaparecidas de Villarosas, então é seguro dizer que ele vai ser extraditado de volta a Atlanta para enfrentar acusações de assassinato.

Kim já estava pegando sua bolsa.

– Preciso ir até a casa de mamãe e contar a ela.

Duan já estava indo para a porta.

– Isso, vamos lá.

– AINDA NÃO consegui falar com mamãe – disse Kim, colocando o celular de volta na bolsa. Ela olhou para Duan enquanto ele dirigia o carro alugado, deixando o estacionamento do hotel. – Quero pelo menos dizer a ela que estamos indo para lá, para que ela não vá a lugar nenhum. Ela visita tia Gert de vez em quando.

– Está um dia bonito, ela pode estar arrumando o jardim.

– Sim – disse Kim, sorrindo. – Ela adora o canteiro de flores.

Kim estava tentando pensar em coisas positivas, mas era difícil fazê-lo sabendo o quão perto sua mãe tinha estado de se casar com Edward. A ideia de o sujeito ter encomendado o assassinato de suas duas esposas lhe causava calafrios. Ela temia contar à mãe, mas pelo menos aquilo tudo ia acabar antes de Wynona se tornar a próxima vítima.

– Obrigada por todo o trabalho duro que você e seus amigos fizeram. Pense no tempo que Villarosas se safou disso tudo. Com Green já na prisão por um crime não relacionado aos casos, ele provavelmente pensou que estivesse livre.

– Essa é uma boa conjectura. Evidentemente ele tem problemas mentais, e eu não vou ficar satisfeito até que esteja atrás das grades, que é o lugar dele.

Kim assentiu.

– Estou surpreso por Stein Green ter resolvido falar.

– Ele não tinha nada a perder, pois já está cumprindo pena sem chance de liberdade condicional. Provavelmente sente-se bem por delatar Villarosas, já que está na prisão enquanto Villarosas ainda está desfrutando da liberdade.

– Duan parou no sinal vermelho.

– Nesse caso, por que ele não falou mais cedo?

– Green provavelmente percebeu que ninguém iria levá-lo a sério, mas, desde que Chevis o interpelou, ele ficou mais do que pronto para botar tudo para fora. De acordo com Chevis, o homem estava cheio de informações e não hesitou em contar onde os corpos das mulheres estavam.

– E ele admitiu a autoria dos assassinatos?

– Sim, depois de espancá-las. Ele alegou serem instruções de Villarosas, para ensinar uma lição às suas mulheres traidoras.

Kim estremeceu ao pensar naquilo e se alegrou quando Duan encostou na calçada da casa de sua mãe. Ela já havia desatado o cinto de segurança e saiu do carro assim que este parou. Começou a correr em direção à porta da frente.

– Ela não está em casa, Raio de Sol.

Kim parou de andar tão depressa que quase tropeçou no degrau perto da porta. Duan estendeu o braço para segurá-la.

Ela olhou para o sr. Bennie, que estava trabalhando em seu jardim.

– Ela não está aqui? Você sabe se ela foi visitar a tia Gert?

Ele balançou a cabeça enquanto tirava as luvas de borracha.

– Não, ela saiu mais cedo esta manhã com Edward Villarasas. Estava com uma bolsa de viagem, então presumo que tenham saído da cidade.

– O quê!? Ai, meu Deus, espero que você esteja errado sobre isso, sr. Bennie. – Kim caçava as chaves da casa da mãe freneticamente na bolsa, derramando a maioria de seu conteúdo no chão.

– Eu abro a porta – disse Duan, abaixando-se para recuperar os itens que tinham caído da bolsa, incluindo as chaves. Com os braços firmemente plantados ao redor da cintura de Kim, ele enfiou a chave na fechadura e a abriu. Ela passou correndo por ele e já estava dentro antes mesmo que ele pudesse respirar de novo.

Havia um pedaço de papel na mesa da sala de jantar e Kim correu para pegá-lo. Quando terminou de lê-lo, ela se virou para Duan, os olhos cheios de raiva.

– O desgraçado convenceu mamãe a fugir para Las Vegas – disse ela acaloradamente, deixando o bilhete cair no chão. – Ela não pode se casar com ele! Não pode!

Duan atravessou a sala e tomou Kim em seus braços.

– Não, ela não pode, e se tivermos que entrar em contato com todas as capelas de casamento de Las Vegas para se certificar de que ela não vá se casar, então...

– Desculpe-me, não quero me intrometer, mas está tudo bem?

Duan e Kim olharam e encontraram o sr. Bennie em pé à porta. Kim saiu dos braços de Duan e correu para ele.

– Sr. Bennie, quando viu mamãe esta manhã, ela parecia bem? Ela parecia estar sendo coagida a sair ou algo assim?

Ele ergueu as sobrancelhas, como se surpreendido pela linha de questionamento de Kim.

– Não, ela parecia estar saindo espontaneamente e estava de bom humor, como sempre. Ela sorriu e acenou quando me viu. Eu estava colocando o lixo para fora. Era por volta de 7h.

Kim assentiu. Ela sentia algum conforto por saber que Edward não tinha matado as outras duas mulheres diretamente, o que significava que sua mãe provavelmente não corria perigo imediato. Mas, ainda assim, a ideia de ter Wynona viajando sozinha com o sujeito era inquietante.

– O que é, Raio de Sol? Qual é o problema?

Duan caminhou até eles.

– Se você não se importar em entrar, sr. Bennie, poderemos explicar as coisas.

– Tudo bem.

Duan fechou a porta atrás do homem e puxou Kim para seu lado. Ela estava tremendo de medo e raiva.

– Sr. Jeffries, sei que você pode achar que não é da minha conta, mas se há algo errado, por favor, me diga. Nona e eu somos bons amigos. Eu me preocupo profundamente com ela.

– Eu sei que se preocupa, sr. Bennie – comentou ele com sinceridade. – E ela vai precisar muito de você quando tudo isso acabar.

O homem olhou para Kim, preocupado.

– Eu sempre estarei presente para ela. Agora, por favor, me conte o que está acontecendo.

Duan inalou profundamente.

– Edward Villarasas está sendo aguardado para ser interrogado pela polícia.

O sr. Bennie pareceu surpreso.

– Pela polícia? Para quê?

Duan apertou os braços ao redor da cintura de Kim.

– Por encomendar os assassinatos de suas duas esposas.

## Capítulo 16

**K**IM ESTAVA andando de um lado a outro, e o sr. Bennie também. Ambos exibiam olhares preocupados. Kim já havia tentado contatar sua mãe por telefone várias vezes, sem sucesso.

Duan entrara em contato com a polícia de Shreveport, e depois ligara para as companhias aéreas para verificar os voos para Las Vegas. Ele conseguira descobrir o número do voo de Wynona e Edward, e, de acordo com a companhia aérea, a aeronave havia pousado em Las Vegas mais de uma hora atrás. Então, por que Wynona não estava atendendo o telefone?

A polícia de Las Vegas tinha sido acionada e já havia um mandado emitido para a prisão de Villarosas. A única coisa boa era que Wynona não tinha sido levada à força, o que significava que ela ainda não sabia que tipo de homem Villarosas realmente era. Duan era da opinião de que Villarosas não tinha nenhuma razão para prejudicar Wynona, uma vez que ele provavelmente se sentia seguro em seu relacionamento. Pelo menos por enquanto.

Ele olhou para Kim e ela lhe ofereceu um sorriso fraco. Um lado dele percebeu por que a amava muito: ela se preocupava com a família. Era leal. E não era nada como a mulher com quem seu pai tinha se casado, a qual abandonara o marido e os filhos. Kim era toda bondade. Toda carinho. E ela queria filhos.

Ele compreendeu por que gostava de dormir tão pertinho dela durante a noite, os corpos se tocando, e depois despertar ao seu lado todas as manhãs para uma brincadeirinha. Ele gostava de vê-la comer, engolir, de vê-la lambendo algodão-doce dos lábios. Ele adorava suas conversas de fim de noite, quando ficava com ela sentada em seu colo por horas. Até mesmo gostara de ficar ao lado dela no cinema, dividindo pipoca amanteigada. Embora o filme não fosse nada do tipo que ele quisesse ver, aquilo não tinha importância, contanto que ela estivesse ao lado. A simples risada de Kim durante algumas cenas já era música para os ouvidos dele.

*Havia se apaixonado por uma mulher que não tinha espaço para ele em seu futuro.*

Duan sabia tudo sobre os planos dela. Quatro anos na escola de medicina. Que direito ele tinha de pedir a ela para fazer algo diferente, agora que sabia que a amava? E por que ela sequer cogitaria tal coisa? Apesar de ter se apaixonado por ela, isso não significava que Kim também tinha caído de amores por ele. Até onde sabia, e conforme ela o lembrara várias vezes, Kim não tinha nenhuma intenção de ter um relacionamento sério com um homem, e ele estava pensando em ter com ela o mais sério dos relacionamentos.

Ela merecia ter seu sonho e ele não iria roubá-la disso tal como o pai dela tinha feito ao gastar o dinheiro da faculdade. Aquela era a chance de Kim fazer uma coisa que sempre desejara, e Duan a amava demais para ficar em seu caminho. Então, ele iria manter o plano original.

Quando tudo aquilo acabasse, ele iria embora para Atlanta. Mas pretendia se manter informado sobre Kim através de Sherri, porque não importava onde Kim fosse ou o que fizesse, sempre seria a dona inconsciente do coração dele.

Duan foi retirado das profundezas de seus pensamentos quando uma porta de carro bateu. Ele olhou pela janela e viu uma viatura encostando, em seguida, viu quando três homens desceram. Ele reconheceu Landon. Presumiu que o outro sujeito fosse um investigador do departamento de polícia de Atlanta em missão para interrogar Villarosas, e o outro, investigador de Shreveport.

Kim ouviu o carro também e correu para a porta da frente, prendendo a respiração a cada passo. E ela não precisou olhar para trás para saber que Duan estava em seu encalço.

Ela encarou os rostos dos três homens.

– Posso ajudá-los?

– Srta. Cannon?

– Sim?

Um dos homens mostrou um distintivo a ela.

– Sou o detetive Mark Hogan do departamento de polícia de Shreveport, este é o detetive Arnold Reddick do departamento de polícia de Atlanta, e Landon Chestnut, da empresa Peachtree Investigações Particulares.

O olhar de Kim varreu os dois homens e foi diretamente para Landon. Duan tinha mencionado que ele estaria acompanhado do detetive de Atlanta.

Depois de apertar as mãos de todos, ela disse:

– Sim, por favor, entrem.

Apresentações foram feitas para Duan e o sr. Bennie. Ela presenciou a camaradagem entre Duan e Landon, indicando a longa amizade entre os dois. Landon, que parecia ser uns dois anos mais jovem do que Duan, era um homem muito bonito. Mas, na opinião dela, ninguém era mais bonito do que Duan.

– Alguma novidade? – perguntou Kim ansiosamente.

O detetive Hogan olhou para ela.

– O departamento de polícia de Las Vegas foi notificado e eles estão verificando o registro de todos os hotéis. Há uma boa quantidade deles. Enviaram uma fotografia atual de sua mãe e de Villarosas para Las Vegas e todo mundo está à procura deles. Nós também alertamos as capelas de casamento mais populares.

Naquele momento, o celular de Kim tocou e ela correu pela sala para buscá-lo na mesa, sem reconhecer o número no identificador.

– Sim?

– Kim?

– Mãe! – Ela quase gritou de tanto alívio e emoção. Todo mundo correu até ela. – Mãe! Onde você está? Estou tentando falar com você e...

– Kim, querida, por favor, ouça. Eu tive que ligar para você. Edward está agindo de forma estranha e me acusando de todo tipo de coisa. Estou em Las Vegas, e no caminho entre o aeroporto e nosso hotel eu o convenci de que precisava usar o banheiro e que não podia esperar. Então paramos em um daqueles restaurantes de fast-food. Estou usando o celular de uma mulher que conheci aqui no banheiro. A bateria do meu telefone morreu, então não tive como ligar para você, e quando pedi a Edward para usar o telefone dele ele me acusou, dizendo que eu queria ligar para Bennie.

– O sr. Bennie? – indagou Kim, olhando para o vizinho, que retribuiu com um olhar curioso.

– Sim. Edward apareceu inesperadamente ontem à noite enquanto Bennie estava lá. Não sei o que deu nele. Ele estava bem até chegarmos a Las Vegas, e então começou a gritar e a me acusar de todo tipo de coisa, principalmente de ter um caso com Bennie.

Kim se esforçou para manter a calma.

– Mãe, escute, não volte para o carro de Edward. Use o telefone da senhora, ligue para a emergência e diga a eles exatamente onde você está.

– Kim, não é tão grave assim. Edward só precisa de tempo para pensar sobre o que está dizendo e...

– Mãe, por favor, faça o que peço. Edward é procurado pela polícia. – Kim não queria dar a notícia para a mãe daquele jeito, mas não tinha escolha.

– Procurado pela polícia? Kim, isso não faz sentido nenhum.

– Faz sim, mãe. Um investigador da polícia está aqui e precisa falar com você. Por favor, ouça o que ele diz e informe onde você está.

Kim entregou o celular ao detetive Hogan e, em seguida, afastou-se para informar a Duan, ao sr. Bennie e a Landon o que sua mãe tinha falado. O detetive Reddick seguiu para sua unidade, a fim de entrar em contato com a polícia em Las Vegas para informá-los sobre o telefonema de Wynona.

– Edward começou a agir de forma estranha – disse Kim. – E acusou mamãe de ter um caso com você, sr. Bennie. Mamãe disse que Edward

começou com essa ideia quando apareceu aqui ontem à noite e viu você e mamãe juntos.

O sr. Bennie assentiu.

– Sim, eu estava aqui ontem à noite. Nona e eu ficamos descascando ervilhas.

– Bem, evidentemente Edward ficou chateado, o que provavelmente o levou a convencê-la a voar para Las Vegas com ele.

– Por que ela não ligou para seu celular? – perguntou Duan.

– A bateria do celular dela morreu. E ela disse que Edward não a deixou usar o celular dele, então ela fingiu precisar ir ao banheiro, o que o obrigou a fazer uma parada. Ela ligou do banheiro de um restaurante de fast-food, usando o telefone de uma senhora. É onde ela está agora.

Kim olhou para os dois detetives. Hogan ainda estava conversando com a mãe dela ao telefone e ela chegou mais perto para ouvir o que estava sendo dito.

– Sim, sra. Cannon. Ele precisa ser abordado sobre o assassinato de suas esposas. – Ele fez uma pausa e depois disse: – Sim, senhora, assassinato. Eu sei que isso é chocante, mas é verdade. O assassino contratado por ele nos contou onde encontrar os corpos. Entramos em contato com a polícia de Las Vegas para informar onde vocês estão, e eles estão a caminho.

Hogan assentiu.

– Sim, eu a aconselharia a manter a porta do banheiro trancada até eles chegarem. – Ele meneou a cabeça novamente. – Bem pensado. Sim, por favor, aguarde um minuto.

Hogan então retransmitiu aos outros o que estava acontecendo.

– A senhora que emprestou o telefone a Wynona concordou em ficar com ela e ambas se trancaram no banheiro. Edward bateu à porta duas vezes, mas a sra. Cannon o impediu de se aproximar, dizendo que havia tido uma pequena emergência e que precisava de mais tempo.

– A polícia de Vegas está a poucos quarteirões de distância – disse Reddick, antes de retornar ao próprio telefonema.

Hogan transmitiu tal informação para Wynona. Ele meneava a cabeça diante das réplicas dela e, em seguida, respondeu:

– Sim, senhora, você está certa. As pessoas nem sempre são o que parecem ser.

Kim engoliu em seco, perguntando-se como sua mãe iria sentir-se quando descobrisse que Duan também era um impostor.

– A polícia está lá agora? – Hogan olhou para Reddick, que assentiu para confirmar. – Sim, então é seguro destrancar a porta do banheiro e, sim, tudo vai ficar bem, sra. Cannon. Você foi inteligente ao manter Villarosas longe. – Ele meneou a cabeça novamente. – Sim, ela está aqui.

Hogan olhou para Kim.

– Sua mãe gostaria de falar com você.

Kim avançou rapidamente para pegar o telefone.

– Sim, mãe, estou feliz que tenha acabado e que você esteja bem. – Kim realmente estava sofrendo por causa da mãe, principalmente quando ouviu os soluços na voz de Wynona.

Seus olhos começaram a ficar marejados, e Duan se aproximou para aninhá-la quando ela disse:

– Sim, mãe, nós queremos que você venha para casa também.

QUATRO HORAS depois, Wynona estava de volta a Shreveport. Kim tinha esperanças de que a família demorasse um pouco para saber o que tinha acontecido, mas, quando a prisão de Edward chegou aos noticiários da noite, todo mundo começou a telefonar.

Kim achou que sua mãe se saíra muito bem depois de enfrentar os questionamentos das polícias de Las Vegas, Shreveport e Atlanta. Edward fora transportado de Las Vegas diretamente para Atlanta. Wynona disse que ele pedira para vê-la, e ela concordara, embora tivesse sido difícil. Ele não negou as acusações e, em vez disso, tentou convencê-la de que suas esposas tinham merecido morrer. Basicamente acabou confessando seus crimes a ela e aos investigadores de Las Vegas.

Wynona retornou a Shreveport em um avião oficial da polícia, tomou um sedativo e agora estava descansando confortavelmente. Kim conseguira manter os membros da família afastados e, pela primeira vez, ficou grata por eles terem compreendido a necessidade de Wynona descansar.

Ela se sentou na cadeira ao lado da cama, observando a mãe dormir. Havia entrado em contato com o hospital para solicitar uma semana fora, sabendo que teria que ficar com a mãe para ajudá-la a superar aquele episódio traumático.

Ela suspirou. Wynona merecia um homem para amá-la, respeitá-la e estimá-la. Após as atitudes de Edward, ela se perguntava se a mãe iria finalmente perceber que não se podia buscar a felicidade em terceiros... tinha que vir de dentro primeiro.

Essa lição era algo que a própria Kim precisava aceitar nos próximos dias. Não importasse o que acontecesse, ela não podia permitir que o desespero tomasse conta quando pensasse que em breve ela e Duan estariam se separando.

Assim que Wynona acordasse e elas tivessem a oportunidade de conversar, Kim contaria tudo, inclusive o fato de Duan não ser seu noivo e que seu único propósito em Shreveport era provar ou refutar a culpa de Edward.

Duan e seus companheiros tinham trabalhado duro para fazer exatamente isso. E agora, com os dois casos definitivamente encerrados, não havia nada para mantê-lo em Shreveport. Kim se perguntava se ele planejava pegar um voo com Landon bem cedo na manhã seguinte.

Ela lutava para conter as lágrimas, pensando que ninguém tinha pedido a ela para se apaixonar por Duan. O relacionamento nunca fora concebido para ser de longo prazo. Ela sabia disso, e mesmo assim permitira que seu coração se envolvesse no que deveria ter sido nada mais do que sexo quente. Ela só podia culpar a si mesma por aquela consequência.

Um par de lábios cálidos lhe tocou o rosto e ela não precisou olhar para cima para saber que Duan estava lá. E então sentiu os braços fortes dele erguendo-a para fora do quarto.

Kim sabia que tinha de se recompor e não pensar no homem que ia perder, uma vez que ele nunca tinha sido dela afinal.

– Sei que você queria vigiar sua mãe, mas não precisa dormir na cadeira, Kim – sussurrou Duan, de encontro à testa dela.

– E para onde você está me levando? – quis saber ela, afundando-se mais nos braços dele, sabendo que aquela provavelmente seria a última vez que teria a chance de fazê-lo.

– Para um dos quartos de hóspedes. Aí vou embora para arrumar nossas coisas no hotel. Acho que você vai querer passar um tempinho com sua mãe, principalmente à noite. Vou pegar um voo com Landon para Atlanta bem cedo amanhã de manhã, para poder entrar em contato com as famílias das mulheres assassinadas.

Kim tentava impedir que seu coração se partisse, mas ele já estava estilhaçado em pedacinhos de qualquer modo. Duan não estava perdendo tempo para criar uma distância entre eles.

– Posso voltar para o hotel com você para ajudá-lo a embalar as coisas e...

– Não, você precisa ficar aqui com sua mãe. Ela precisa de você.

*E eu preciso de você*, Kim queria gritar, mas lutou contra o desejo de fazê-lo. Mais do que qualquer coisa, ela queria fazer amor com ele uma última vez, para libertá-lo do coração e da alma dela.

– Onde está Landon? – perguntou quando sentiu Duan colocando-a suavemente na cama.

– Foi até a sede da polícia para arquivar nossos relatórios. – Ele se esticou ao lado dela na cama, puxando-a para si.

– Está com fome, Kim? Fiz uma panela de sopa para você e sua mãe.

Ela balançou a cabeça enquanto se acomodava de encontro a Duan.

– Obrigada, mas não estou com fome. O sr. Bennie ainda está aqui?

– Não, ele já foi embora, mas tenho a sensação de que vai retornar. Não me surpreenderia se ele se declarasse para sua mãe. Ele admitiu para mim que é apaixonado por ela há muito tempo. Pelo menos três anos, mas estava com medo de arriscar, com medo de ela decliná-lo como pretendente e, com isso, também perdê-la como amiga.

Kim tinha esperanças de que o sr. Bennie contasse à mãe dela sobre seus sentimentos. Wynona precisaria de tempo para se curar da traição de Edward, mas tinha certeza de que o sr. Bennie iria dar a ela todo o tempo necessário.

– Kim?

Ela olhou para Duan.

– Sim?

– Tudo deu certo, não é?

Ela assentiu.

– Sim, e preciso agradecer a você e a seus amigos por isso. Não quero pensar no que poderia ter acontecido se você não tivesse se lembrado do nome de Edward. E se mamãe tivesse se casado com ele? Ele era uma bomba-relógio só esperando para explodir. O homem realmente tem problemas mentais e espero que receba o tratamento do qual necessita.

– Pelo menos está fora da vida de sua mãe, e com o seu amor, da sua família e do sr. Bennie, acredito que ela vá superar isso.

Kim assentiu. Ela também acreditava. Sentiu-se puxada para os braços de Duan, que se inclinou e a beijou, um beijo demorado, profundo e devorador. Parte dela desejava que aquilo durasse para sempre, e que o que havia entre eles pudesse durar para sempre também, mas ela sabia que não era para ser. Duan tinha a vida dele, Kim tinha a dela. Ela iria perseguir seu sonho de se tornar médica.

Duan finalmente interrompeu o beijo e aninhou Kim contra si, mas não sem antes seus lábios roçarem os dela mais uma vez. Quando ela bocejou, ele sorriu.

– Você está cansada. Vá dormir. Eu te ligo amanhã de Atlanta.

Kim ouviu Duan dizer mais algumas palavras antes de o calor do corpo dele, a calma na voz e os beijos delicados que ele pousava no rosto dela a impelisses a fechar os olhos e cair no sono. Foi uma boa noite de sono. Um sono reparador nos braços do homem que ela amava.

DUAN CONTINUOU deitado lá, abraçado a Kim, durante muito tempo depois que ela já havia adormecido. Mais do que qualquer coisa, queria passar o restante de sua vida com ela. Amá-la e oferecer todas as coisas das quais aquela mulher necessitasse. Mas ele sabia que não era possível. A vida de Kim já estava traçada do jeito que ela queria. O sonho do qual ela havia aberto mão estava ao seu alcance. Então, era melhor que terminassem as coisas agora, numa boa.

Não havia como evitar o aperto no coração dele. Tudo que restava para fazer era fechar os olhos e se lembrar de todos os bons momentos que tinham compartilhado. Parte dele queria acordá-la para que pudessem fazer amor pela última vez, mas Duan sabia que não iria acontecer.

Ele se levantou da cama e seguiu para a porta. Mas, antes que pudesse chegar lá, virou-se. O aperto no peito tinha subido para a garganta. Ele se perguntava se ela iria se lembrar das palavras de amor que ele dissera enquanto ela adormecia. Provavelmente não. Era melhor assim.

Ele se obrigou a dar meia-volta e sair do quarto. E a cada passo ele se dizia que terminar as coisas daquela maneira era a coisa certa a se fazer.

QUANDO KIM acordou horas depois, olhou pela janela e notou que estava escuro lá fora, e a casa estava em silêncio. A luz de teto no corredor iluminava sua bagagem, informando que Duan tinha trazido as malas do hotel.

Ela deixou a cama e saiu do quarto para ver sua mãe. Wynona parecia estar em um sono tranquilo. Kim esperava que sim.

Deixou o quarto da mãe e foi para a cozinha. Duan tinha usado alguns dos legumes frescos para fazer uma sopa, com um cheiro delicioso. Foi então que viu o bilhete que ele tinha rabiscado e deixado sobre o balcão.

*Cuide-se, e de Wynona também.*

*Duan.*

Kim engoliu o nó na garganta. Aquele foi o jeito dele de dizer adeus. Ele não ia voltar. Ela havia sonhado que aquele homem a abraçava e dizia que a amava, mas sabia que tinha sido apenas um sonho.

Ela olhou ao redor da cozinha e foi quase sobrepujada pela tristeza, mas lutou para combatê-la. Precisava de toda a sua força e energia para ajudar a mãe a superar aquilo. O foco não era o próprio desgosto e a dor, era o que sentia sua mãe.

Kim sabia que era uma lutadora. Possuía um grande futuro. A faculdade de medicina estava ao alcance. Ela iria continuar sua vida do jeito que fazia antes de Duan entrar nela.

Iria sobreviver, perseguir e alcançar seus sonhos. Um lado dela tinha esperanças, e rezava para que isso fosse suficiente.

## Capítulo 17

– DUAN? POR que você não vai à festa de aniversário de Sherri na Flórida no próximo fim de semana?

Durante muito tempo, Duan não disse nada. Só ficou olhando para sua irmã, em seu escritório, desejando que pudesse ignorar a pergunta. Mas ele conhecia Olivia bem o suficiente para saber que iria perturbá-lo até ele oferecer o que ela considerava uma boa resposta. A vida de casada definitivamente a havia deixado mais mandona.

– Estou trabalhando em um caso que requer minha total concentração, Libby – disse ele, sabendo que não era verdade. O caso no qual estava trabalhando não ia ser tão difícil de resolver. Difícil mesmo ia ser oferecer o máximo de sua concentração.

– E antes que você pergunte, a resposta é não – disse ele. – Eu não falei para Terrence que não vou, mas com a intenção de ir. Eu não vou mesmo. Na verdade, pretendo telefonar para ele mais tarde hoje.

Sabia qual era a preocupação de Libby. Quando eram crianças, eles sempre passavam seus aniversários juntos e faziam deles dias especiais. Mesmo quando Libby foi morar em Paris, foi fácil manter a tradição, pois ela voltava para casa nas férias e seu aniversário era dois dias antes do Natal. E já que Sherri, Reggie e Cathy agora eram membros oficiais da família Jeffries, esperava-se que todos estivessem presentes para as festas de aniversário deles também.

Olivia atravessou a sala e colocou as mãos sobre a mesa, olhando diretamente nos olhos dele.

– Um caso difícil nunca impediu você de nada, Duan. Então, o que está acontecendo?

Ele se obrigou a manter uma expressão agradável. Caso contrário, sua irmã, que era bem astuta quando se tratava de seus irmãos, veria a dor à espreita no fundo de seus olhos.

– Não está acontecendo nada – retrucou ele, pegando uma pasta e fingindo remexer nela.

– Tem certeza?

Reencontrou o olhar dela.

– Sim, tenho certeza. – Ele olhou para o relógio. – Pensei que você tivesse dito que estava na sua pausa para o almoço.

Ela sorriu enquanto se inclinava para trás.

– Quando você é o patrão, pode ter algumas liberdades.

Duan sabia que não poderia discordar daquilo. Como presente de casamento, Reggie tinha comprado à sua esposa uma galeria de arte e um belo prédio, para que ficasse em uma localização perfeita em Atlanta. Reggie remodelara o edifício ao gosto dela e a galeria Libby's, o nome fora escolha de Olivia, estava fazendo sucesso.

– Além disso, eu tinha uma consulta médica.

Ele ergueu uma sobrancelha, preocupado.

– Você está bem?

Ela sorriu.

– Nada que não possa ser curado em oito meses. Reggie e eu vamos ter um bebê.

Duan piscou algumas vezes para absorver as palavras dela. Um enorme sorriso se espalhou por seu rosto e ele empurrou a cadeira para trás para ficar de pé.

– Venha cá, bobona.

Quando Olivia contornou a mesa, ele a tomou nos braços. Sua irmãzinha ia ser mãe, e ele não tinha dúvidas de que ela faria um trabalho melhor do que a mãe deles.

– Tenho certeza de que Reggie já sabe – falou ele, soltando-a, com um enorme sorriso. – Esses malditos Westmoreland creem na fecundidade e repovoamento da Terra.

Olivia jogou a cabeça para trás e gargalhou.

– Reggie soube antes de mim, na verdade. Fizemos o teste de gravidez em casa há uma semana, mas a visita ao médico hoje tornou oficial. Ele estava lá comigo quando o médico confirmou tudo. O senador Reginald Westmoreland definitivamente é um homem feliz.

Duan assentiu quando se sentou na beirada da mesa.

– E quanto a papai e a Terrence?

– Papai sabe, e é claro que ele e Cathy estão satisfeitos por se tornarem avós. Eu não contei a Terrence ainda. Pretendo telefonar para ele e para Sherri esta noite. – Ela olhou para o relógio. – É melhor eu ir, pois tenho um compromisso às 15h com um artista cujo trabalho queremos exibir.

Depois que a irmã se foi, Duan não conseguiu voltar ao trabalho. Ele se recostou na cadeira e olhou pela janela. Tinha chovido, mas agora o sol estava lá. As flores desabrochavam em todos os lugares, típico mês de maio.

Fazia três semanas desde que havia deixado Shreveport, e, embora tivesse falado com Kim duas vezes desde então, não tinha sido suficiente. Duan sabia que as perspectivas de Wynona sobre a vida estavam melhorando, e que o sr. Bennie havia declarado suas intenções. Ambos estavam encarando um dia de cada vez depois que de amigos se transformaram em namorados. Duan tinha enviado um buquê de flores para Wynona na semana anterior, em razão do Dia das Mães, e ela telefonara e deixara um recado no celular dele para agradecer.

Ele sabia que Kim havia contado a verdade à mãe dela e à família sobre seu falso noivado. Ela devolvera o anel para ele algumas semanas atrás, com um bilhete agradecendo por tudo que fizera. Também escrevera dizendo que seus familiares estavam tão preocupados com o bem-estar de sua mãe que não se concentraram muito no fato de ela ter mentido para eles.

Na última vez em que conversaram, Duan contara a Kim que Villarosas fora acusado por envolvimento nas mortes de suas esposas e que estava à espera de julgamento. Villarosas ainda não estava arrependido pelo que

tinha feito e tentava convencer a quem quisesse ouvir que ele tivera razões válidas para suas atitudes.

Quando Duan pegou o anel de volta, ficou olhando para o objeto a fim de se lembrar do momento exato em que o colocara no dedo de Kim. Ele tinha ficado tentado a enviá-lo de volta e dizer a ela para guardá-lo, uma vez que parecia feito para a mão dela. Ainda poderia fazê-lo, mas, conhecendo Kim, sabia que ela iria devolvê-lo.

Graças à informação obtida com Terrence, Duan sabia que Kim havia retornado para a Flórida e estava de volta ao trabalho. Ele também conhecia a principal razão pela qual não estaria indo à festa de aniversário de Sherri: não estava pronto para vê-la novamente. Não tinha certeza se conseguiria olhar para ela e fingir não desejá-la e não amá-la. Sendo assim, ele tomara a decisão de não fazer a viagem a Key West no fim de semana seguinte, e, conforme havia dito a Libby, iria telefonar para Terrence e explicar as coisas.

Concluindo que agora era um momento tão bom quanto qualquer outro, ele estendeu a mão e pegou o telefone.

KIM OLHOU ao redor, quando entrou no Club Hurricane. Terrence estava esperando por ela. O dia da festa de aniversário de Sherri estava chegando e Kim havia se oferecido para ajudar a torná-lo especial. A grande festa seria realizada ali no clube e Terrence tinha assumido o comando da decoração.

– Olá, srta. Cannon – disse Debbie, uma das anfitriãs do clube, cumprimentando-a com um sorriso amigável.

– Oi, Debbie. Terrence está por aí? Creio que ele esteja me esperando, embora eu não tivesse dito a ele a que horas poderia chegar. O trabalho no pronto-socorro torna isso impossível.

– Sim, eu entendo, e ele disse para eu mandar você diretamente para o escritório lá em cima assim que chegasse.

– Obrigada. – Kim entrou no elevador e se recostou no painel traseiro. Olhou para o relógio e viu que eram pouco mais de 3h. Como tinha vindo diretamente do trabalho, ainda estava usando o uniforme de enfermeira.

Ela deixou os pensamentos planarem para um assunto que vinha tentando evitar e falhando desgraçadamente: Duan. Fazia três semanas

desde que o vira, três semanas desde que ele a tomara nos braços e a beijara com uma paixão que só aquele homem poderia oferecer. E não havia um único dia no qual ela não pensasse nele e se lembrasse do tempo que haviam passado juntos.

Kim tinha conversado com ele algumas vezes quando ele telefonara para ver como ela estava e para ter notícias de Wynona. Mas as conversas pareceram apressadas. Duan temia deixar escapar algo relacionado ao período deles juntos, e ele não queria isso. Ao passo que Kim havia aceitado que o que eles tinham vivido havia significado mais para ela do que para ele, então seguiu com sua vida. Ou, pelo menos, estava tentando seguir. A única coisa que ela ainda precisava fazer era decidir qual faculdade de medicina iria escolher no outono, uma vez que fora aceita por várias.

E ela finalmente foi capaz de superar suas questões com o pai, embora estivesse levando as coisas com um passo de cada vez. Depois de saber o que acontecera a Wynona, depois que a prisão de Edward se tornara notícia nacional, ele aparecera em Shreveport enquanto Kim estava lá.

A aparência de Louis Cannon tinha melhorado drasticamente desde que Kim o vira pela última vez, e dava para se dizer que estava tentando assumir o controle de sua vida. Ele dissera a ela e a Wynona que não bebia há mais de três anos, que era bastante ativo na igreja e tinha se casado novamente. Kim ficou feliz por ele.

E ela também estava feliz por sua mãe, que agora tinha o sr. Bennie em sua vida. Também estavam dando um passo de cada vez. Mas Kim estava convencida de que o sr. Bennie era a pessoa de quem sua mãe precisava.

O elevador parou e a porta se abriu. Imediatamente, ela ouviu Terrence conversando em alto e bom som com alguém no viva-voz. Kim já tinha dado alguns passos em direção à porta quando reconheceu a voz da pessoa que estava falando com Terrence. E quando Terrence disse o nome dela, Kim parou de andar e ficou escutando.

– Ei, cara, estou ouvindo o que você está dizendo, mas acho que está errado por não contar a Kim como se sente.

– Eu não conseguiria fazer isso – disse Duan, a voz cheia de angústia. – Eu não seria capaz de dizer a ela o quanto a amo e que dói só de pensar

nela. Ela quer ir para a faculdade de medicina. Sempre quis e alguém tirou esse sonho dela uma vez. Não serei eu a pessoa a afastá-la desse sonho novamente.

– Ela ainda pode ir para a faculdade, Duan. Isso é tudo o que vou dizer. Quando duas pessoas se amam, podem fazer qualquer coisa funcionar. Vocês dois podem até mesmo ter um relacionamento a distância.

– Ela já tentou isso antes com um cara e não deu certo, então não é uma opção. Além disso, eu nem tenho certeza se ela sente o mesmo por mim. Nosso período juntos pode não ter significado tanto para ela quanto significou para mim. Ela nunca me deu qualquer indicação de que me amava.

Duan fez uma pausa antes de continuar:

– Olha, Terrence, eu não telefonei para despejar tudo isso em você. É um problema meu. Eu só queria que você soubesse o motivo pelo qual não irei à festa de aniversário de Sherri no fim de semana que vem. Não tem jeito de eu encontrar Kim e não deixar óbvio o quanto a desejo. O quanto a amo. E espero que você compreenda isso.

Lágrimas anuviaram os olhos de Kim quando ela começou a recuar da porta do escritório de Terrence. Ela retornou ao elevador e apertou o botão que a levaria de volta ao térreo. Seu coração começou a se encher de alegria ao pensar que Duan a amava. Em todas aquelas vezes, eles *estavam* fazendo amor, e não apenas sexo. Ele realmente a amava e não dissera isso por medo de ficar entre ela e seu sonho de ir à faculdade de medicina.

Será que ele não sabia que agora era parte do sonho dela, e que Kim tinha chances de ter tudo aquilo estando ao lado dele? Aparentemente não. Então agora ela seria a pessoa a lhe dizer isso, e não iria perder tempo.

– Sua reunião com Terrence já acabou?

Kim piscou, percebendo que a porta do elevador estava aberta e que Debbie estava em pé diante dela, encarando-a.

– Oh, não. É que acabou de surgir uma emergência que preciso resolver. Avise a Terrence que telefonarei para ele mais tarde para remarcar nossa reunião.

– Tudo bem.

Kim se dirigiu para a porta de saída rapidamente, pegando as chaves do carro na bolsa. Iria para o aeroporto. Destino? Atlanta, Geórgia.

## Capítulo 18

**D**UAN SE recordou da conversa que tivera com Terrence antes de deixar o escritório. Talvez seu irmão estivesse certo e ele devesse contar a Kim como se sentia.

Para qualquer um que não conhecesse Duan, ele provavelmente parecia estar calmo, tranquilo e contido. Um homem definido por suas conquistas, alguém que sabia o que queria e estava orgulhoso do que possuía. Um homem relutante em demonstrar suas emoções para muitas pessoas. Uma pessoa reservada. Definitivamente não um homem que desnudaria sua alma a qualquer pessoa. E Duan admitia que, antes de conhecer Kim, tal imagem provavelmente lhe fazia jus.

Mas agora ele também era um homem que sabia como era amar uma mulher, amar verdadeiramente uma mulher. Agora ele entendia as lágrimas de seu pai naquele dia. Compreendia a dor de amar alguém e não ter esse amor correspondido. Embora estivesse certo de que a profundidade da tristeza de seu pai tivesse sido mais intensa do que a dele, devido à traição da esposa, o resultado era que amor era amor de qualquer ângulo. E ele admitia ser um homem apaixonado. E a parte triste é que a mulher que possuía o coração dele não fazia a menor ideia disso.

Ele se dirigiu para a cozinha a fim de preparar um daqueles jantares de micro-ondas quando a campainha tocou. Deu meiavolta, perguntando-se

quem diabos poderia ser. Não estava de bom humor e a última coisa que queria era companhia.

Sem se dar ao trabalho de conferir pelo olho mágico, Duan abriu a porta, pronto para mandar a pessoa ao inferno por ter a coragem de incomodá-lo em uma noite de quinta-feira.

A respiração dele ficou presa na garganta e sentiu-se cambaleiar para trás. Piscou, pensando estar vendo coisas. Quando percebeu que não estava, perguntou com uma voz chocada:

– Kim, o que está fazendo aqui?

Ela sorriu, e aquele sorriso o afetou de forma inexplicável, e toda a frustração e raiva que ele sentia pareceram derreter.

– Eu estava me perguntando, Duan, se você gostaria de brincar um pouquinho.

DUAN PISCOU novamente, mas quando percebeu o que tinha perguntado ele estendeu a mão e puxou Kim para seus braços, beijando-a. Então a carregou e bateu a porta com o pé.

Ele teve um vago vislumbre de Kim jogando a bolsa no sofá. Mas o que se destacou em sua mente, mais do que qualquer coisa, foi quando a levou para o quarto e começou a despi-la antes de arrancar as próprias roupas, estourando botões em meio à pressa.

Ah, sim, eles iriam brincar. Em seguida, mais tarde, eles iriam conversar.

Ele olhou para ela e quase teve um orgasmo ali mesmo. Kim estava apoiada nos travesseiros naquela posição sexy e de dar água na boca da qual ele tanto gostava. As pernas estavam entreabertas, mostrando tudo, e o cheiro dela o estava deixando louco. Definitivamente era um momento afrodisíaco.

Avançou até ela, mas achava que precisava deixar uma coisa bem clara antes:

– Nós não estamos fazendo sexo, Kim.

Ela sorriu.

– Não estamos?

– Não.

– Então, o que é que estamos prestes a fazer?

– Amor – respondeu rapidamente.

O joelho de Duan tocou o colchão e ele estendeu a mão para Kim. Puxando-a, sussurrou de encontro aos seus lábios:

– Eu nunca conseguiria simplesmente ter relações sexuais com a mulher que amo.

Pronto, estava dito, e ele tinha esperanças e rezava para que Terrence estivesse certo, que talvez, possivelmente, as coisas pudessem funcionar entre eles e que ela se importasse com ele também.

Kim ficou de joelhos e colocou os braços em volta do pescoço de Duan. Ele inspirou fundo ao sentir os mamilos duros pressionando seu peito. Ela sustentou o olhar dele, pincelando o contorno dos lábios com a língua algumas vezes antes de dizer:

– É bom ouvir isso, Duan, porque você é o homem que eu amo.

Naquele momento, tudo explodiu dentro de Duan e ele agarrou a nuca de Kim, baixando a boca para a dela, devorando-a em um beijo que só os dois seriam capazes de compartilhar. Foi um beijo para deixá-los sabendo que, sem sombra de dúvida, não importava o que acontecesse, tinham sido feitos um para o outro e *ficariam* juntos.

Ele se demorou apreciando cada pedacinho do corpo dela, amando-a, saboreando-a e transformando-a em energia sexual em seus braços. Quando baixou a cabeça entre as coxas firmes e separou suas dobras com os dedos delicadamente, ele investiu a língua e começou a acariciá-la desde a ponta do clitóris, entrando e saindo, lambendo-a com uma avidez que o consumia. Kim gritou o nome dele e estendeu a mão para lhe agarrar a cabeça e estimular a língua a ir ainda mais fundo dentro de si. Para lhe oferecer mais de seu sabor. Para oferecer mais de si... quando um orgasmo lhe rasgou o corpo.

Antes que o clímax diminuísse, Duan deslizou entre as mesmas coxas e a penetrou, jogando a cabeça para trás em um gemido gutural, achando bom estar de volta dentro dela. E ao adentrar completamente começou a se movimentar em investidas longas e profundas, sondando dentro e fora, para trás e para a frente, unindo-se a ela, fazendo amor com ela, fazendo com

que ambos os corpos estremecessem no que devia ser o prazer mais completo que duas pessoas poderiam compartilhar.

E quando ela gritou o nome dele outra vez, Duan soube que estava prestes a acompanhá-la. Algo explodia dentro dele, explodia à enésima potência, e ele lançou sua semente no ventre dela.

– Kim!

Gritou o nome da mulher que amava. A mulher que o completava. A única mulher a quem ele sempre quisera pertencer. Aquela mulher. Sua mulher. E então explodiu novamente quando um novo orgasmo o abateu. Sentiu os músculos internos de Kim apertando-o, tomando-lhe tudo.

Como Duan não tinha mais nada a oferecer, ele se deixou desabar em cima dela, com contentamento e num prazer irracional enlevado.

– DIGA-ME, KIM. Você sabia, não é?

Uma Kim muito extenuada fitou os olhos que a encaravam, os olhos do homem que amava.

– Sim, mas só recentemente – confessou ela num sussurro tenso.

Ela notou a confusão nos olhos dele.

– Mas como...?

– Eu tinha uma reunião com Terrence hoje, depois do trabalho, para repassar os planos para a festa de Sherri, e quando saí do elevador o ouvi conversando com você. Ele tinha colocado a chamada no viva-voz e eu ouvi o que você disse.

Mais confusão lampejou nas profundezas escuras dos olhos dele.

– Mas isso foi há poucas horas.

Ela sorriu.

– Eu sei. Assim que ouvi você dizer que me amava, mas que não tinha certeza se eu amava você, soube que tinha que vir até aqui e dizer isso pessoalmente. Assim, sem Terrence nem mesmo saber que estive lá, eu saí e segui diretamente para o aeroporto.

Um olhar de incredulidade brilhou no rosto de Duan.

– Sem nem mesmo ter comprado as passagens?

Kim deu uma risada.

– A passagem foi o menor dos meus problemas. Eu tive que telefonar para o hospital a fim de avisar que não trabalharia amanhã. Felizmente eu tinha uma folga programada para este fim de semana, de qualquer forma. Mas a maior burrice foi descobrir que eu não tinha seu endereço só depois de ter entrado no táxi e o motorista ter perguntado para onde eu estava indo. Eu tive que telefonar para Sherri.

Duan jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Kim não conseguiu evitar também a risada quando pensou na situação, embora não tivesse sido engraçado na hora.

– Então acho que você pode dizer que minha visita foi bastante espontânea.

Duan sorriu de orelha a orelha.

– Sim, acho que seria seguro dizer que sim. *Espontânea* definitivamente é a palavra do dia, e parece que é o padrão para nós.

– E, se você percebeu, eu estava usando meu uniforme de enfermeira, o que significa que, a menos que pretenda que eu fique circulando nua o fim de semana inteiro, vou precisar de mais roupas. E de alguns produtos de higiene pessoal.

– Ter você circulando nua não será um problema para mim – informou Duan. – Na verdade, eu gosto bastante da ideia. Quanto aos produtos de higiene pessoal, basta fazer uma lista de tudo que você precisa e sairei para comprar.

Ele estendeu a mão e roçou a ponta do dedo no queixo dela.

– Eu estava falando sério quando conversei com Terrence, Kim. Não vou ficar no caminho para o seu sonho. Você *vai* para a faculdade de medicina.

Os cantinhos dos lábios dela se curvaram em um sorriso.

– Sim, eu vou para a faculdade de medicina. Mas Terrence estava certo, Duan. Você e eu podemos fazer qualquer coisa funcionar porque nós nos amamos. Vou para a faculdade de medicina, e no voo até aqui escolhi a instituição, pois fui aceita em várias delas. Vou aceitar a oferta da Emory University, aqui em Atlanta. Isso significa que você vai ter uma companheira de quarto por um tempo, Duan Jeffries.

Kim examinou o rosto de Duan para ver como a sugestão de morar com ele seria recebida, principalmente porque ela estaria desempregada e estudando em período integral. Pelo sorriso de Duan, notou que ele havia gostado da ideia.

– Eu adoraria dividir esta casa com você, Kim – falou, inclinando-se mais perto dela. – Mas apenas como uma companheira de quarto de curto prazo.

Ele se esticou para a gaveta do criado-mudo atrás de si e pegou uma caixinha. Kim a reconheceu imediatamente. Era o anel da avó dele. O anel que ela havia devolvido algumas semanas atrás. O anel que tinha se acostumado a usar. Pelo qual tinha se apaixonado. O anel que ficava perfeito em sua mão.

As lágrimas encheram os olhos de Kim quando Duan pegou sua mão.

– Prefiro ter você como minha esposa, em vez de companheira de quarto. Kim, você quer casar comigo? Ser a mãe de nossos filhos? Confia em mim para fazer você feliz? E saiba que, no dia em que você se tornar a dra. Kimani Cannon Jeffries, vou ser tão feliz quanto você, e que vou estimá-la, honrá-la e amá-la para sempre.

Kim sorriu e arqueou as sobrancelhas.

– E você vai brincar comigo sempre que eu quiser?

Ele riu.

– Sim, querida, vou brincar com você quando você quiser.

– Nesse caso, sim, aceito me casar com você.

Duan deslizou o anel pelo dedo dela, inclinou-se e a beijou com todo o desejo e avidez de um homem apaixonado. Quando finalmente recuou, ela sorriu, colocou os braços ao redor do pescoço dele e disse:

– Estou pronta para brincar um pouco mais.

E assim eles fizeram.

# flor da pele

**MARCANTE**

*KATHLEEN O'REILLY*

Jamie McNamara estava na rua em frente à Grand Central Station e balançou a cabeça em descrença. Dois milhões de passageiros compartilhavam da mesma situação deplorável. Encalhados, presos, ilhados em Manhattan.

*Por que logo hoje? Dentre todos os dias. Por que não amanhã, quando Connecticut realmente não vai ter importância?*

– Este não é um problema insuperável – disse uma voz grave e estimulante atrás dela, obviamente alheia à raiva que estava a ponto de ferver dentro de Jamie.

*Insuperável. Tá, até parece. Como se ela pudesse simplesmente caminhar os 150 quilômetros que separavam a Grand Central de Stamford... Usando nada menos que saltos Jimmy Choo. Não nesta vida.*

Jamie se virou, em parte para condenar a voz presunçosa. Um lado dela, porém, o lado malicioso, feminino, queria conferir se o rosto combinava com o timbre das cordas vocais.

– Só queria agradecer pelas palavras encorajadoras – disse ela ao ser flagrada pelos olhos escuros. Quase negros. Então Jamie notou o terno, a pasta de couro, o mesmo casaco cinza que quase a havia atropelado mais cedo quando ela corra para pegar o último trem.

Muito sensual, contudo, muito rude.

Que sorte. As pessoas falavam sobre a sorte dos irlandeses, mas nunca se ouvia falar sobre a sorte dos escoceses. Isso porque eles não tinham nenhuma.

Os olhos escuros cintilaram para ela novamente. De forma eficiente, como um contador checando logo para a última linha da planilha. Jamie sentiu um leve rubor e se açoitou mentalmente devido ao lapso de confiança. Também estava classicamente vestida, arrumada e elegante. “Estude bastante”, sua mãe costumava dizer. “Existem mulheres que são valorizadas pelo visual. Nós não somos como elas.”

– Com licença – disse Jamie, roçando na figura intensamente musculosa. O terno não escondia o físico dele, mas o ressaltava, do jeito que só uma peça personalizada é capaz de fazer.

Lã italiana. Provavelmente Sergei Brand. Então ela percebeu o que estava fazendo e parou, lembrando a si de sua atual fase “livre de homens”, o que parecia muito mais aceitável do que “meu último namorado se casou com minha secretária, Amber”.

Todd vivia se lamuriando do fato de Jamie trabalhar tanto, mas não fazia sua reclamação diretamente com ela. Ah, não, ele preferia se abrir ao telefone com Amber, e quando Jamie perguntava “Qual é o problema?” ele respondia “Nada”.

Jamie lera o anúncio de noivado no *The New York Times*, antes mesmo de Todd ter coragem de contar a ela pessoalmente. Aquilo tinha sido há quase dois anos, e desde então ela restringira seus relacionamentos praticamente à inexistência.

A velha raiva explodiu dentro dela, fluindo como uma gosma líquida e quente. Jamie deu uma cotovelada na pasta do sujeito de terno... Não foi exatamente um acidente... Depois andou em direção ao tráfego da rua, lutando contra todos os outros passageiros por um dos seis táxis que estavam em serviço. Ela levantou a mão para chamar um carro, se postando à frente de um turista tranquilo.

– Devíamos dividir um carro – sugeriu o sujeito de terno que agora estava ao lado dela.

Jamie baixou a mão. Um táxi, ocupado, é claro, buzinou para que saísse do caminho, então ela pulou para a calçada, antes de dar outra boa olhada no homem de terno.

*Dividir um carro?*

Era uma sugestão fascinante porque o convite não fora incitado por razões econômicas. Claramente, ambos compartilhavam do mesmo escalão financeiro. Poderia ser por praticidade, dois estranhos que precisavam encontrar um jeito de sair da cidade depois que uma queda de energia causara uma paralisação no transporte público.

*Mas e se os motivos fossem mais carnis? A boa e velha luxúria.*

PRÓXIMO LANÇAMENTO

 HARLEQUIN®

Edição  
9

 flor  
da pele

MARCANTE

kathleen o'reilly

**O que pode acontecer dentro de uma limusine presa no trânsito?**

Jamie McNamara ficou conhecida em Wall Street por sua atitude arrojada e determinação arrebatadora. Mas a vida íntima dela sempre foi um desastre. Para sua própria surpresa, ela se vê seduzindo dentro de uma limusine Andrew Brooks, um sexy corretor de investimentos a caminho de uma reunião. Quando a breve aventura erótica se torna o post principal do blog "Red Choo Diaries", ela percebe que sua reputação pode ser destruída. Andrew sabe quando alguma coisa é boa logo na primeira vez em que a vê... E ele quer Jamie. Consumido pela energia e pela paixão daquela mulher, ele tem planos para transformar o encontro fortuito em um investimento de longo prazo com alta taxa de retorno!

 HARLEQUIN®  
TM

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

[www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15a

Jackson, Brenda (Brenda Streater), 1953-  
Ardente [recurso eletrônico] / Brenda Jackson; tradução Fernanda Lizardo. - [8.  
ed]. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.  
recurso digital

Tradução de: Spontaneous  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-398-1182-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Lizardo, Fernanda. II. Título.

14-08319

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão,  
no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou  
mortas é mera coincidência.

Título original: SPONTANEOUS  
Copyright © 2010 by Brenda Streater Jackson  
Originalmente publicado em 2010 por Harlequin Blaze

Arte-final de capa:  
Ô de casa

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.  
Rua Argentina, 171, 4º andar  
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

Capa

Teaser

Querida leitora

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Próximos lançamentos

Créditos